

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ERNESTO AUGUSTO GARBE



FATORES QUE AFETAM A COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS BRASILEIRA
NO COMÉRCIO INTERNACIONAL E PROPOSTAS PARA MELHORIAS

CURITIBA - PR
2012

ERNESTO AUGUSTO GARBE

FATORES QUE AFETAM A COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS BRASILEIRA
NO COMÉRCIO INTERNACIONAL E PROPOSTAS PARA MELHORIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal do Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Engenharia Florestal.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Tomaselli

CURITIBA - PR
2012

Ficha catalográfica elaborada por Denis Uezu – CRB 1720/PR

Garbe, Ernesto Augusto

Fatores que afetam a competitividade da indústria de móveis brasileira no comércio internacional e propostas para melhorias / Ernesto Augusto Garbe. – 2012

109 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Tomaselli

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal. Defesa: Curitiba, 25/05/2012.

Área de concentração: Tecnologia e Utilização de Produtos Florestais.

1. Móveis - Exportação. 2. Indústria de móveis - Brasil. 3. Mobiliário – Comércio exterior - Brasil. 4. Teses. I. Tomaselli, Ivan. II. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias. III. Título.

CDD – 684.1

CDU – 634.0.836.1

Pelo apoio e incentivo incansáveis desenvolvendo condições que supriram minhas necessidades, desde a pré-escola até a conclusão desta bonita etapa da minha vida,
à minha esposa Sabine, aos meus pais Walter e Marilin e
à minha irmã Carolina e seu noivo Antônio,

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os colegas de classe que foram parceiros e amigos em todos os momentos. Agradeço também a todos os professores que ministraram aulas do Mestrado e todo suporte ofertado pelo pessoal da secretaria da Pós-Graduação.

Agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Dr. Ivan Tomaselli, ao qual tenho profunda admiração e que me forneceu condições para que pudesse realizar com qualidade este trabalho. São inestimáveis os aprendizados absorvidos por mim neste período de trabalhos no mestrado.

Agradeço à co-orientação do Prof. Dr. Márcio Pereira da Rocha e à banca examinadora.

Agradeço também a todos os autores e co-autores das mais de 3.000 páginas lidas para formação do conhecimento necessário para a revisão de literatura e evolução do presente estudo.

À Garbe Consultoria, empresa a qual sou sócio fundador e que sem o apoio especial do grande amigo e sócio Gilson Kolenez, seria muito difícil a obtenção de êxito neste trabalho.

À Universidade Federal do Paraná – UFPR e ao programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal por todo o suporte. E ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ pelo apoio financeiro.

RESUMO

A indústria moveleira é um segmento industrial importante para o desenvolvimento econômico e social nacional. Este segmento envolve cerca de 1,5 milhões de brasileiros, agrega valor e fatura anualmente mais de US\$5 bilhões. As exportações de móveis do Brasil, que já foram superiores a US\$1 bilhão, declinaram nos últimos anos. O pólo de São Bento do Sul tem sido responsável por cerca de 40% do total exportado. O comércio internacional de móveis cresce em taxa superior à do mercado interno, sendo por isso fundamental a participação das empresas nas exportações de móveis. Existem, no entanto, fatores que tem influenciado a competitividade brasileira da indústria de móveis no mercado internacional, e isto tem reduzido as exportações. Empresários do setor tem considerado que a valorização do Real (R\$) frente às principais moedas globais tem sido o principal fator afetando a competitividade brasileira no mercado internacional. Este estudo tem como objetivo gerar conhecimentos para apoiar a indústria moveleira do Brasil, em especial do pólo de São Bento do Sul, na identificação dos fatores afetando a competitividade e orientar na implantação de soluções que possam garantir a sustentabilidade das operações, com base em uma participação crescente no mercado internacional. Os resultados do estudo indicam que o principal fator afetando a competitividade é a produtividade. Para melhorar a produtividade e ganhar competitividade é necessário investir em capacitação e tecnologia, diminuindo a ociosidade nas operações relacionadas à gestão, produção e comércio. Outros fatores também são importantes e devem ser considerados em um processo de transformação e desenvolvimento da indústria de móveis visando o ganho de competitividade, no entanto o câmbio, embora seja um fator que afeta, não é o mais relevante.

Palavras-chave: Móveis. Comércio Internacional. Competitividade. Exportações. Proposta de ações. Índice. Indicadores. Fatores. Produtividade. Programa de Desenvolvimento.

ABSTRACT

The furniture industry is an important sector for the national socio and economic development. This industry involves around 1.5 million Brazilians, add value and has an turnover of more than US\$5 billion per year. The furniture exports from Brazil, which have been over US\$1 billion has declined along the last years. São Bento do Sul furniture industry has contributed with around 40% of total exports. The international trade of furniture is growing faster than the domestic market, and therefore is important that the industry focus on exports. Nevertheless there are affecting the competitiveness of the Brazilian furniture industry in the international market and this has contributed to reduce exports. Furniture entrepreneurs consider that the appreciation of the Real (R\$) against the main world currency has been the main factor affecting the competitiveness of the Brazilian furniture industry in the international market. The objective of this study is generate knowledge to support the Brazilian furniture industry, in particular the furniture industry of São Bento do Sul to identify the main factors affecting the competitiveness in the international market and to propose actions to ensure the sustainability of operations based on a growing share of the international trade. The study identified that the major factor affecting the furniture industry competitiveness is productivity. To solve the problem it is needed to invest in capacity building and technology reducing inefficiency in management, production and trade related operations. There are other factors affecting the competitiveness of the furniture industry, nevertheless the exchange rate, although has some effect, is not relevant.

Keywords: Furniture. Foreign Trade. Competitiveness. Exports. Proposed actions. Index. Indicators. Factors. Productivity. Development Program.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE MÓVEIS (US\$BILHÕES)	16
FIGURA 2 - MAIORES EXPORTADORES E EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES (BILH\OES US\$)	18
FIGURA 3 - MAIORES IMPORTADORES E EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES (BILH\OES US\$)	20
FIGURA 4 - EVOLUÇÃO NO CONSUMO DE MÓVEIS NOS PAÍSES EM 2010 (%) E TAMANHO DOS MERCADOS	21
FIGURA 5 – PORCENTAGEM DE EMPRESAS BRASILEIRAS QUE NÃO SE RECUPERARAM DA CRISE DE 2008 EM 2010	23
FIGURA 6 – LOCALIZAÇÃO DO PÓLO MOVELEIRO DE SÃO BENTO DO SUL	25
FIGURA 7 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%).....	27
FIGURA 8 - TAXA DE LUCRATIVIDADE DAS EMPRESAS MOVELEIRAS DE SÃO BENTO DO SUL POR TIPO DE MERCADO	27
FIGURA 9 – EVOLUÇÃO DE FATURAMENTO AOS MERCADOS INTERNO E EXTERNO.....	28
FIGURA 10 – FATURAMENTO MÉDIO DAS EMPRESAS MOVELEIRAS DE SÃO BENTO DO SUL.....	29
FIGURA 11 - DIAGRAMA CAUSAL DE FATORES EXTRA-SETORIAIS QUE AFETAM A COMPETITIVIDADE.....	32
FIGURA 12 - DIAGRAMA CAUSAL DE FATORES INTRA-SETORIAIS QUE AFETAM A COMPETITIVIDADE EMPRESARIAL DE BASE FLORESTAL	33
FIGURA 13 - CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA ENTRE 26 PAÍSES LATINO-AMERICANOS E PONTUAÇÃO ALCANÇADA SEGUNDO METODOLOGIA IAIF	34
FIGURA 14 - INDICADORES BRASILEIROS UTILIZADOS PARA A CLASSIFICAÇÃO DO IAIF.....	35

FIGURA 15 – FASES DO PROCESSO DE MELHORIA DO CLIMA DE NEGÓCIOS PARA INVESTIMENTOS NO SETOR FLORESTAL.....	36
FIGURA 16 - ENTRAVES À EXPANSÃO DAS EXPORTAÇÕES DAS EMPRESAS BRASILEIRAS.....	36
FIGURA 17 - PRINCIPAIS ENTRAVES IDENTIFICADOS PELAS EMPRESAS MOVELEIRAS EM TERMOS DE EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS (%).....	37
FIGURA 18 - ENTRAVES PÓS-PRODUÇÃO IDENTIFICADOS PELAS EMPRESAS MOVELEIRAS EM TERMOS DE EXPORTAÇÕES (%).....	38
FIGURA 19 - VARIAÇÃO NOS CUSTOS E PREÇOS (US\$) E INFLAÇÃO NO BRASIL (JAN 2004 A JAN 2011)	39
FIGURA 20 – INFLAÇÃO ACUMULADA, VARIAÇÃO DOS CUSTOS E PREÇOS DE MÓVEIS E INSUMOS (US\$) NO PERÍODO DE 7 ANOS (2004-2010).....	40
FIGURA 21 - HISTÓRICO DA INFLAÇÃO BRASILEIRA ENTRE 1930 ATÉ 2005.....	43
FIGURA 22 - INFLAÇÃO BRASILEIRA ENTRE 1998 ATÉ 2010.....	43
FIGURA 23 - NÍVEL DE INFLAÇÃO POR PAÍS EM 2010	44
FIGURA 24 - NÍVEL DE VALORIZAÇÃO DA MOEDA LOCAL DOS PAÍSES ENTRE 2002 e 2011	45
FIGURA 25 - TOTAL DE IMPOSTOS A PAGAR NO BRASIL (% SOBRE O LUCRO LÍQUIDO)	47
FIGURA 26 - TRIBUTOS QUE MAIS AFETA A COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES (%)	48
FIGURA 27 - DIAGRAMA DA FASE I - PROMOÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E COMITÊ COORDENADOR.....	57
FIGURA 28 - DIAGRAMA DA FASE II - DIAGNÓSTICO E ESTRATÉGIA	58
FIGURA 29 - EVOLUÇÃO DOS MERCADOS NACIONAL E COMÉRCIO INTERNACIONAL DE MÓVEIS	60
FIGURA 30 - FATORES QUE AFETAM A COMPETITIVIDADE NAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS	62
FIGURA 31 - FATORES SELECIONADOS PARA COMPOR O ÍNDICE DE COMPETITIVIDADE DE EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS	63

FIGURA 32 – PONTUAÇÃO E PONTUAÇÃO DIFERENCIAL DOS INDICADORES, SUB-ÍNDICES E ICEM DO BRASIL.....	81
FIGURA 33 – FATORES, SUB-ÍNDICES E SUA INTERFERÊNCIA PONDERADA NO ICEM BRASIL	82
FIGURA 34 - DIAGRAMA CAUSAL DO FATOR PRODUTIVIDADE	88
FIGURA 35 – PRODUTIVIDADE POR PAÍS (US\$)	108

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS POR PAÍSES MAIS RELEVANTES DE 2007 A 2010	17
TABELA 2 – IMPORTAÇÕES DE MÓVEIS POR PAÍSES MAIS RELEVANTES DE 2007 A 2010	19
TABELA 3 - PRODUÇÃO, EXPORTAÇÕES, IMPORTAÇÕES E CONSUMO DE MÓVEIS DO BRASIL (MILHÕESUS\$)	22
TABELA 4 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%).....	26
TABELA 5 - VALORIZAÇÃO DA MOEDA LOCAL FRENTE AO DÓLAR ESTADUNIDENSE, MOEDA E VALORIZAÇÃO PERCENTUAL MÉDIA ENTRE 2002 E 2011	46
TABELA 6 - DADOS DO FATOR "INFLAÇÃO" E INDEXAÇÃO	65
TABELA 7 - DADOS DO FATOR "TAXA DE CÂMBIO" E INDEXAÇÃO	67
TABELA 8 - DADOS DO FATOR "CARGA TRIBUTÁRIA" E INDEXAÇÃO	68
TABELA 9 - DADOS DO FATOR "CUSTO LOGÍSTICA" E INDEXAÇÃO.....	69
TABELA 10 - DADOS DO FATOR "DISTÂNCIA AOS PAÍSES CONSUMIDORES" E INDEXAÇÃO	71
TABELA 11 - DADOS DO FATOR "CUSTO DA MÃO DE OBRA" E INDEXAÇÃO.....	72
TABELA 12 - DADOS DO FATOR "PRODUTIVIDADE " E INDEXAÇÃO.....	74
TABELA 13 - MÉDIA GERAL E PREÇOS PRATICADOS PARA MATÉRIA PRIMA MADEIRA (US\$/M3).....	75
TABELA 14 - DADOS DO FATOR "CUSTO DA MATÉRIA PRIMA MADEIRA" E INDEXAÇÃO	76
TABELA 15 - CLASSIFICAÇÕES SUPRA, INTER E INTRA SETORIAIS PARA OS PAÍSES ESTUDADOS	77
TABELA 16 - CLASSIFICAÇÃO DO ICEM E POTENCIAL DE CRESCIMENTO DOS PAÍSES	79
TABELA 17 - CLASSIFICAÇÃO POTENCIAL POR FATOR DE AUMENTO DA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS	83

TABELA 18 – VALORES SELECIONADOS PARA O FATOR INFLAÇÃO POR ANO E ACUMULADO ENTRE 2001 e 2011 (%).....	99
TABELA 19 – VALORES SELECIONADOS PARA O FATOR TAXA DE CÂMBIO (%)	100
TABELA 20 – VALORES UTILIZADOS PARA O CÁLCULO DO INDICADOR CARGA TRIBUTÁRIA (%/LUCRO)	101
TABELA 21 – VALORES UTILIZADOS PARA O CÁLCULO DO INDICADOR CUSTO LOGÍSTICO (US\$)	102
TABELA 22 – VALORES DE DISTÂNCIA MÉDIA UTILIZADOS PARA O INDICADOR DISTÂNCIA PAÍSES (MIL KM).....	103
TABELA 23 - SALÁRIOS MÍNIMOS DOS PAÍSES (US\$).....	104
TABELA 24 - NÚMERO DE OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DOS PAÍSES	106
TABELA 25 - PRODUÇÃO DE MÓVEIS DOS PAÍSES (MILHÕES US\$).....	107
TABELA 26 - PREÇOS DE MADEIRA SERRADA (US\$/M3).....	109

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PRINCIPAIS MOTIVADORES À EXPORTAÇÃO.....	30
QUADRO 2 - PRINCIPAIS OBSTÁCULOS À EXPORTAÇÃO.....	31
QUADRO 3 - FATORES SELECIONADOS QUE COMPÕEM O ÍNDICE DE COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS.....	64
QUADRO 4 - FONTE E ANO BASE DOS DADOS DE OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA MOVELEIRA UTILIZADOS NA ELABORAÇÃO DO INDICADOR PRODUTIVIDADE.....	105

LISTA DE EQUAÇÕES

EQUAÇÃO 1 - FÓRMULA PARA INDEXAÇÃO DOS INDICADORES QUE COMPÕEM O ICEM.....	53
EQUAÇÃO 2 - FÓRMULA PARA CÁLCULO DOS SUB-ÍNDICES QUE COMPÕEM O ICEM	54
EQUAÇÃO 3 - FÓRMULA PARA CÁLCULO DO ÍNDICE DE COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS.....	55

LISTA DE SIGLAS

APEX	- Agência Brasileira de Promoção das Exportações e Investimentos
APL	- Arranjo Produtivo Local
BCB	- Banco Central do Brasil
BID	- Banco Interamericano do Desenvolvimento
CC	- Comitê Coordenador
CNI	- Confederação Nacional da Indústria
CSIL	- Centre for Industrial Studies
DIEESE	- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
FGV	- Fundação Getúlio Vargas
FIPE	- Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo
FMI	- Fundo Monetário Internacional
FOB	- Free on Board
IAIF	- Índice de Atratividade do Investimento Florestal
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICEM	- Índice de Competitividade das Exportações de Móveis
ICMS	- Imposto de Circulação de Mercadorias
ICV	- Índice de Custo de Vida (ICV-Dieese)
IGP	- Índice Geral de Preços
INPC	- Índice Nacional de Preços ao Consumidor
IPA	- Índice de Preços por Atacado
IPC	- Índice de Preços ao Consumidor
IPCA	- Índice de Preços ao Consumidor Ampliado
IPI	- Imposto para Produtos Industrializados
MDIC	- Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
NCM	- Nomenclatura Comum do Mercosul
PIB	- Produto Interno Bruto
PPC	- Paridade do Poder de Compra

- PRODIMOV - Processo de Desenvolvimento da Competitividade da Indústria Moveleira
- PROMECIF - Processo de Melhoria do Clima de Investimentos Diretos no Setor Florestal
- SESI - Serviço Social da Indústria

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2. REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA	16
2.1 COMÉRCIO INTERNACIONAL DE MÓVEIS.....	16
2.2 A INDÚSTRIA MOVELEIRA NACIONAL.....	22
2.3 A INDÚSTRIA DO POLO DE SÃO BENTO DO SUL	24
2.4 ELEMENTOS QUE AFETAM AS EXPORTAÇÕES	29
2.5 COMPETITIVIDADE E FATORES QUE AFETAM AS EXPORTAÇÕES	31
2.5.1 Índice de Atratividade de Investimentos Florestais - IAIF.....	32
2.5.2 Fatores afetando as exportações das empresas brasileiras	36
2.5.3 Fatores que afetam a indústria de móveis.....	37
3. MATERIAIS E METODOLOGIA DE ESTUDO	51
3.1 ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS.....	51
3.2 SELEÇÃO DE PAÍSES.....	51
3.3 FATORES AFETANDO A COMPETITIVIDADE	52
3.3.1 Fatores que afetam	52
3.3.2 Fatores selecionados com maior impacto	52
3.4 ESTRUTURA DO ÍNDICE	53
3.4.1 Cálculo dos indicadores	53
3.4.2 Cálculo dos sub-índices	54
3.5 CÁLCULO DO ÍNDICE DE COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS... ..	54
3.6 ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DO PÓLO DE SÃO BENTO DO SUL.....	55
3.7 AÇÕES RECOMENDADAS PARA MELHORAR A COMPETITIVIDADE	56
3.7.1 Fase I – Compromisso de mudança.....	56
3.7.2 Fase II – Diagnóstico e definição da estratégia.....	58
3.7.3 Fase III – Execução, Monitoramento e Avaliação	59
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	60
4.1 IMPORTÂNCIA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL PARA INDUSTRIA DE MÓVEIS NO BRASIL	60

4.2 PAÍSES SELECIONADOS	61
4.3 FATORES SELECIONADOS	61
4.4 - INDICADORES, SUB INDICES E ICEM	65
4.4.1 Indicadores.....	65
4.4.2 Síntese dos Sub-Índices.....	77
4.4.3 Índice de competitividade nas exportações de móveis - ICEM	79
4.5 FATORES PRIORITÁRIOS PARA AÇÕES.....	81
4.6 PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL MOVELEIRO – PRODIMOV	84
4.6.1 Fase I – Compromisso de mudança.....	85
4.6.2 Fase II – Definição da estratégia.....	87
4.6.3 Fase III – Execução, Monitoramento e Avaliação	91
5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	92
REFERÊNCIAS.....	94

1 INTRODUÇÃO

A indústria brasileira de móveis é formada por um conjunto de mais de 13.000 empresas. Esta indústria emprega em torno de 233.000 brasileiros, gera cerca de 1.500.000 de empregos diretos, indiretos e correlatos, e tem um faturamento de aproximadamente US\$5 bilhões por ano. Mesmo sendo um setor importante da economia a participação do Brasil no comércio internacional de móveis é de apenas 0,7%. A China, Itália, Alemanha e Polônia foram responsáveis por mais de metade do total de US\$107 bilhões em móveis comercializados internacionalmente em 2011 (CSIL, 2011).

As exportações de móveis do Brasil atingiu US\$1 bilhão em 2008. Após este ano as exportações foram gradualmente reduzidas e em 2010 atingiram US\$733 milhões (MDIC, 2010). A indústria de móveis considera que esta redução das exportações é resultado da valorização da moeda nacional frente às principais moedas internacionais (US\$ e €), e que este fato causou uma redução na competitividade da indústria brasileira de móveis no mercado internacional. O resultado foi uma redução nas exportações e nas atividades da indústria de móveis, que incluiu a desativação de empresas, com redução de renda e geração de desemprego afetando a economia principalmente dos pólos exportadores de móveis no Brasil.

A reação das empresas moveleiras foi direcionada para ganhar maior participação no mercado interno, o que foi possível em função do crescimento econômico nacional e do resultante aumento da demanda. Esta solução é paliativa, e não pode ser considerada como uma estratégia de mercado de longo prazo, uma vez que o comércio internacional cresce acima do consumo global ou nacional. Portanto participar do comércio internacional deve ser considerado como um aspecto importante na estratégia de mercado das empresas.

O principal pólo exportador do Brasil, historicamente com cerca de 40% das exportações, é o pólo de São Bento do Sul. A indústria de móveis de São Bento do Sul é formada por um conjunto de aproximadamente 300 empresas que emprega mais de 7.000 pessoas (PEIEX UNIVILLE, 2011). Como resultado da queda da competitividade do móvel brasileiro no mercado internacional, e seguindo uma tendência nacional, empresas do pólo de São Bento do Sul vêm enfrentando dificuldades econômicas e financeiras, colocando em risco a sobrevivência do pólo. O câmbio tem sido considerado como o principal fator pela

crise, no entanto existem outros fatores que também podem estar contribuindo para a redução da competitividade. A identificação e análise destes fatores é importante para o desenvolvimento de um plano de ação que possa reverter o processo de queda da competitividade do móvel brasileiro no mercado internacional e assegurar a sustentabilidade da indústria moveleira.

Com base nestes aspectos foi desenvolvido este estudo, que identifica e analisa variáveis nacionais e as relacionadas ao moveleiro de São Bento do Sul, o qual tem uma grande participação nas exportações brasileiras de móveis. No entanto, de uma maneira geral, as análises e os resultados se aplicam a toda indústria nacional de móveis. Os objetivos deste estudo são:

- Objetivo Geral

Gerar conhecimentos para apoiar a indústria moveleira nacional na análise de competitividade e contribuir com para a implantação de um processo de ajustes para recuperação da competitividade no mercado internacional visando assegurar a sua sustentabilidade econômica e social no médio e longo prazo.

- Objetivos Específicos

- Identificar e analisar os fatores que afetam a competitividade da indústria moveleira no mercado internacional;
- Contribuir para a criação de um índice para mensurar a competitividade da indústria de móveis;
- Propor ações para melhoria da competitividade no mercado internacional.

2. REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA

Este capítulo apresenta uma revisão bibliográfica dos temas relevantes a este estudo. A indústria de móveis brasileira, ao longo da sua história, foi perdendo o caráter artesanal, e em geral os produtos foram padronizados. Isto foi uma tendência mundial determinante à competitividade. Hoje, a indústria exportadora de móveis de madeira de pinus produz uma *commodity* (Coutinho, 1998), cujo ciclo de reposição está sendo reduzindo, gerando um dinamismo maior na indústria. Com os ganhos de produtividade e novas tecnologias, foi, em geral, reduzindo o preço do produto, diminuindo o caráter de bem de luxo. Mesmo assim, ainda hoje existe espaço no mercado mundial para móveis de alto padrão e personalizados, elaborados com madeiras nobres.

2.1 COMÉRCIO INTERNACIONAL DE MÓVEIS

O comércio internacional de móveis alcançou em 2011, segundo o Centre for Industrial Studies, US\$107 bilhões (CSIL, 2011). A FIGURA 1 mostra a evolução do comércio internacional de móveis.

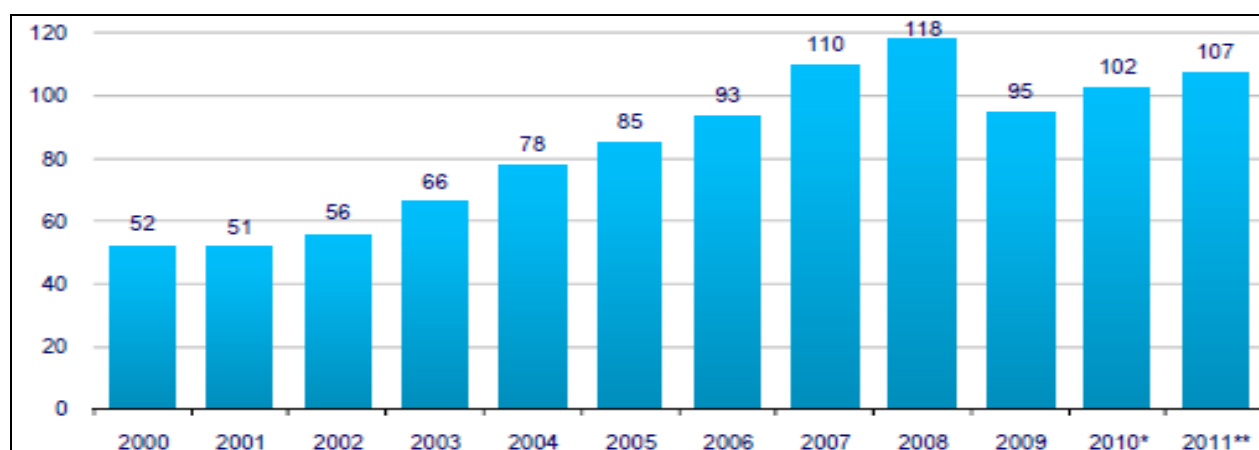


FIGURA 1 – EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE MÓVEIS (US\$BILHÕES)
FONTE: CSIL (2011); *Preliminar; **Projetado

O comércio mundial de móveis foi recorde em 2008, mas houve uma diminuição significativa no ano 2008, causado principalmente pela crise imobiliária norte americana daquele ano..

Na TABELA 1 é apresentada a evolução recente das exportações de móveis de países relevantes. Como o Brasil, a maioria dos países tiveram uma queda superior a 20% entre 2007 e 2009, e uma recuperação em 2010.

TABELA 1 – EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS POR PAÍSES MAIS RELEVANTES DE 2007 A 2010

PAÍS	EXPORTAÇÕES (US\$ mil - FOB)			
	2007	2008	2009	2010
China	50.408.799	52.868.889	38.425.563	50.583.926
Alemanha	13.743.282	14.912.494	9.966.808	14.417.499
Itália	11.978.591	12.971.965	8.501.307	12.824.869
Estados Unidos	5.163.625	6.999.212	5.025.572	8.582.031
Polônia	7.407.153	8.156.731	6.248.370	8.557.735
México	6.753.833	6.047.977	4.519.763	5.416.499
Canadá	5.719.751	5.089.574	3.269.985	4.225.797
França	3.717.251	3.975.013	2.591.513	3.864.624
Vietnã	3.248.977	3.709.993	2.889.014	3.709.993
Bélgica	2.415.121	2.543.464	1.277.074	3.148.486
República Tcheca	2.333.223	2.572.604	1.709.650	2.916.657
Suécia	2.941.437	3.153.840	2.158.054	2.822.608
Malásia	2.567.021	2.730.212	1.885.529	2.669.348
Áustria	2.708.646	2.654.075	1.846.759	2.651.757
Espanha	2.190.748	2.314.339	1.694.615	2.465.381
Reino Unido	2.400.667	2.287.803	1.420.361	2.438.263
Dinamarca	2.704.910	2.560.167	1.651.436	2.384.755
Holanda	2.059.393	2.263.359	1.785.050	2.263.359
Taiwan	2.097.159	2.200.834	1.448.770	2.200.834
Turquia	1.293.084	1.626.950	1.029.268	1.786.677
Indonésia	2.492.194	2.378.120	1.500.040	1.672.918
Romênia	1.278.720	1.281.326	1.171.253	1.649.250
Japão	1.021.396	1.346.239	1.081.950	1.572.409
Portugal	1.045.958	1.126.188	554.813	1.434.469
Tailândia	1.390.040	1.357.718	782.009	1.336.041
Hungria	1.232.553	1.264.022	1.024.476	1.289.157
República Eslovaca	1.064.039	1.235.437	984.398	1.235.437
Lituânia	1.043.070	1.135.026	832.710	1.085.720
Eslovênia	1.236.878	1.270.195	813.575	889.243
Suíça	1.034.109	938.750	746.491	848.457
Brasil	1.003.020	1.017.330	650.789	733.000
Índia	1.043.141	1.071.414	789.971	706.738
Coréia	553.189	685.919	674.214	685.919
Noruega	717.099	852.691	602.662	653.153

Fonte: MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, sistema Radar Comercial (2007-2010)

Dados recentes mostram que as exportações de móveis do Brasil em 2010 foram de US\$733 milhões, o que é ainda 28% inferior à marca de mais de US\$1 bilhão exportados em 2008 (MDIC, 2010).

Dados do CSIL (2011) demonstram o grande crescimento da China em exportações de móveis, em 2005 a China ultrapassou a Itália e atualmente domina cerca de 30% das exportações mundiais de móveis. Os maiores exportadores mundiais de móveis são atualmente a China, Itália, Alemanha e Polônia. Todos estes países, e em especial a China tiveram crescimento rápido na última década (FIGURA 2).

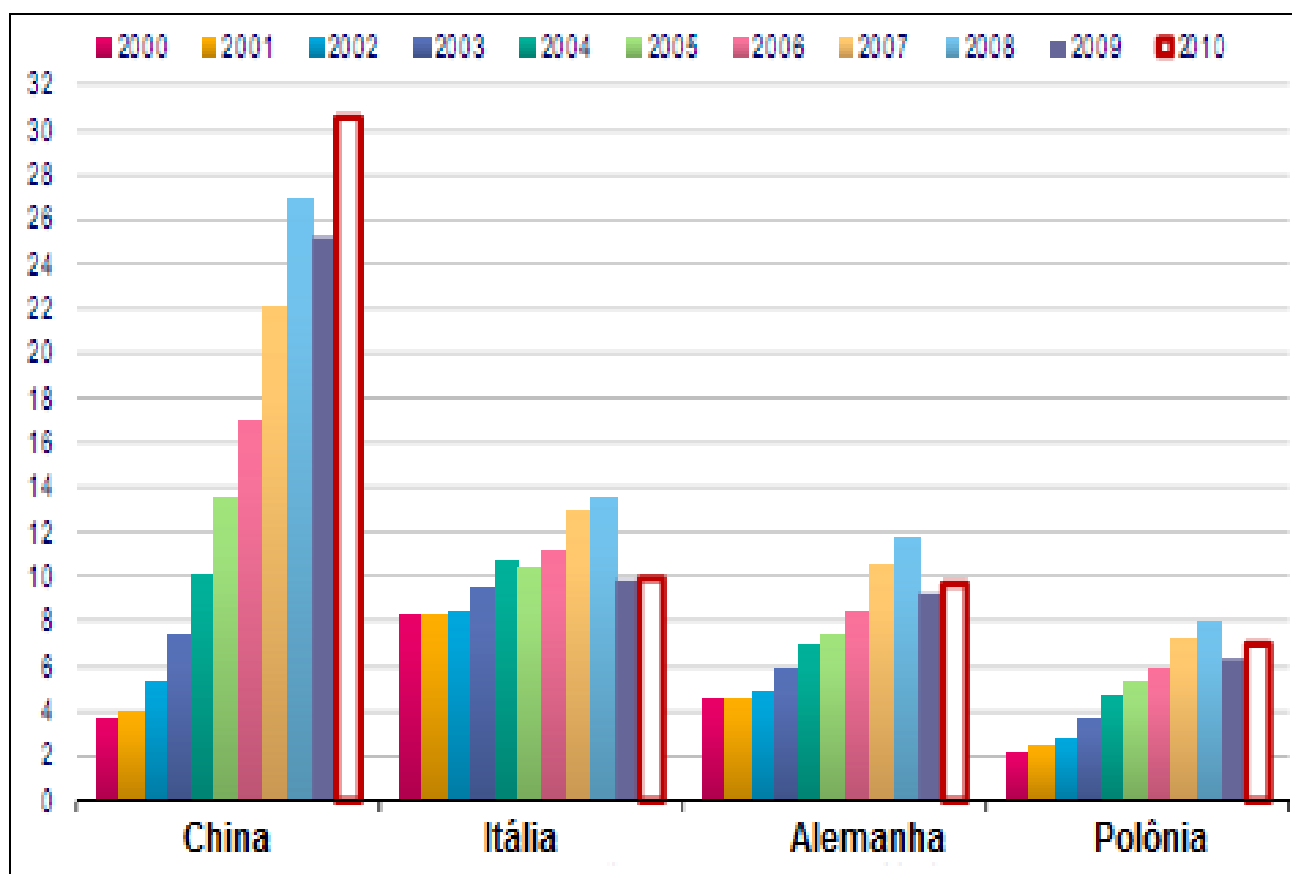


FIGURA 2 - MAIORES EXPORTADORES E EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES (BILHÕES US\$)
 FONTE: CSIL (2011)

A China exportou em 2010 um valor superior à soma das exportações da Itália, Alemanha e Polônia. A China também foi afetada pela crise de 2008 e as exportações decresceram em 2009. Dados consolidados do MDIC (2011) referente às exportações

globais de móveis indicam que o valor total atingiu US\$167 bilhões em 2008. Este valor como um resultado da crise mundial reduziu para US\$117 bilhões em 2009.

Os maiores importadores de móveis do mundo são Estados Unidos, Alemanha, França e Reino Unido. A TABELA 2 mostra as importações dos países mais relevantes, considerando-se dados do MDIC Radar Comercial (2012), entre os anos de 2007 a 2010.

TABELA 2 – IMPORTAÇÕES DE MÓVEIS POR PAÍSES MAIS RELEVANTES DE 2007 A 2010

PAÍS	IMPORTAÇÕES (US\$ mil - FOB)			
	2007	2008	2009	2010
Estados Unidos	44.882.684	41.919.409	32.472.699	41.279.536
Alemanha	13.710.198	15.082.178	13.847.410	15.220.279
França	10.284.960	11.384.802	9.517.121	10.414.062
Reino Unido	11.601.876	11.124.282	8.249.265	9.139.571
Canadá	7.477.628	7.798.936	6.223.465	7.627.878
Japão	6.018.743	6.366.192	5.602.155	6.230.811
Países Baixos	4.386.266	4.891.634	3.927.898	4.175.846
Espanha	5.219.515	5.301.387	3.658.554	4.123.975
Bélgica	4.686.212	4.975.811	4.082.581	3.995.390
Suíça	3.728.420	4.086.876	3.599.410	3.807.283
Itália	3.888.397	3.929.638	3.209.850	3.547.441
Áustria	3.357.701	3.590.598	3.189.852	3.135.000
China	1.299.778	1.526.475	1.841.701	3.060.824
Austrália	2.484.230	2.944.672	2.617.186	3.038.648
Rússia	2.167.362	3.009.680	1.998.116	2.826.875
Suécia	3.038.024	3.214.420	2.257.682	2.592.569
Noruega	2.721.115	2.995.679	2.266.139	2.425.096
México	2.601.069	2.560.274	1.730.797	2.291.846
Polônia	1.869.592	2.424.690	1.705.392	1.851.975
Dinamarca	2.146.529	2.282.103	1.686.821	1.824.373
República Tcheca	1.517.678	1.832.346	1.513.059	1.458.517
Arábia Saudita	915.655	52.655	156.545	1.285.409
Hong Kong	1.332.001	1.281.534	1.081.825	1.205.384
Cingapura	890.046	1.130.675	960.854	1.179.519
Turquia	990.600	1.114.284	789.808	1.080.935
Portugal	1.064.503	1.162.730	926.923	1.019.974
Finlândia	1.064.385	1.215.759	890.948	963.291
Grécia	1.170.678	1.334.721	961.967	789.622
África do Sul	628.059	633.376	488.569	659.392
Índia	528.275	587.495	511.810	642.872
Israel	478.096	557.788	521.034	623.211
Irlanda	1.241.366	1.035.278	656.314	596.286
Hungria	854.584	904.723	607.639	564.997
Romênia	864.730	1.080.490	609.710	560.570

Fonte: MDIC Radar Comercial (2007-2010)

Os grandes importadores, e em especial os Estados Unidos tiveram rápido crescimento nas importações na última década. Como resultado da crise de 2008 a tendência geral foi de queda nas importações, com recuperação em 2010. (FIGURA 3).

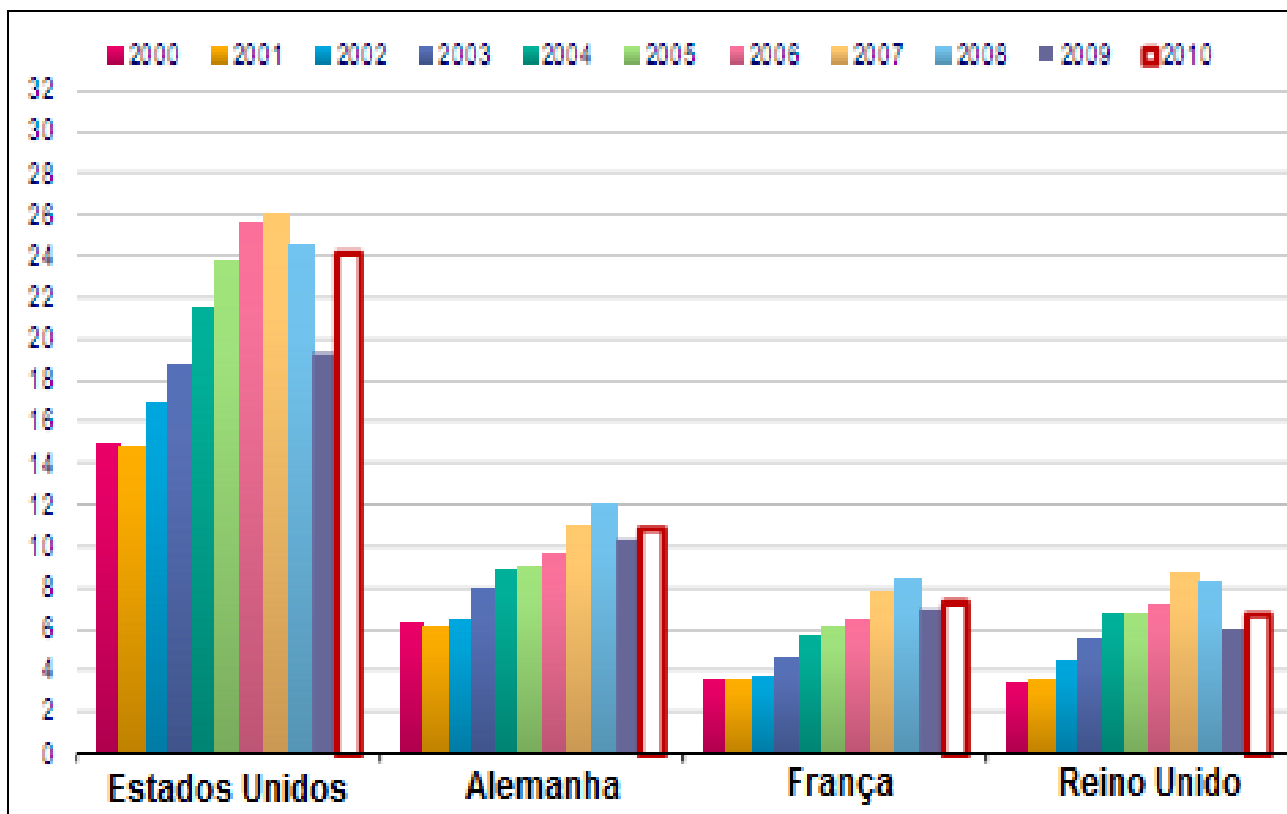


FIGURA 3 - MAIORES IMPORTADORES E EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES (BILHÕES US\$)
 FONTE: CSIL (2011)

A evolução no consumo de móveis e o tamanho do mercado em 2010 é mostrado na FIGURA 4 (CSIL, 2011). Em praticamente todos os países a recuperação em 2010 foi significativa.

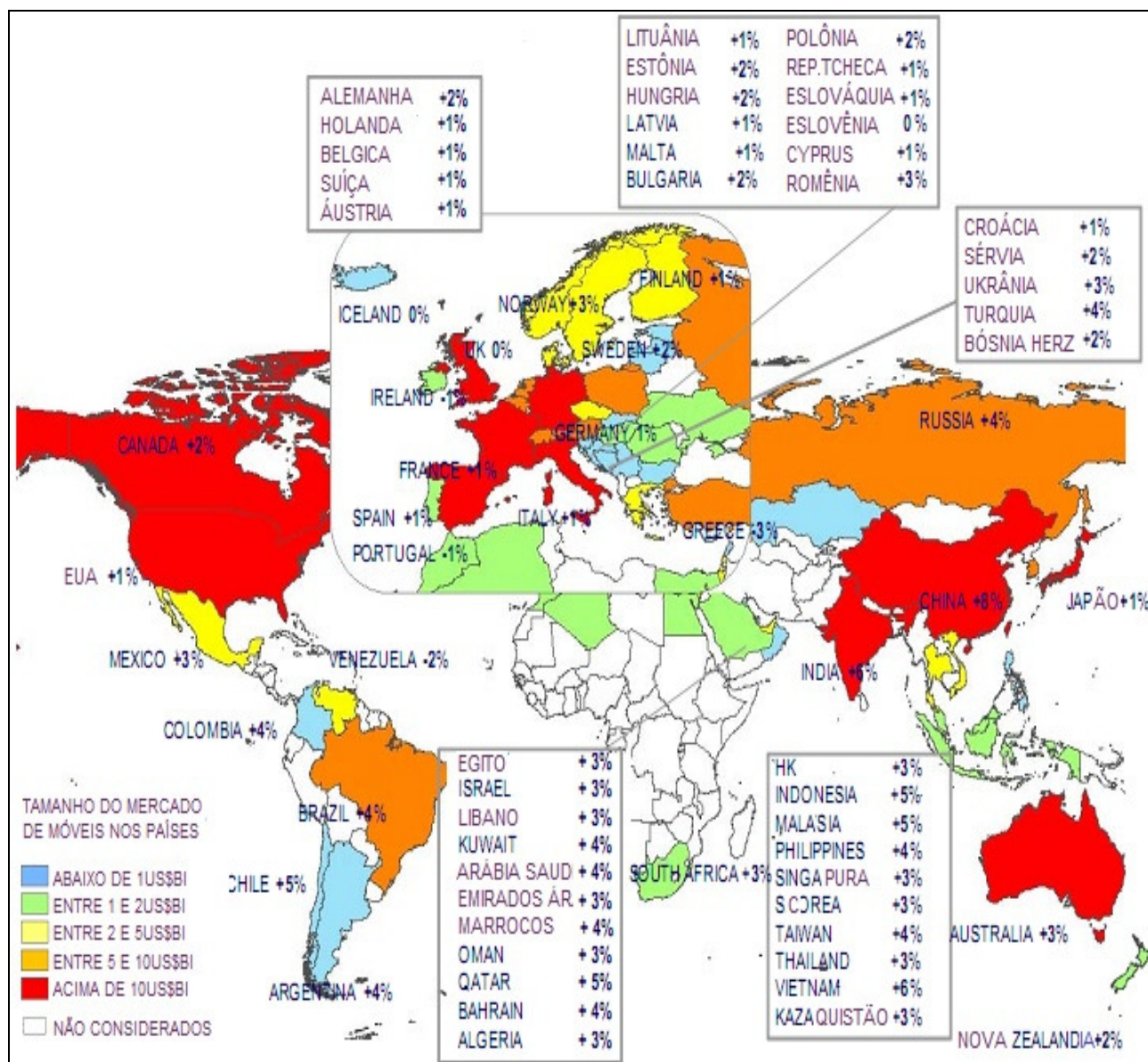


FIGURA 4 - EVOLUÇÃO NO CONSUMO DE MÓVEIS NOS PAÍSES EM 2010 (%) E TAMANHO DOS MERCADOS

FONTE: CSIL (2011)

Os quatro grandes mercados consumidores de móveis são América do Norte, Europa, Ásia Pacífico e Austrália. Houveram em 2010, grandes crescimentos do consumo nos mercados da Ásia Pacífico, sendo o maior deles, o consumo de móveis da China, que aumentou em 8% no ano de 2010.

2.2 A INDÚSTRIA MOVELEIRA NACIONAL

O setor moveleiro nacional teve uma fase de rápido crescimento e nos últimos anos tem buscado adaptação ao mercado e aperfeiçoamento de seu parque fabril. Aliado a isso, o processo de globalização facilita o acesso a novas tecnologias, matérias-primas e demais insumos ofertados pelo mercado mundial. A indústria moveleira do Brasil engloba 13.500 micro, pequenas e médias empresas, e uma grande parte são empresas familiares com 100% do capital nacional. A indústria brasileira de móveis gera cerca de 1.500.000 empregos diretos, indiretos e correlatos (Revista da Madeira, 1999).

Segundo Gorini (1998), o segmento de móveis de madeira retilíneos é o mais evoluído no que se refere à capacitação produtiva, sendo também mais homogêneo quanto à tecnologia utilizada. No segmento de móveis torneados, a heterogeneidade é bem mais acentuada e o grau de modernização é menor. Algumas empresas com arranjos físicos particulares com convivência entre máquinas modernas e antigas e muitas estão investindo em tecnologia e células de produção, principalmente as exportadoras, para aumentar a competitividade.

A TABELA 3 especifica a evolução brasileira dos últimos anos da produção, comércio internacional e consumo nacional de móveis, segundo dados do CSIL, 2011 e MDIC Radar Comercial, 2012.

TABELA 3 - PRODUÇÃO, EXPORTAÇÕES, IMPORTAÇÕES E CONSUMO DE MÓVEIS DO BRASIL (MILHÕESUS\$)

BRASIL	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*	2011**
Produção de Móveis	4175	3580	2997	3110	3703	4290	5019	5527	5732	5073	5283	5450
Exportações de Móveis	486	478	531	661	939	988	942	971	950	679	733	850
Importações de Móveis	124	107	84	75	97	109	135	202	301	248	424	450
Consumo Aparente de Móveis	3813	3209	2550	2524	2861	3411	4212	4758	5083	4642	4974	5050

Fonte: CSIL (2011); MDIC (2012) adaptados pelo autor.

*Preliminar; **Projetado

Os dados apresentados indicam uma evolução tanto na produção quanto no consumo. Nas exportações ocorreu um pico entre 2004 e 2008, quando as exportações somaram cerca de US\$1 bilhão e posteriormente queda, ocasionada após a crise de 2008. O maior crescimento existente foi nas importações, que dobrou de 2007 para 2010.

A FIGURA 5 mostra o percentual de empresas dos diversos setores da economia brasileiras que foram afetadas negativamente pela crise de 2008 e que não se recuperaram integralmente de seus efeitos em 2010.

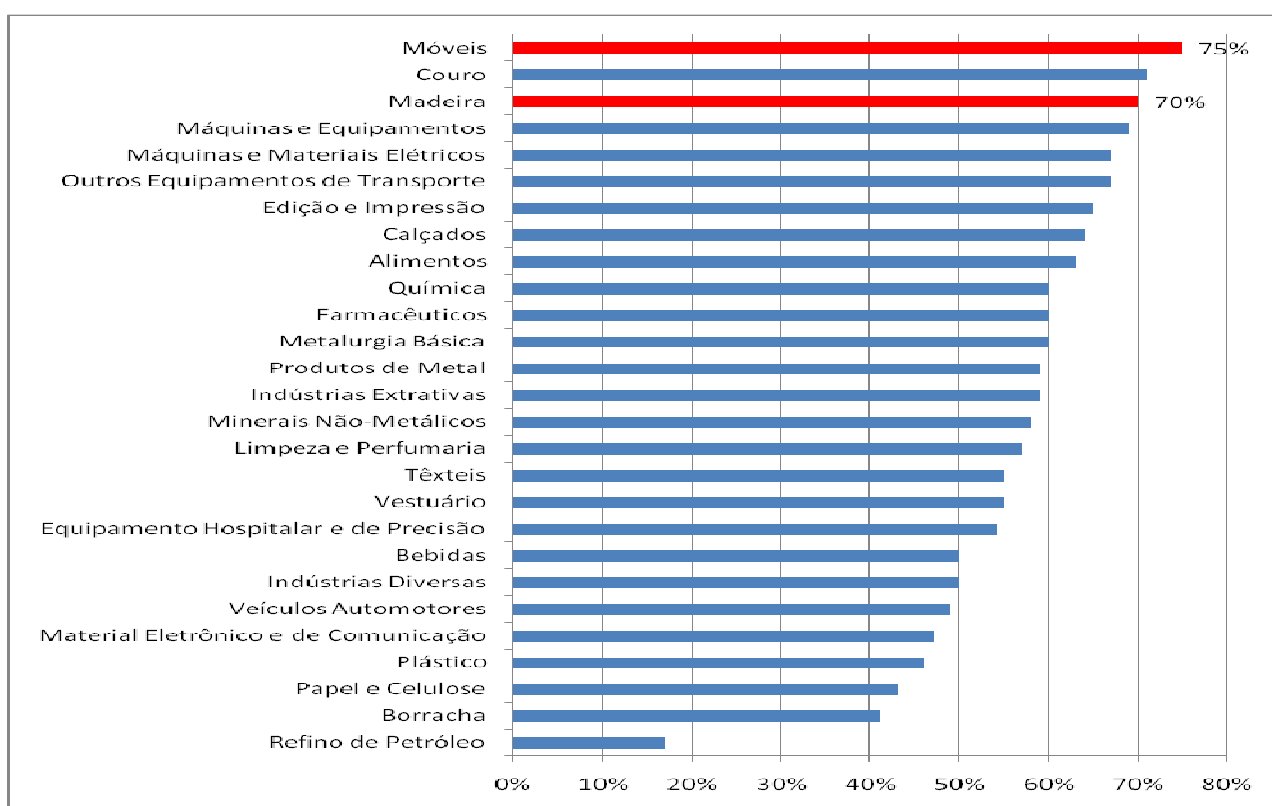


FIGURA 5 – PORCENTAGEM DE EMPRESAS BRASILEIRAS QUE NÃO SE RECUPERARAM DA CRISE DE 2008 EM 2010
 FONTE: CNI (2010)

Segundo dados da CNI (2010), as empresas moveleiras foram as que tiveram maiores dificuldades para se recuperarem após a crise. Esta dificuldade em recuperar-se foi ainda mais evidente em empresas exportadoras.

Segundo a Abimóvel (2012), parte significativa das empresas produtoras de móveis está concentrada nos chamados pólos moveleiros. O maior pólo está localizado na cidade

de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, com um total de 370 empresas. Em seguida estão Ubá (MG), 310 empresas; Votuporanga (SP) e São Bento do Sul (SC), ambas com 210 empresas; Arapongas (PR), 145 empresas; Linhares (ES), 130; e Mirassol, com 85 empresas. A região metropolitana de São Paulo reúne 3.000 empresas envolvidas na produção de móveis.

A indústria de móveis subdivide-se nos setores de móveis estofados, móveis torneados, móveis retilíneos, móveis tubulares e móveis de chapa de aço. A indústria de móveis pode ainda ser classificada segundo a finalidade, em móveis residenciais, de escritório, escolares, para jardim e outros fins.

A demanda por móveis, segundo Gorini (1998), é muito segmentada e varia positivamente de acordo com a renda da população, bem como pelo comportamento de alguns setores da economia, particularmente a construção civil. A elevada elasticidade-renda da demanda torna o setor muito sensível às variações conjunturais da economia, sendo um dos primeiros a sofrer os efeitos de uma recessão.

2.3 A INDÚSTRIA DO PÓLO DE SÃO BENTO DO SUL

Para Denk (2001), o pólo moveleiro da região de São Bento do Sul pode ser caracterizado por uma forte evolução histórico/cultural na tradição de trabalhar com a madeira, e isto facilita a formação de um pólo industrial destacado nacional e internacionalmente na produção de móveis. Reuniram-se na região as pré-condições para a sua posterior industrialização.

Na década de 80, inicia-se uma crise da indústria moveleira, ocorrendo forte reestruturação produtiva com a introdução da nova matéria-prima (pinus), mudanças significativas no mercado interno (crise de demanda e novos estilos de móveis) e início do processo de exportação (busca de novos mercados). Na década de 90, consolida-se a internacionalização da indústria moveleira com a intensificação da exportação estimulada com a crise no Leste europeu no início da década.

Segundo o Peix Univille (2011), as indústrias de móveis da região do Alto Vale do Rio Negro, compreendido pelos municípios de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre, possuem uma tradição na produção de móveis maciços de madeira. Os principais mercados que são comercializados os produtos são os Estados Unidos, Canadá, Austrália e países Europeus. Por diversas vezes as empresas moveleiras passaram por dificuldades financeiras e mercadológicas devido a fatores internos e externos. O pólo conta com mais de 7.000 operários na indústria moveleira, em cerca de 300 empresas. O faturamento em 2009 foi superior a R\$700 milhões na produção de móveis.

As empresas moveleiras da região do Alto Vale do Rio Negro são responsáveis por aproximadamente 40% das exportações nacionais de móveis acabados. A FIGURA 6 mostra a localização do pólo de São Bento do Sul.

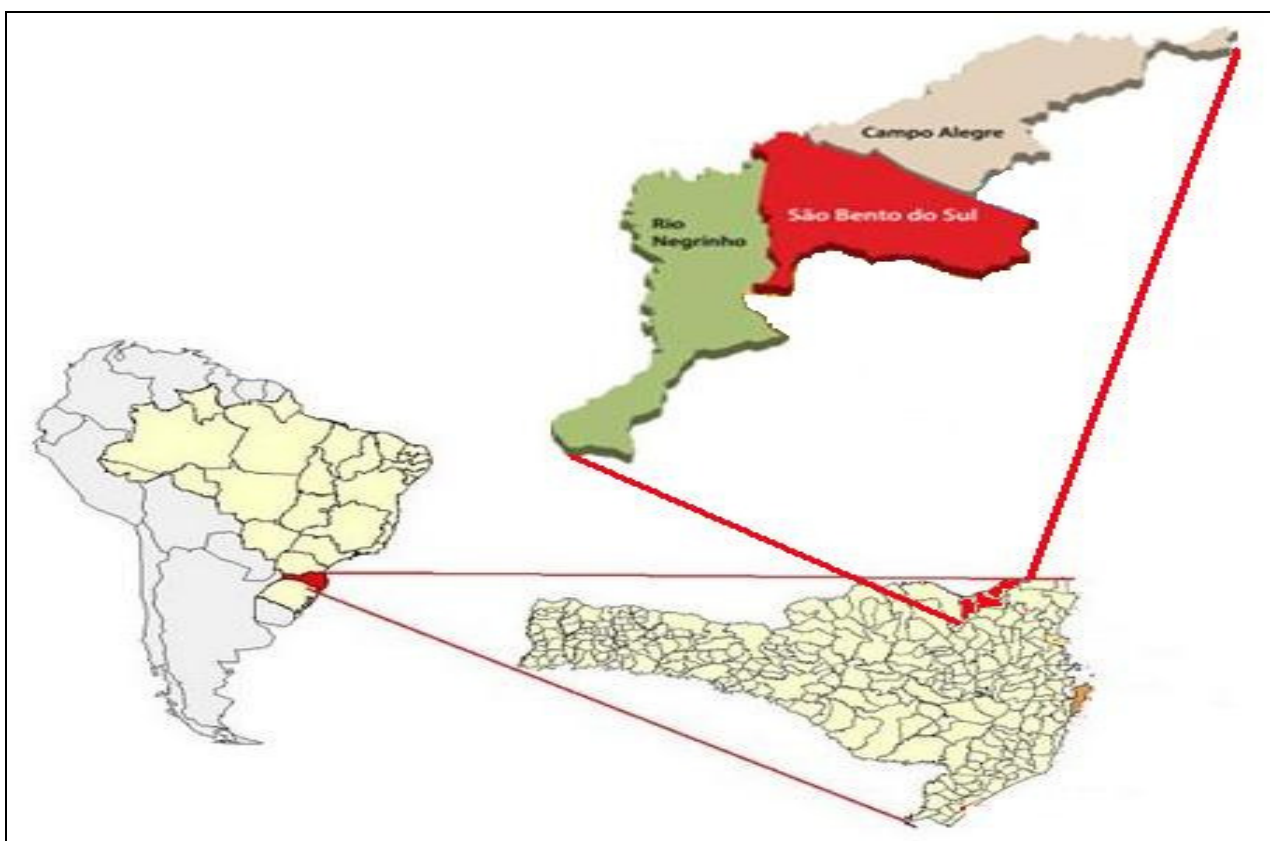


FIGURA 6 – LOCALIZAÇÃO DO PÓLO MOVELEIRO DE SÃO BENTO DO SUL
FONTE: Peix Univille (2011)

Conforme o Peiex Univille (2011), há a consolidação de um *cluster* industrial com forte capacitação produtiva e especialização na produção de móveis de madeira sólida de pinus para exportação, porém falta articulação entre as empresas que participam desse arranjo produtivo. O mesmo poderia obter maior inserção no mercado nacional e internacional, se adotasse estratégias mais cooperativas na busca da eficiência coletiva.

O Peiex Univille (2011) identificou que 90% das demandas prioritárias no pólo de São Bento do Sul são na área de gestão, sendo as outras em processo e de produto.

O nível de escolaridade da mão-de-obra nas empresas moveleiras de São Bento do Sul é apresentada na TABELA 4. A qualificação, neste caso, refere-se ao funcionário com conhecimentos básicos em leitura e interpretação de dados, compreendendo a educação básica requerida para as novas exigências num processo produtivo mais automatizado, com informações técnicas (desenhos), controles de produção e controle da qualidade (Denk, 2001).

TABELA 4 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃO DE OBRA DO PÓLO MOVELEIRO DE SÃO BENTO DO SUL(%)

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	% TOTAL
Analfabetos	0,25
Primeiro Grau Incompleto	40,99
Primeiro Grau Completo	25,16
Segundo Grau Incompleto	13,53
Segundo Grau Completo	13,14
Nível Universitário Incompleto	3,58
Nível Universitário Completo	2,20
Nível Pós Graduação	1,15

FONTE: Denk (2001)

O alto índice de pessoas (41%) com o primeiro grau incompleto, segundo Denk (2001) está alinhada com a reclamação das empresas de falta de mão-de-obra tecnicamente qualificada para algumas funções específicas, apesar da experiência prática da mão-de-obra da região.

Os estudos de Denk (2001) coincidem com os resultados do Peiex Univille (2011), realizados posteriormente, e que podem ser visualizados na FIGURA 7.

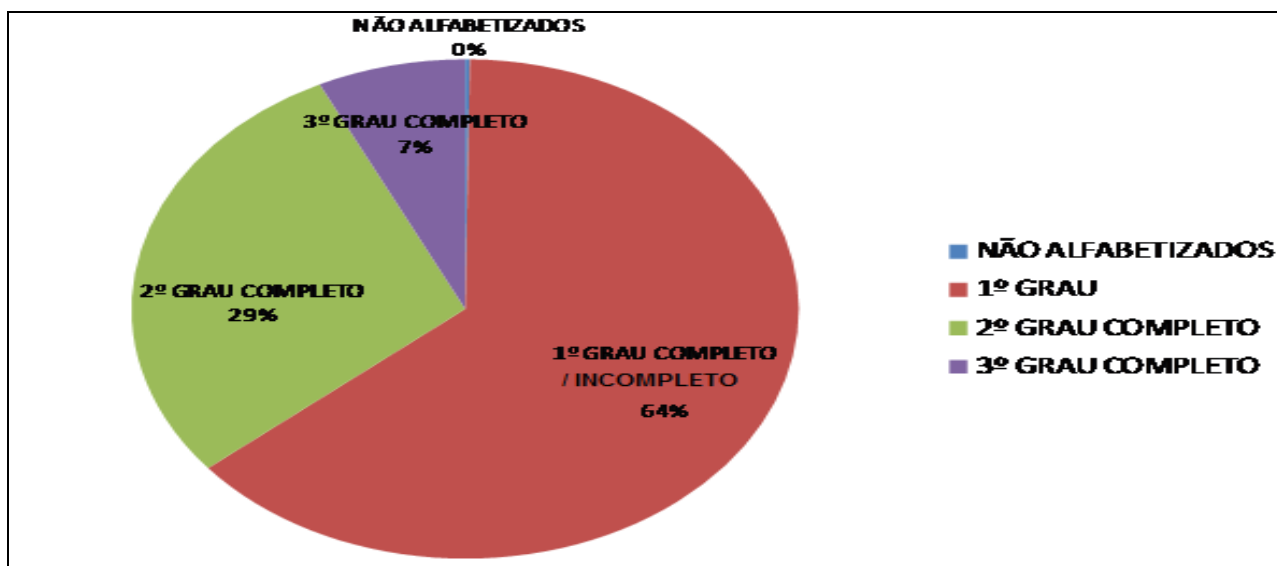


FIGURA 7 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE (%)
 FONTE: Peix Univille (2011)

A lucratividade das empresas moveleiras de São Bento do Sul é apresentada na FIGURA 8. Esta informação é baseada em estudo do Peix Univille (2011). O critério adotado considera as empresas de mercado interno (MI) como empresas com até 30% exportação; as Intermediárias de 30% a 70% de exportações; e as de mercado externo (ME) empresas com mais de 70% exportação.

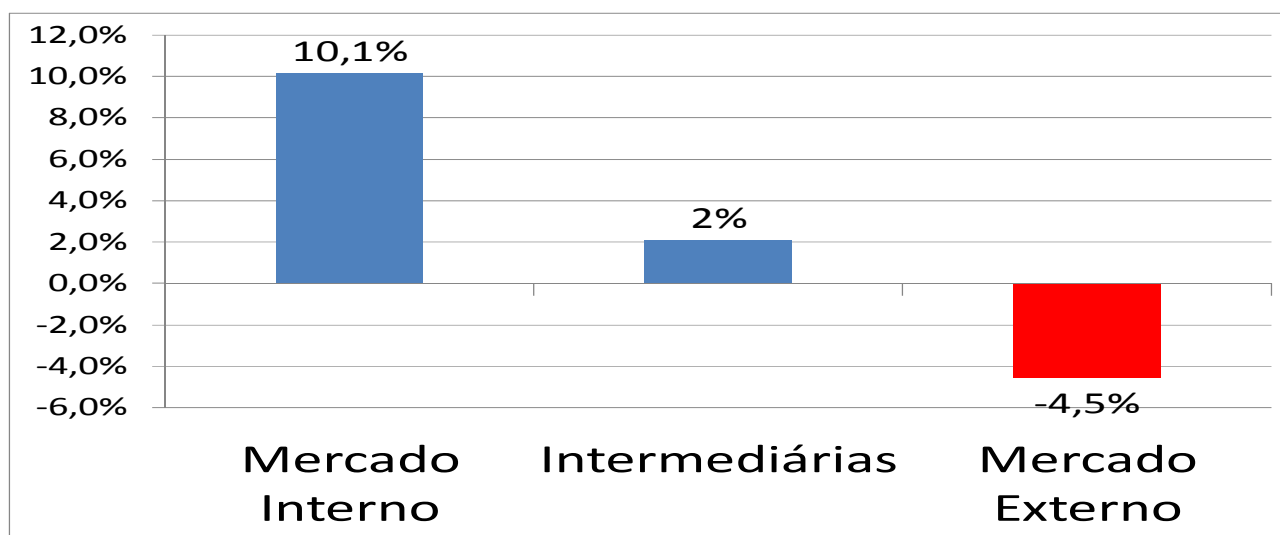


FIGURA 8 - TAXA DE LUCRATIVIDADE DAS EMPRESAS MOVELEIRAS DE SÃO BENTO DO SUL POR TIPO DE MERCADO
 FONTE: Peix Univille, 2011

Como pode ser observado, as empresas que atuam predominantemente no mercado interno possuem os melhores resultados econômicos. Ainda segundo o Peiex Univille (2011), há uma evolução positiva nos últimos quatro anos no faturamento para o mercado interno, que vem substituindo as exportações. (FIGURA 9).

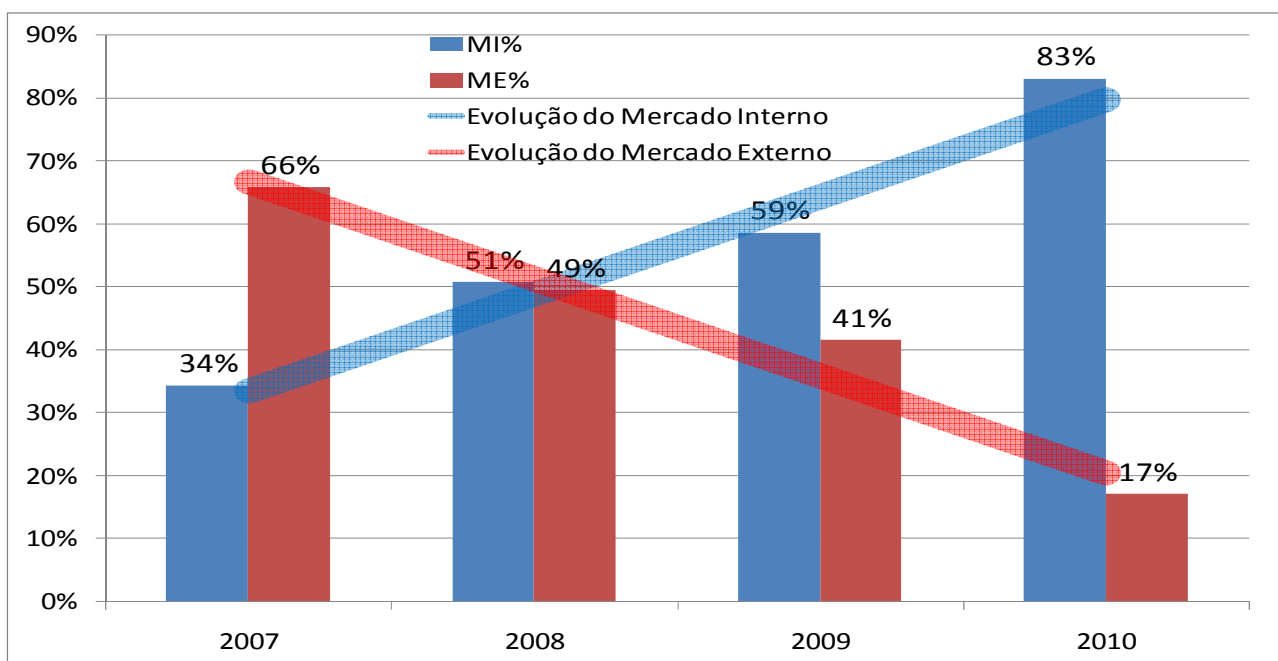


FIGURA 9 – EVOLUÇÃO DE FATURAMENTO AOS MERCADOS INTERNO E EXTERNO
 FONTE: Peiex Univille, 2011

Como pode ser observado em 2008, o faturamento das exportações de móveis das empresas pesquisadas se equivale às vendas ao mercado interno, havendo nos anos subsequentes uma inversão das exportações para o mercado interno. Em 2010 as vendas ao mercado interno já superavam quatro vezes as exportações.

A FIGURA 10 apresenta a evolução do faturamento médio das empresas moveleiras de São Bento do Sul, segundo dados compilados pelo Peiex Univille (2011).

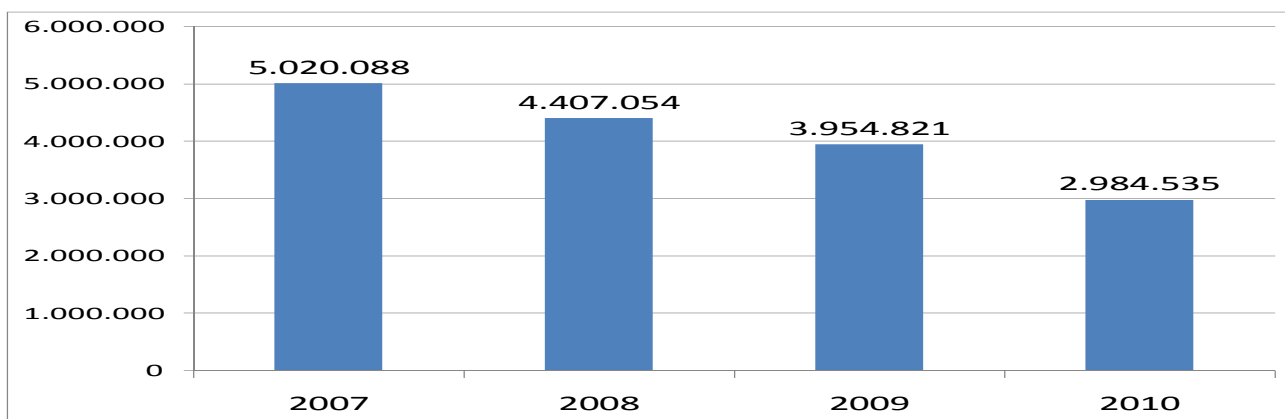


FIGURA 10 – FATURAMENTO MÉDIO DAS EMPRESAS MOVELEIRAS DE SÃO BENTO DO SUL
 FONTE: Peix Univille, 2011

A informação apresentada indica que houve redução em termos de faturamento médio entre 2007 e 2010 das empresas moveleiras de São Bento do Sul. Esta redução foi superior a 40% o que segundo o Peix Univille (2011) está prejudicando as empresas moveleiras. Com isso há aumento no nível de desemprego, falências e prejuízos na movimentação da economia local.

2.4 ELEMENTOS QUE AFETAM AS EXPORTAÇÕES

Bilkey (1978) salienta o aumento de lucros, venda de excedentes e aproveitamento de oportunidades repentinas vindas do exterior como as principais motivações para que uma empresa comece ou expanda suas atividades de exportação. Em complemento ao trabalho de Bilkey, Ferdows (1997) ressalta vários fatores ligados ao aprendizado no exterior.

A Fundação Dom Cabral (1996) e Rocha (2002) enumeram uma série de fatores que incentivariam a internacionalização de uma corporação: penetração em outros mercados; aquisição de conhecimento gerencial e operacional; aquisição de tecnologia; necessidade de estar mais próximo aos clientes; sobrepor barreiras tarifárias e não-tarifárias; estar próximo de fontes financeiras; mão de obra mais barata; acesso mais fácil à matéria-prima e a outros recursos; melhor possibilidade de realizar parcerias; beneficiar-se de redução em impostos, incentivos e subsídios governamentais; vender o excedente da

produção nacional; melhorar a qualidade e eficiência dos produtos; obter maiores margens; melhorar a imagem do produto no mercado doméstico e melhorar a competitividade da empresa.

O QUADRO 1 apresenta de forma agrupada, segundo Ruiz e Junior (2004) as idéias apresentadas e aponta os diversos fatores que motivam as empresas a exportarem.

FATORES	MOTIVAÇÕES
Financeiros	Obter incentivos governamentais
	Reduzir incidência de impostos
Custos	Penetrar em outros mercados e/ou diversificar os tipos de clientes
	Melhorar a imagem doméstica do produto
	Melhorar a qualidade e eficiência dos produtos/serviços
	Vender o excedente da produção nacional
Mercado	Aprender com excelência, clientes, conc. e forn. estrangeiros
	Adquirir maior conhecimento gerencial e operacional
Aprendizado	Antecipar-se a competidores potenciais
	Melhorar possibilidade de fazer parcerias (maior networking)
Outros	Diversificar riscos de câmbio
	Obter maiores margens
	Reduzir custos de capital

QUADRO 1 - PRINCIPAIS MOTIVADORES À EXPORTAÇÃO
Fonte: Ruiz e Junior (2004)

Entre os obstáculos à exportação, Trimeche (2002) salienta a falta de compromisso com atividades no exterior, distância psíquica e falta de experiência internacional. Sugere também vários outros fatores que influenciam a arte de exportar como características ligadas à empresa, fatores de mercado, tecnologia e competitividade. Já Rocha (2001) indica outros obstáculos que podem influenciar negativamente o desempenho nas exportações de uma empresa como os fatores geográficos, motivacionais, culturais e ambientais.

Bauerschmidt et al. (1985), identificaram cinco grupos de fatores: política nacional de exportações, distância relativa entre mercados, falta de comprometimento com exportação, impedimentos econômicos e rivalidade competitiva.

Ruiz e Junior (2004), percebendo que algumas destas categorias citadas coincidem ou englobam outras já citadas, sugeriram que uma reunião de tais agrupamentos abrangeria todos os obstáculos enfrentados pelas empresas exportadoras. O QUADRO 2 descreve os obstáculos às exportações das empresas sugeridos.

FATORES	OBSTÁCULOS
Geográficos	Obstáculos geográficos (vasta área geográfica, difícil relevo, etc)
Culturais	Obstáculos culturais (gostos, religião, idiomas, etc)
Mercadológicos	Alta demanda de mercado no ambiente doméstico
	Imagem implícita ruim de produtos provindos do Brasil
	Baixa demanda nos mercados-alvos
Internos à Firma	Baixo comprometimento da direção com as atividades de exportação
	Fraca rede de relacionamentos da firma (network)
	Tamanho reduzido da firma (menor escala)
	Pouca experiência internacional e/ou de procedimentos de exportação
	Poucas vantagens competitivas da firma
Ligados à Indústria e Competitividade	Competitividade nos mercados-alvo
Ambientais	Falta de políticas governamentais relacionadas com exportação (incentivos, subsídios, deduções em impostos, etc)
	Altas barreiras de importação presentes nos países alvo (tarifárias e não-tarifárias)
	Fraca infraestrutura de transportes no Brasil
	Dificuldades de crédito e financiamento no Brasil
	Política de taxa de câmbio existente no país sede
	Muitos procedimentos de aduana (burocracia)

QUADRO 2 - PRINCIPAIS OBSTÁCULOS À EXPORTAÇÃO

Fonte: Ruiz e Junior (2004)

Os elementos que funcionam como barreiras às exportações são superados em muitos dos casos, quando o produto torna-se competitivo em nível internacional, ocorrendo assim as exportações. Neste estudo são elencados diversos fatores que influenciam a competitividade das exportações podendo estes fatores ser subdivididos em supra-setoriais, inter-setoriais e intra-setoriais.

2.5 COMPETITIVIDADE E FATORES QUE AFETAM AS EXPORTAÇÕES

Segundo o BID (2004) a decisão de um investidor em aplicar seu capital em um negócio em determinado país e ou localidade, está relacionada a fatores que afetam direta ou indiretamente a estratégia de maximização do valor econômico de seu negócio. Estes fatores são fundamentais para identificação da competitividade das empresas que localizam-se em tal ambiente. Considerando-se este cenário, quanto maior a competitividade de uma

atividade, maior a possibilidade de investimentos diretos, sendo o contrário também verdadeiro.

2.5.1 Índice de Atratividade de Investimentos Florestais - IAIF

O Índice de Atratividade ao Investimento Florestal – IAIF foi desenvolvido em 2005 pelo Banco Interamericano de desenvolvimento – BID para medir o nível de atração a investimentos em negócios de base florestal em países da América Latina e Caribe. Nascimento e Tomaselli (2005) mencionam os fatores extra-setoriais e intra-setoriais que afetam a competitividade das empresas, em se tratando de investimentos de base florestal. Os fatores extra-setoriais são subdivididos em supra-setoriais e Inter-setoriais. Os supra-setoriais referem-se à macroeconomia e outros fatores que afetam a rentabilidade dos negócios em todos os setores produtivos de um país. Inter-setoriais são os fatores relacionados com aqueles gerados em outros setores econômicos que afetam a competitividade das exportações. Ver FIGURA 11.

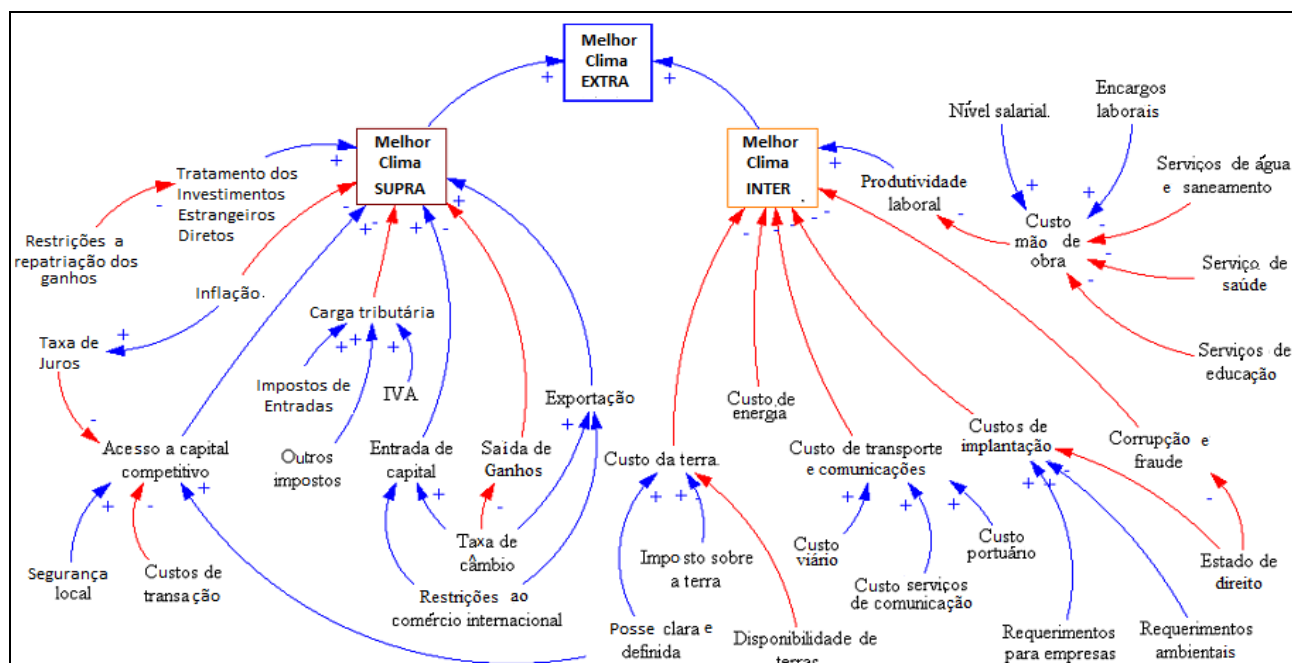


FIGURA 11 - DIAGRAMA CAUSAL DE FATORES EXTRA-SETORIAIS QUE AFETAM A COMPETITIVIDADE
 FONTE: Nascimento e Tomaselli (2005) traduzido pelo autor

As setas vermelhas, com sinal de negativo, indicam que o fator é restritivo e afeta negativamente à competitividade, já as setas azuis com sinal positivo, são fatores indutores, afetando positivamente, melhorando a competitividade.

Na FIGURA 12 estão especificados os agentes influentes no clima Intra-setorial de investimentos de base florestal propostos por Nascimento e Tomaselli (2005).

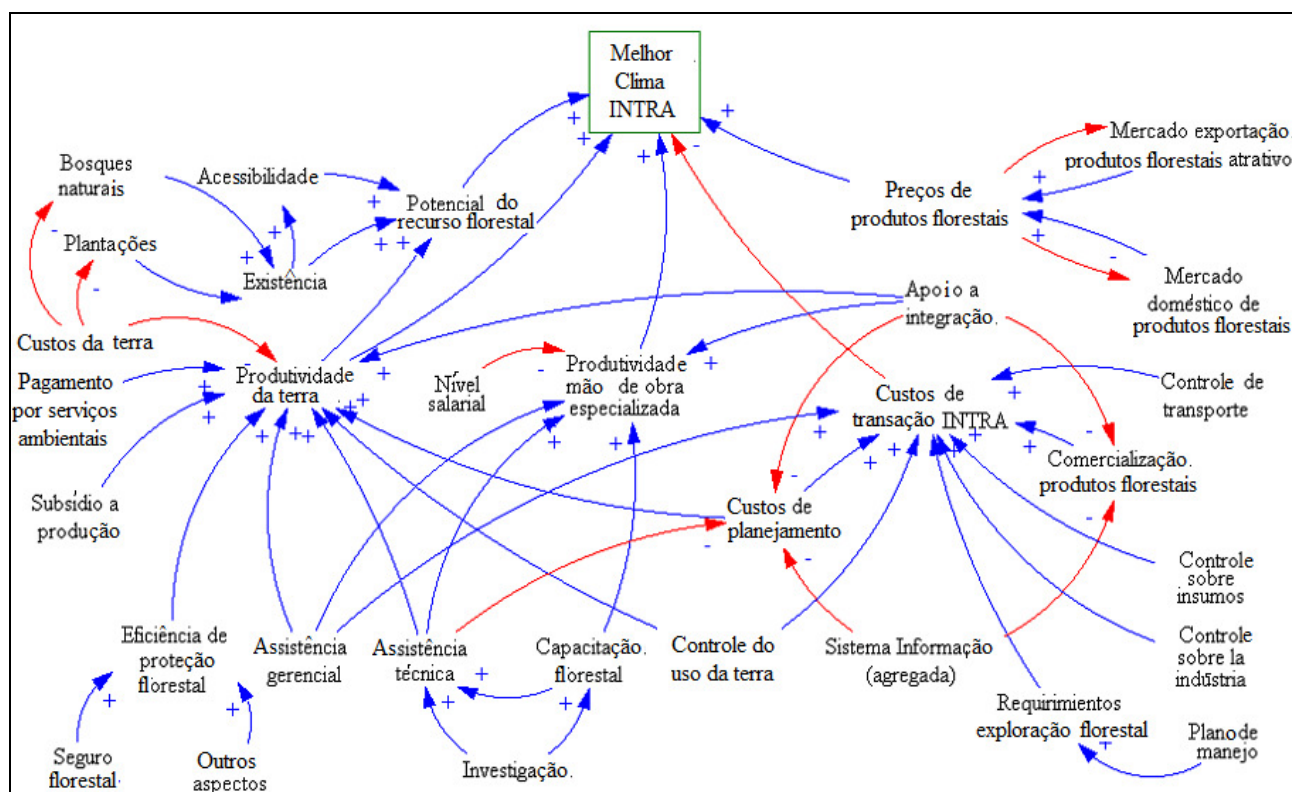


FIGURA 12 - DIAGRAMA CAUSAL DE FATORES INTRA-SETORIAIS QUE AFETAM A COMPETITIVIDADE EMPRESARIAL DE BASE FLORESTAL

FONTE: Nascimento e Tomaselli (2005) traduzido pelo autor

Seguindo a linha de pesquisa de Nascimento e Tomaselli (2005) foi criado pelo BID (2005) uma metodologia de identificação do clima para investimentos de base florestal. Esta metodologia diagnosticou dentre 26 países da América Latina e Caribe os indicadores intra, inter e supra setoriais para investimentos de base florestal, bem como criou o IAIF (Índice de Atratividade aos Investimentos Florestais). Os países estudados foram: Bahamas, Chile, Costa Rica, Panamá, Uruguai, Jamaica, Brasil, México, Rep. Dominicana, Guiana, Trinidad y Tobago, Suriname, El Salvador, Barbados, Belize, Peru, Guatemala, Bolívia, Honduras, Nicarágua, Equador, Argentina, Colômbia, Paraguai, Venezuela e Haiti.

Na FIGURA 13 são apresentadas as pontuações dos índices propostos pelo BID (2005) segundo metodologia IAIF, bem como a classificação brasileira frente aos outros 26 países avaliados.

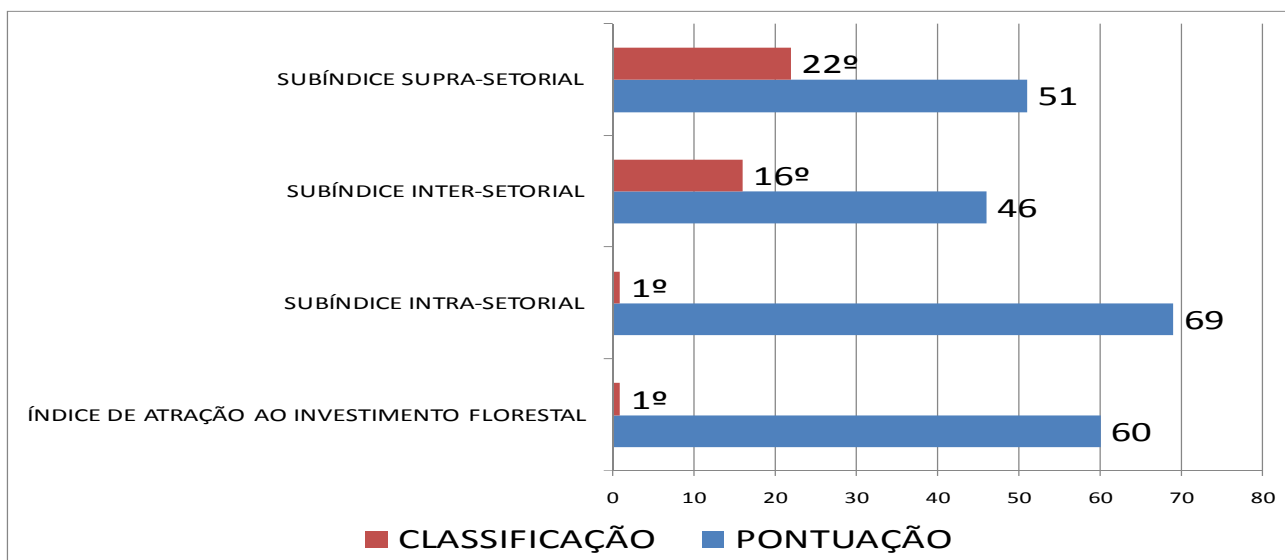


FIGURA 13 - CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA ENTRE 26 PAÍSES LATINO-AMERICANOS E PONTUAÇÃO ALCANÇADA SEGUNDO METODOLOGIA IAIF
 FONTE: BID (2005) adaptado pelo autor

Em termos de atração ao investimento de base florestal, o Brasil posicionou-se em 1º classificado dentre os 26 países analisados. Este índice se deve principalmente pelos fatores verificados no sub-índice intra-setorial, ou seja, do próprio setor de base florestal. Levantamentos de campo realizados pela STCP (2003) no estudo do BID (2005) indicam que os principais fatores indutores a este bom índice, em se tratando de investimentos florestais, são: Mercado Doméstico; Produtividade Florestal e Déficit de Madeira.

Já afetando restritivamente, foram citados como fatores do sub-índice inter-setorial: Propriedade da Terra e Política Ambiental e Florestal (BID, 2005). Este sub-índice qualificou o Brasil na 16ª posição.

Outros pontos restritivos foram os fatores do sub-índice supra-setorial que se referem à macroeconomia brasileira: Carga Tributária; Quadro Jurídico e Institucional. Em termos de macroeconomia, o Brasil classificou-se, segundo o IAIF, na 22ª posição entre outros 26 países latino americanos analisados, estando a frente apenas de Argentina, Uruguai, Haiti e Venezuela.

Na FIGURA 14 estão relacionados os indicadores e sub-índices utilizados para a confecção do IAIF brasileiro, segundo o BID (2005). Estes números representam que há um potencial de melhoria em cada um deles, sendo que pode-se melhorar o índice geral de 60% para 100%. O mesmo ocorre para todos os outros indicadores e sub-índices.

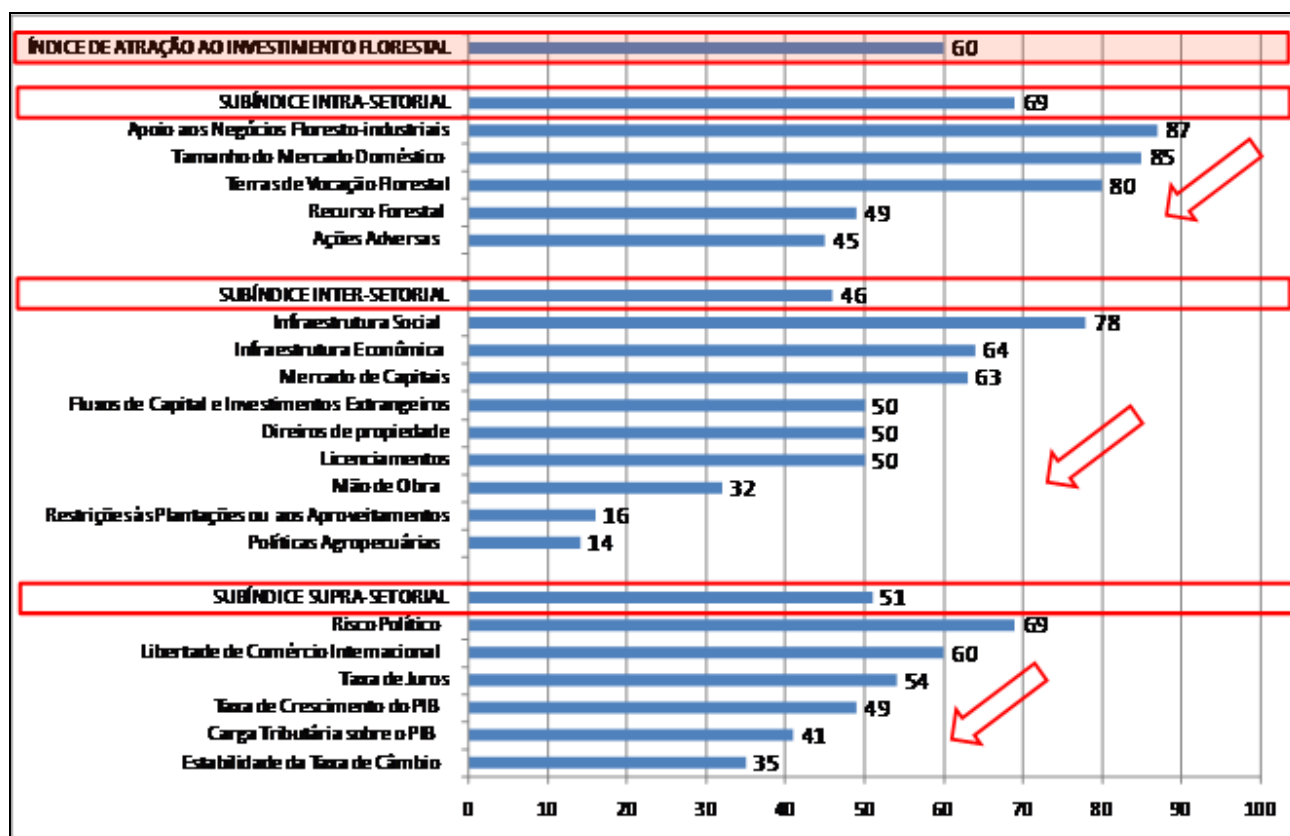


FIGURA 14 - INDICADORES BRASILEIROS UTILIZADOS PARA A CLASSIFICAÇÃO DO IAIF
 FONTE: BID (2005) adaptado pelo autor

As setas vermelhas na FIGURA 14 apontam para a direção em que os indicadores possuem maior potencial de melhoria, ou seja, mais afetam a competitividade das empresas de base florestal.

Em se tratando do sub-índice supra-setorial, os principais indicadores que prejudicam a competitividade empresarial, são a falta de estabilidade da taxa de câmbio, a alta carga tributária em função do PIB, a taxa de crescimento do PIB e a taxa de juros brasileira. Estes fatores são importantes, no entanto influenciam menos no IAIF do que os inter-setoriais e em especial os intra-setoriais.

O IAIF foi complementado pelo Processo de Melhoria do Clima de Negócios para Investimentos no Setor Florestal (PROMECIF). Este processo foi dividido em três fases principais, conforme a FIGURA 15.

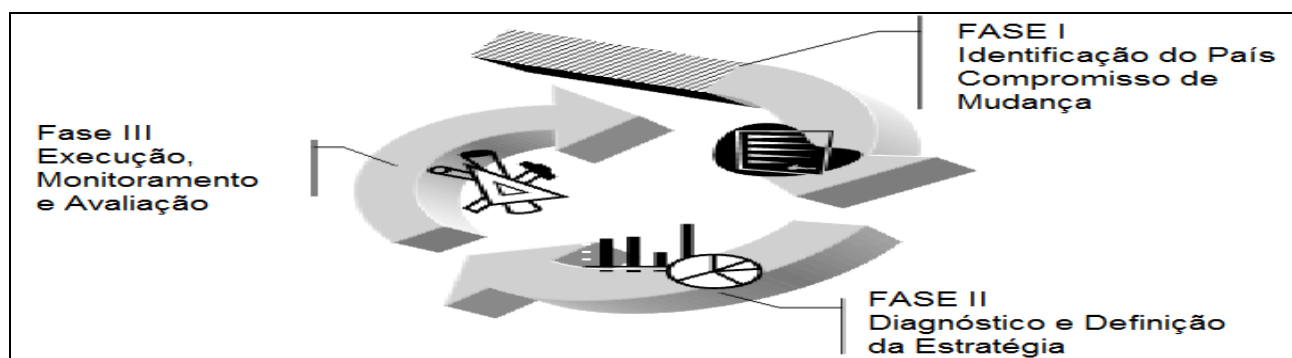


FIGURA 15 – FASES DO PROCESSO DE MELHORIA DO CLIMA DE NEGÓCIOS PARA INVESTIMENTOS NO SETOR FLORESTAL
 FONTE: PROMECIF (2005) traduzido pelo autor

2.5.2 Fatores afetando as exportações das empresas brasileiras

Com base em pesquisa da CNI (2008), os principais entraves à expansão das exportações de setores diversos são apresentadas na FIGURA 16. O resultado refere-se a respostas obtidas junto a empresas exportadoras.



FIGURA 16 - ENTRAVES À EXPANSÃO DAS EXPORTAÇÕES DAS EMPRESAS BRASILEIRAS
 FONTE: CNI (2008)

Os resultados da pesquisa indicam que a Taxa de Câmbio, segundo as empresas, é o principal entrave à exportação e em segundo lugar estão os Custos de Infra-estrutura Logística (custos portuários e aeroportuários, burocracia alfandegária, frete internacional, transporte interno e greves na movimentação e liberação de cargas). A Carga Tributária e dificuldades em ressarcimento de créditos situaram-se em terceiro plano.

2.5.3 Fatores que afetam a indústria de móveis

- Fatores limitantes/entraves

Enfocando-se as empresas moveleiras, na FIGURA 17 mostra os principais entraves ou barreiras para as exportações, segundo a CNI (2008).

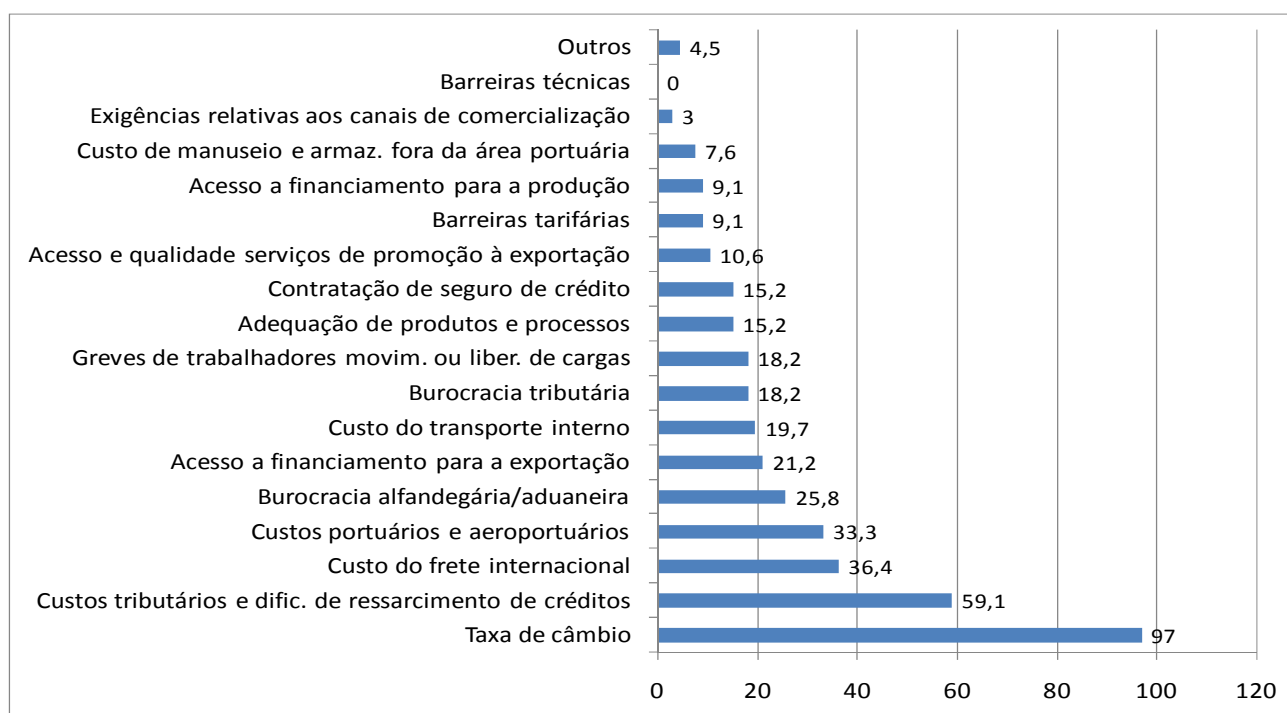


FIGURA 17 - PRINCIPAIS ENTRAVES IDENTIFICADOS PELAS EMPRESAS MOVELEIRAS EM TERMOS DE EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS (%)

FONTE: CNI (2008) adaptado pelo autor

Da mesma forma que para o geral das empresas exportadoras, no setor moveleiro, a taxa de câmbio está como o principal fator de barreira à exportação. Em segundo plano, aparecem os custos da carga tributária e dificuldades de ressarcimento e a de infra-estrutura logística aparece em terceira colocação.

No gráfico da FIGURA 18 demonstram-se as barreiras pós-produção identificadas pelas empresas fabricantes de móveis, em estudo realizado pela CNI (2008).

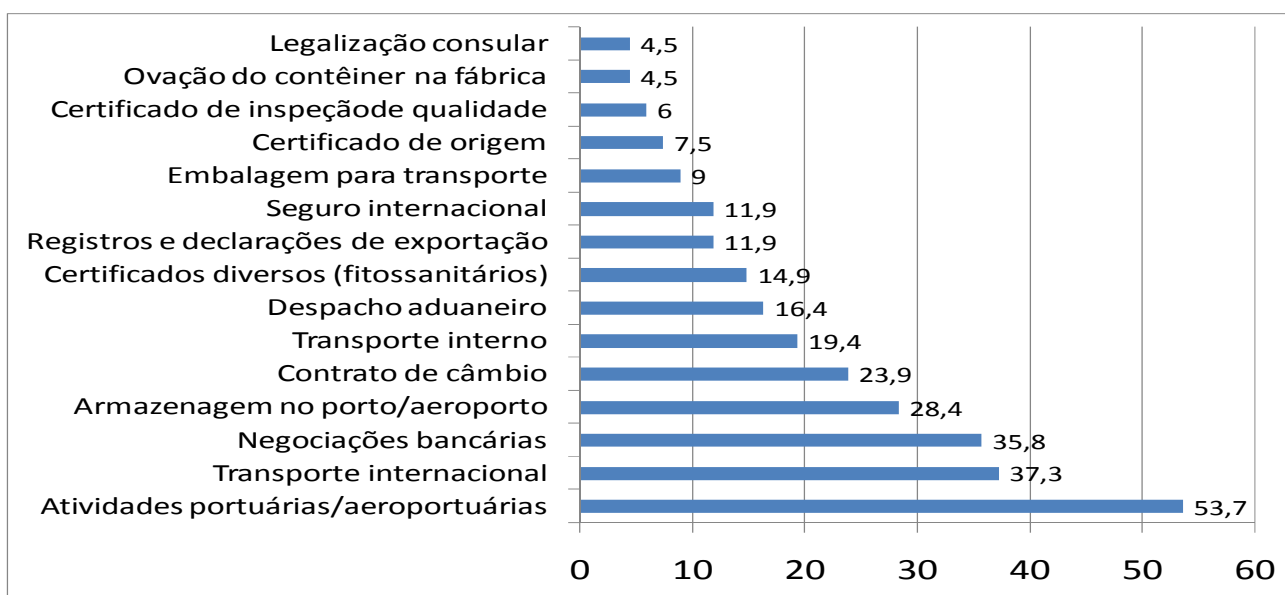


FIGURA 18 - ENTRAVES PÓS-PRODUÇÃO IDENTIFICADOS PELAS EMPRESAS MOVELEIRAS EM TERMOS DE EXPORTAÇÕES (%)

FONTE: CNI (2008) adaptado pelo autor

Os custos logísticos estão em primeiro grau de importância, influenciando negativamente à competitividade. Aparecem também as negociações bancárias como outro ponto que afeta as exportações.

- Inflação dos custos, preços e efeitos sobre o setor

Segundo Tomaselli e Hirakuri (2011), o aumento nos componentes relevantes de custos associados às operações industriais de produtos florestais, bem como os aumentos dos preços de produtos de madeira no Brasil durante o período de 2004 a 2010 foram

determinantes na perda de competitividade do setor florestal. Informações da evolução da inflação de custos, variação de preços e inflação é mostrada na FIGURA 19.

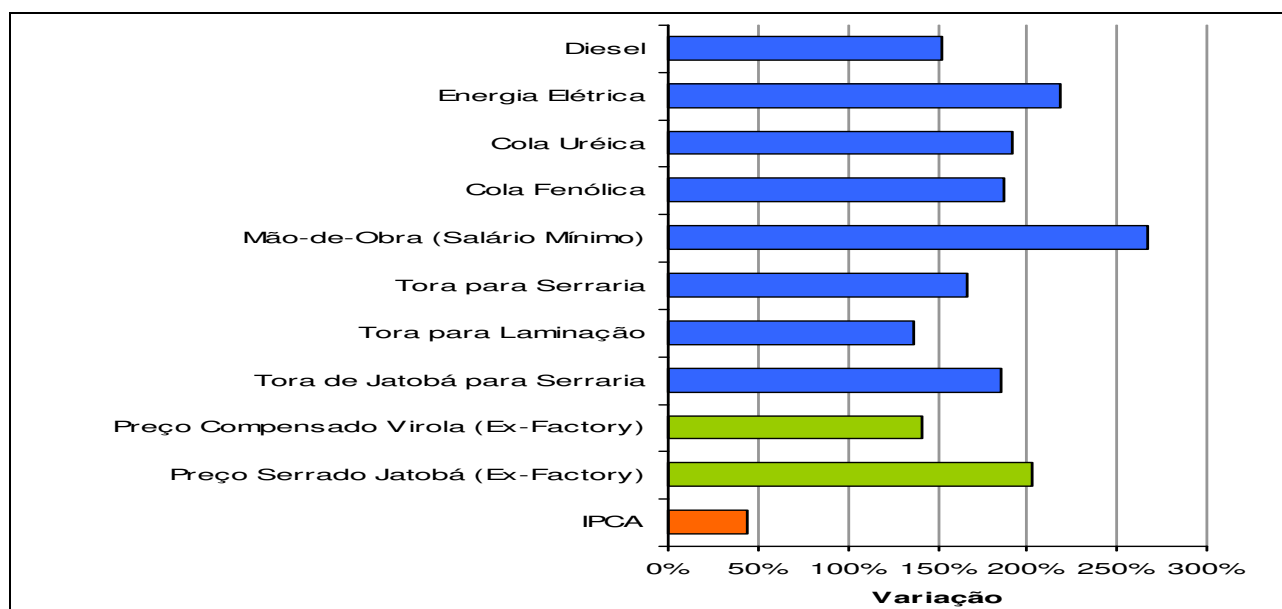


FIGURA 19 - VARIAÇÃO NOS CUSTOS E PREÇOS (US\$) E INFLAÇÃO NO BRASIL (JAN 2004 A JAN 2011)
 FONTE: Tomaselli e Hirakuri (2011)

O estudo indica que a inflação acumulada de janeiro de 2004 a janeiro de 2011 (período de 7 anos) no Brasil foi de 43%. No mesmo período, os preços de produtos de madeira tropical (em dólar americano) aumentaram a uma percentagem muito maior: toras acima de 140%, e madeira serrada de Jatobá 203%. Aumentos de preços similares foram constatados para outros produtos de madeira.

O estudo ainda indica que o aumento de componentes de custo industrial, calculado em dólar, foi bastante superior à inflação e ao aumento de preços dos produtos de madeira. O custo de eletricidade e de mão de obra aumentou 220% e 250%, respectivamente, no período 2004-2011. Custos do diesel e de adesivos aumentaram entre 150% e 200%.

Para Tomaselli (2012), o importante é identificar se este aumento é resultado de uma inflação de demanda ou de custos. Não houve, na realidade, um cenário crítico que pudesse justificar uma inflação de demanda (excesso de demanda agregada à produção disponível). As análises indicam que o mais provável é que o efeito principal tenha sido uma inflação de custos. A inflação de custos é associada à inflação de oferta, onde o nível da

demanda permanece e os custos aumentam. As causas mais comuns da inflação de custos são: aumentos salariais e/ou de custos de outros fatores envolvidos nas operações de produção, aumento de impostos e estrutura de mercado (aumento de lucros).

Segundo Tomaselli e Hirkuri (2011), visualizando-se o gráfico anterior, analisando-se os preços, custos e inflação percebe-se que há uma distorção econômica que afeta as operações das indústrias madeireiras. O aumento de custos, em parte, associado à valorização da moeda nacional, foram, aparentemente, o principal responsável pela redução da competitividade da indústria florestal brasileira no mercado internacional ao longo dos últimos 5-10 anos. A redução nos preços e demanda resultante da crise global foi apenas outro fator.

Na FIGURA 20 são apresentadas as variações de preços, custos e inflação acumulada para países alvo das exportações de móveis e para o Brasil.

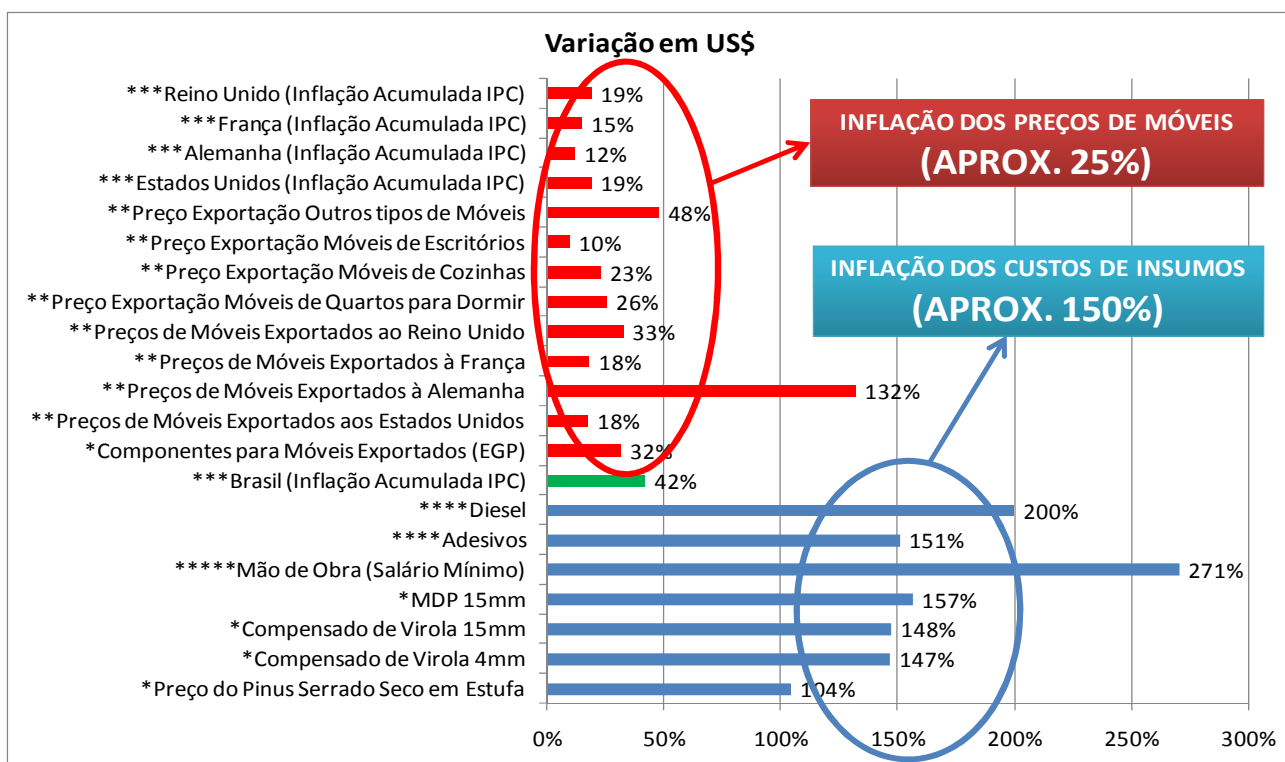


FIGURA 20 – INFLAÇÃO ACUMULADA, VARIÇÃO DOS CUSTOS E PREÇOS DE MÓVEIS E INSUMOS (US\$) NO PERÍODO DE 7 ANOS (2004-2010)

FONTES: O autor com base em dados de: *ITTO, 2004 e ITTO, 2011; **MDIC RADAR COMERCIAL (2004 e 2010); ***FMI (2011); ****Tomaselli e Hirkuri (2011); *****Lei nº 10.888, de 24.06.2004.

Fica claro que existe uma diferença entre a alta inflação dos custos, superior a 150% nos últimos 7 anos, das empresas fabricantes de móveis no Brasil e a baixa inflação dos preços praticados pelos mercados internacionais de móveis, também ocorrida no mesmo período.

- Inflação no Brasil

Existem vários indicadores da inflação no Brasil. Enquanto alguns deles medem a evolução dos preços no nível do consumidor, outros medem o comportamento dos preços no atacado. O período de coleta também varia, bem como a região de cobertura do indicador e a abrangência. De acordo com Rocha (2010), os principais índices são:

O Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA) é compilado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde são pesquisadas famílias com renda de 1 a 40 salários mínimos, realizado do primeiro ao último dia do mês de referência. A área de cobertura são as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, São Paulo, Belém, Fortaleza, Salvador, Curitiba, Distrito Federal e Goiânia. Serve para correção de balanços e demonstrações financeiras trimestrais e semestrais das companhias abertas.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) é também compilado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde são pesquisadas famílias com renda familiar de 1 a 8 salários mínimos. O período de coleta é do primeiro ao último dia do mês de referência e a área de cobertura são as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, São Paulo, Belém, Fortaleza, Salvador, Curitiba, Distrito Federal e Goiânia. Serve para balizador de reajustes salariais.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC-Fipe) é de responsabilidade da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (Fipe/USP). O Universo da pesquisa engloba famílias com renda familiar de 2 a 6 salários mínimos e o período de coleta é do primeiro ao último dia do mês de referência, sendo a área de cobertura o município de São Paulo. Serve para reajustes de contratos, deflacionamento de salários e utilização generalizada.

O Índice de Custo de Vida (ICV-Dieese) é de responsabilidade do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). O Universo da pesquisa são famílias com renda familiar de 1 a 30 salários mínimos. O período de coleta é do primeiro ao último dia do mês de referência e a área de cobertura é o município de São Paulo. Serve para acordos salariais e deflacionamento de séries salariais.

O Índice Geral de Preços (IGP) realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) realiza pesquisa para renda de 1 a 33 salários mínimos, incluindo preços no atacado e construção civil. O período de coleta é do primeiro ao último dia do mês de referência e a área de cobertura é o Rio de Janeiro, São Paulo e outras 10 regiões. Serve para contratos. O IGP é uma composição de três outros índices: Índice de Preços por Atacado (60%), Índice de Preços ao Consumidor (30%) e Índice Nacional da Construção Civil (10%). É calculado em dois conceitos: no conceito oferta global (OG) são consideradas a produção interna e as importações; no conceito disponibilidade interna (DI), são excluídas as importações do conceito oferta global.

O Índice Geral de Preços no Mercado (IGP-M) possui a mesma metodologia do IGP, mudando apenas o período de coleta de dados, que é do dia 11 do mês anterior ao de referência até o dia 10 do mês de referência. Na realidade, representam uma antecipação do IGP.

O Índice de Preços por Atacado (IPA) realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) pesquisa preços no atacado no período do primeiro ao último dia do mês de referência em todo Brasil. Utilizado em contratos o IPA é composto de 18 sub-índices regionais em que o peso de cada mercadoria é determinado pela sua participação no valor adicionado.

Rocha (2010) observa que a utilização destes índices dependerá do objetivo que se está pretendendo atingir com a sua aplicação. Assim por exemplo, séries relativas à capacidade de compra dos salários devem ser deflacionadas por índices de preços ao consumidor. Se os dados referem-se a todo o país, devem ser utilizados índices com maior abrangência possível.

A inflação brasileira entre os anos de 1930 até 2005 com base no IPCA-Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IBGE, 2011) é apresentado na FIGURA 21.

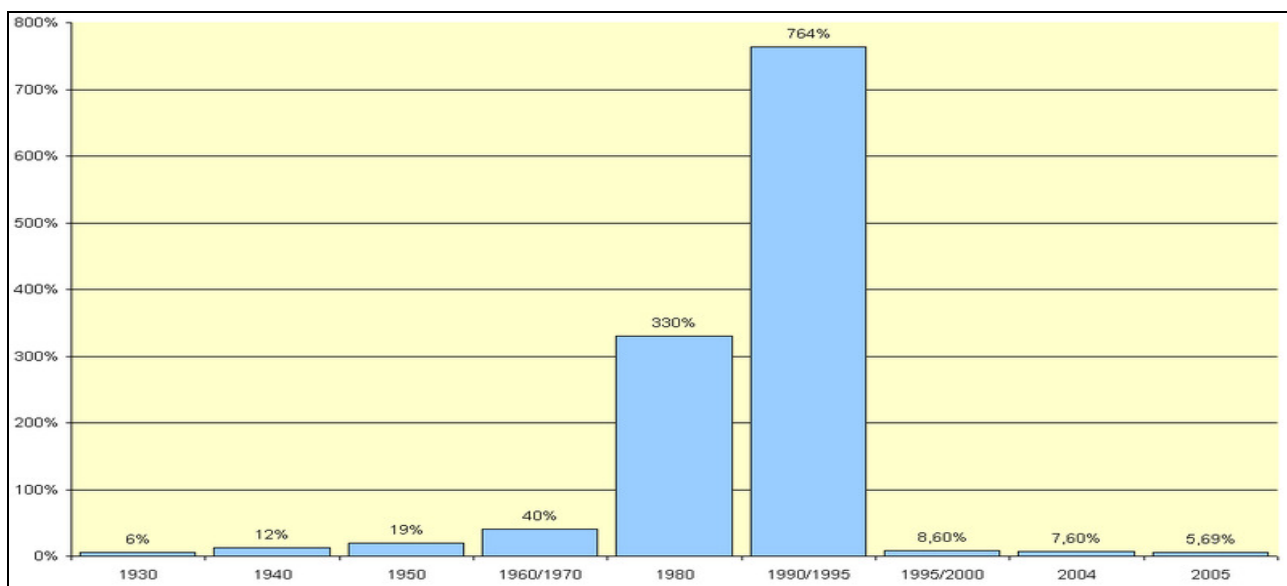


FIGURA 21 - HISTÓRICO DA INFLAÇÃO BRASILEIRA ENTRE 1930 ATÉ 2005
 FONTE: IBGE (2011)

Como pode ser observado, houveram picos de inflação entre os anos de 1980 e 1995. Esta inflação foi controlada e os índices foram inferiores a 10% ao ano após 1995, resultado do plano de estabilização econômica (Plano Real).

A inflação que ocorreu no Brasil entre 1998 e 2010 é apresentada na FIGURA 22 (IBGE, 2011). Atualmente o Governo do Brasil opera um regime de metas para a inflação.

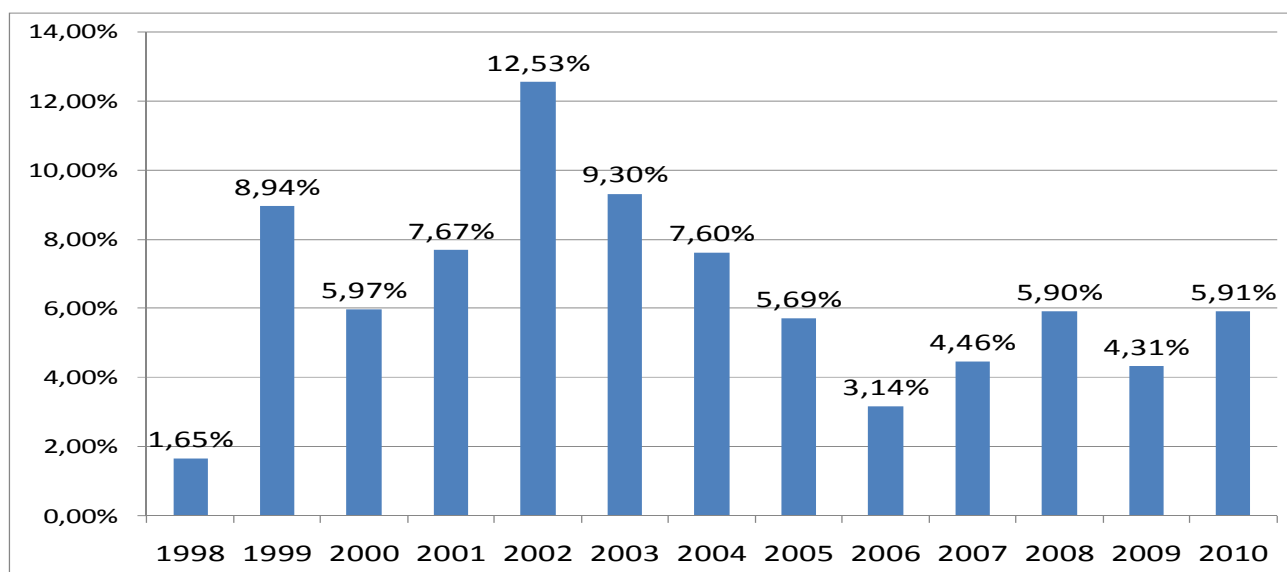


FIGURA 22 - INFLAÇÃO BRASILEIRA ENTRE 1998 ATÉ 2010
 FONTE: IBGE (2011)

- Inflação Internacional

A FIGURA 23 apresenta os índices de inflação nos diversos países (CIA World Factbook, 2010), com base em 2010.

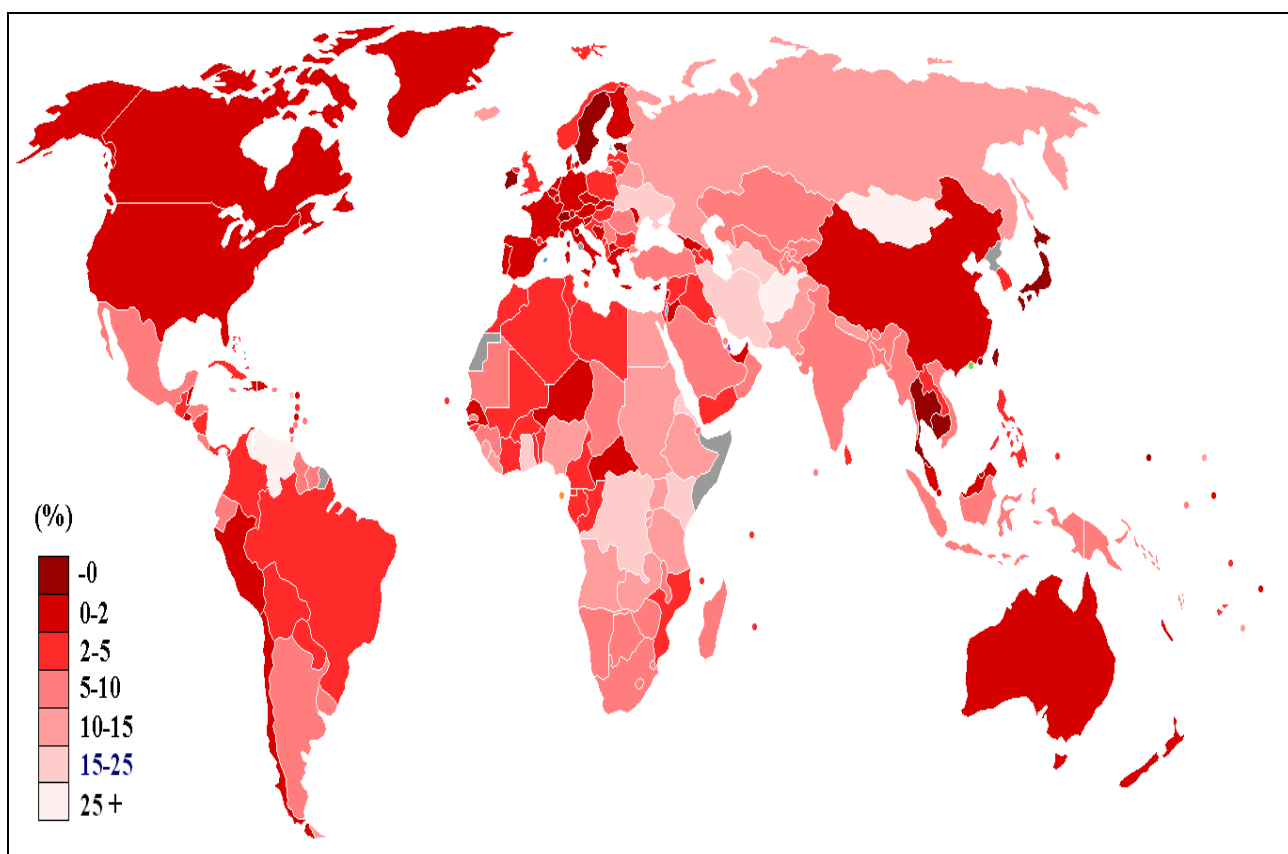


FIGURA 23 - NÍVEL DE INFLAÇÃO POR PAÍS EM 2010
FONTE: CIA World Factbook (2010) adaptado pelo autor.

Como pode ser verificado existe entre os países ampla variação de inflação e, os países desenvolvidos, em geral, tem uma inflação menor.

- Taxa de Câmbio

Segundo o Banco Central do Brasil (2011), taxa de câmbio é o preço de uma moeda estrangeira medido em unidades ou frações (centavos) da moeda nacional. A taxa de câmbio reflete, assim, o custo de uma moeda em relação à outra. As cotações apresentam

taxas para a compra e para a venda da moeda, as quais são referenciadas do ponto de vista do agente autorizado a operar no mercado de câmbio pelo Banco Central.

A flutuação das cotações do câmbio das moedas de mais de 150 países é apresentada de forma simplificada na FIGURA 24 para o período de 2002 e 2011. Estes dados foram compilados a partir das informações coletadas no site do Banco Central do Brasil (2011).

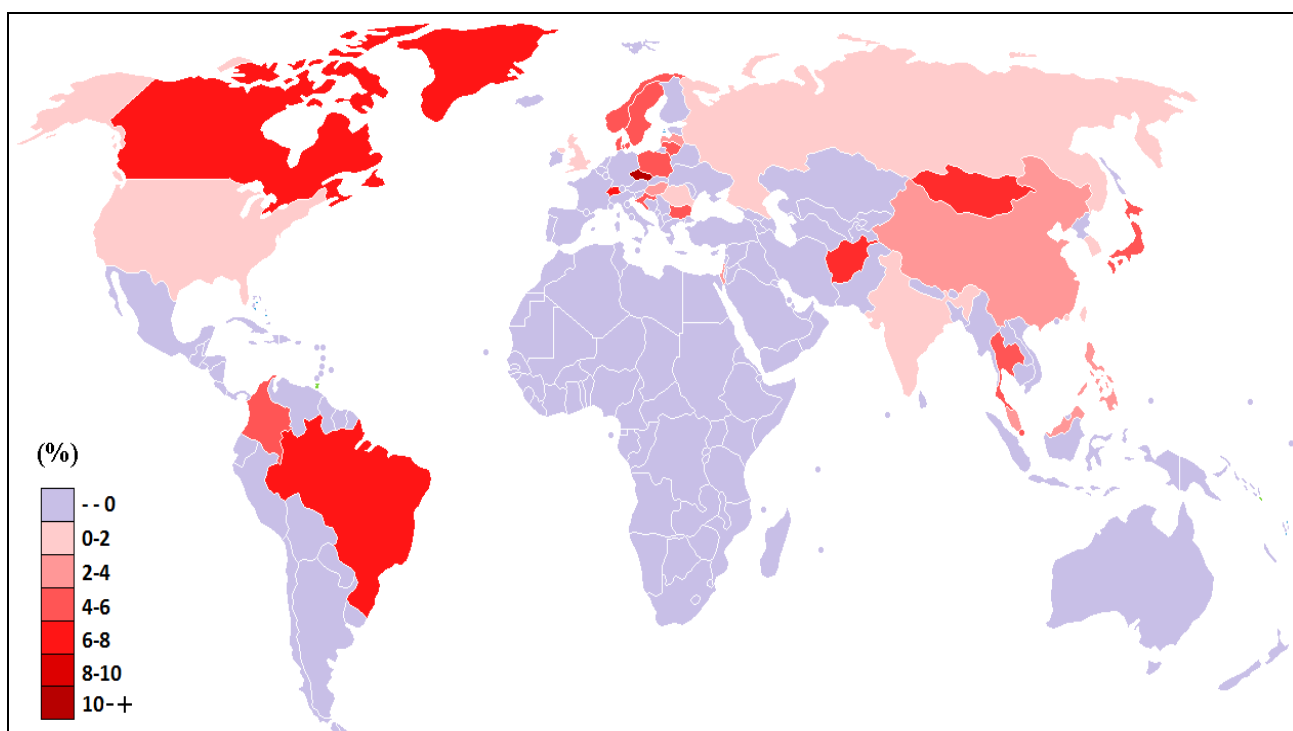


FIGURA 24 - NÍVEL DE VALORIZAÇÃO DA MOEDA LOCAL DOS PAÍSES ENTRE 2002 e 2011
 FONTE: Banco Central do Brasil (2011)

Alguns países possuem valores negativos de valorização da moeda, ou seja, desvalorização no período. Outros países, como a República Tcheca, Brasil, Suíça, Canadá, Croácia (República da), Polônia (República da), Lituânia (República da), Japão, Bulgária (República da), Dinamarca, Tailândia, Cingapura, Noruega, Colômbia, Suécia, Israel, China (República Popular da), Hungria (República da), Filipinas, Malásia, Letônia (Republica da), Romênia, África Do Sul, Formosa (Taiwan), Rússia (Federação da), Coreia (do Sul), Índia, Reino Unido e Hong Kong, tiveram valorização da moeda local frete ao Dólar Estadunidense. Na TABELA 5 estão descritos os valores da valorização para cada país.

TABELA 5 - VALORIZAÇÃO DA MOEDA LOCAL FRENTE AO DÓLAR ESTADUNIDENSE, MOEDA E VALORIZAÇÃO PERCENTUAL MÉDIA ENTRE 2002 E 2011

MOEDA	COD	PAÍS	VALORIZAÇÃO DA MOEDA (2002-2011 MÉDIA % ANUAL)
Coroa Tcheca	CZK	República Tcheca	11,0%
Real	R\$	Brasil	7,5%
Franco Suíço	CHF	Suíça	6,8%
Dólar Canadense	CAD	Canadá	6,2%
Kuna	HRK	Croácia (República da)	5,6%
Zloty	PLN	Polônia, República da	5,4%
Lita	LTL	Lituânia, República da	5,3%
Iene	JPY	Japão	5,3%
Lev	BGN	Bulgária, República da	5,0%
Coroa Dinam	DKK	Dinamarca	5,0%
Bath	THB	Tailândia	4,9%
Dólar	SGD	Cingapura	4,6%
Coroa Norue	NOK	Noruega	4,5%
Peso	COP	Colômbia	4,5%
Coroa Sueca	SEK	Suécia	4,1%
Shekel	ILS	Israel	3,5%
Iuan Renmimbi	CNY	China, República Popular	3,4%
Forint	HUF	Hungria, República da	3,4%
Peso	PHP	Filipinas	2,8%
Ringgit	MYR	Malásia	2,6%
Lat	LVL	Letônia, República da	2,3%
Leu	ROL/RON	Romênia	1,6%
Rande	ZAR	África do Sul	1,4%
Novo Dólar	TWD	Formosa (Taiwan)	1,4%
Rublo	RUB	Rússia, Federação da	0,7%
Won	KRW	Coreia (do Sul), República	0,6%
Rupia	INR	Índia	0,4%
Libra Esterlina	GBP	Reino Unido	0,1%
Dólar	HKD	Hong Kong	0,0%

Fonte: Autor (2011) base de dados Banco Central do Brasil

- Carga Tributária

O estudo Doing Business publicado em 2006 (Banco Mundial, 2006), fornece uma mensuração objetiva dos regulamentos sobre os negócios e sua aplicação em diversos países. No Brasil, um dos indicadores avaliados é o 'pagamento de impostos'. Este indicador registra todos os impostos pagos por uma empresa de porte médio que produz e vende bens de consumo, no seu segundo ano de operação. Os impostos são medidos em todos os níveis de governo e leva-se em conta um conjunto padrão de deduções e isenções.

O sistema fiscal brasileiro está entre os mais complexos e onerosos do mundo. Enquanto o Brasil tem mais de 25 impostos federais, estaduais e municipais diferentes, a Noruega cobra 60% do lucro líquido das empresas usando somente 3 impostos pagos eletronicamente. No Amazonas as empresas pagam 89% do lucro líquido, a mais baixa da amostra. Manaus (Amazonas) foi declarada uma zona franca e está isenta do imposto federal sobre a produção industrial (IPI). Em 12 estados e no Distrito Federal, a carga fiscal representa, em média, 149% do lucro líquido e é paga em 17 parcelas por ano (Banco Mundial, 2006).

Em contrapartida, as empresas nas 22 cidades principais da América Latina e do Caribe pagam 53% do lucro líquido e efetuam 48 pagamentos. A carga fiscal é pesada no Brasil, e inclui uma complexidade administrativa. O Rio de Janeiro tem o recorde mundial na classificação de carga tributária. (FIGURA 25)

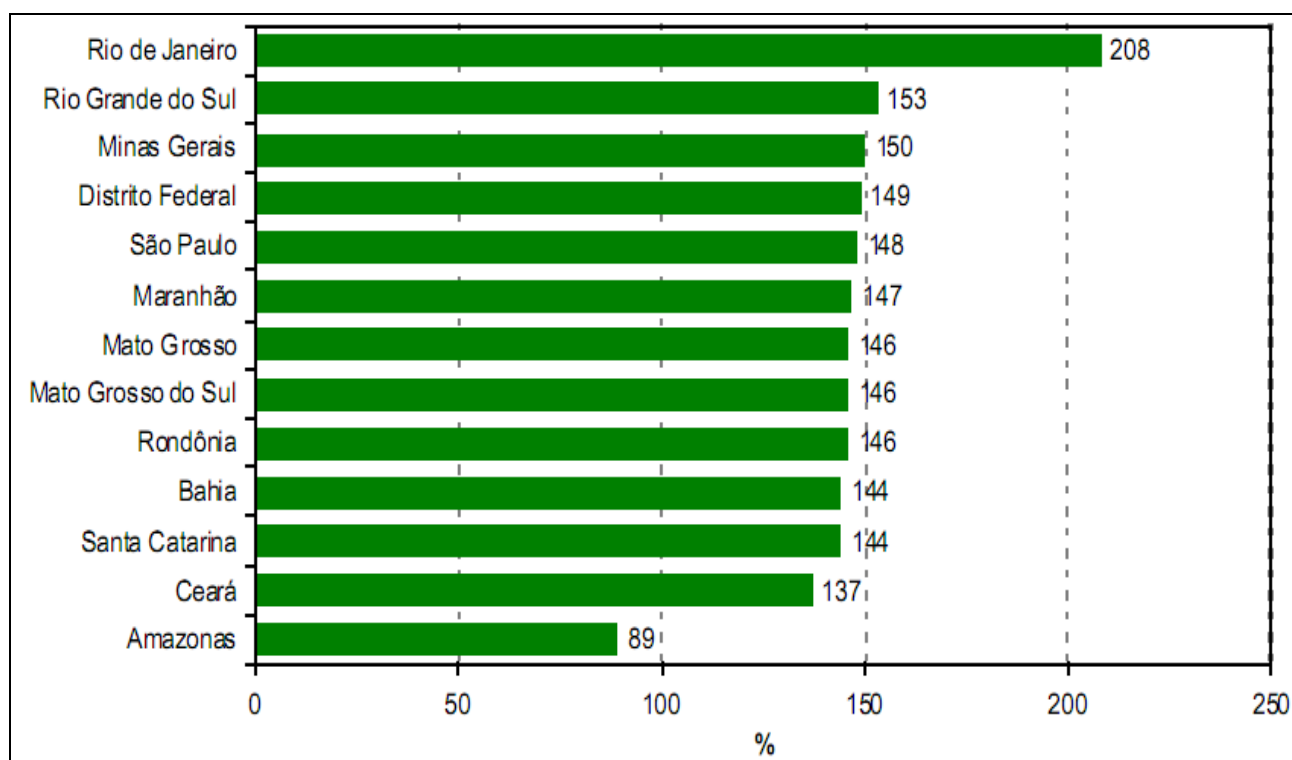


FIGURA 25 - TOTAL DE IMPOSTOS A PAGAR NO BRASIL (% SOBRE O LUCRO LÍQUIDO)
 FONTE: Banco Mundial (2006)

Para a CNI (2008), apesar de a legislação tributária brasileira procurar desonerar as exportações, 73,1% das empresas consultadas afirmam que os tributos afetam

negativamente a competitividade externa dos produtos brasileiros. Entre as empresas cujas exportações superam 50% do faturamento total, os custos tributários e a dificuldade de ressarcimento de créditos são o segundo principal entrave para a expansão das exportações.

A FIGURA 26 mostra o impacto dos diversos impostos nas exportações. Apenas para 26% das empresas pesquisadas nenhum tributo afeta a competitividade externa. O resultado mostra que os mecanismos de desoneração não são eficientes. Dificuldade no ressarcimento é o principal problema. Para 79,1% das empresas moveleiras pesquisadas os impostos afetam sua competitividade nas exportações, ou seja, para o setor moveleiro, apenas 20,9% das empresas não são afetadas pelos impostos.

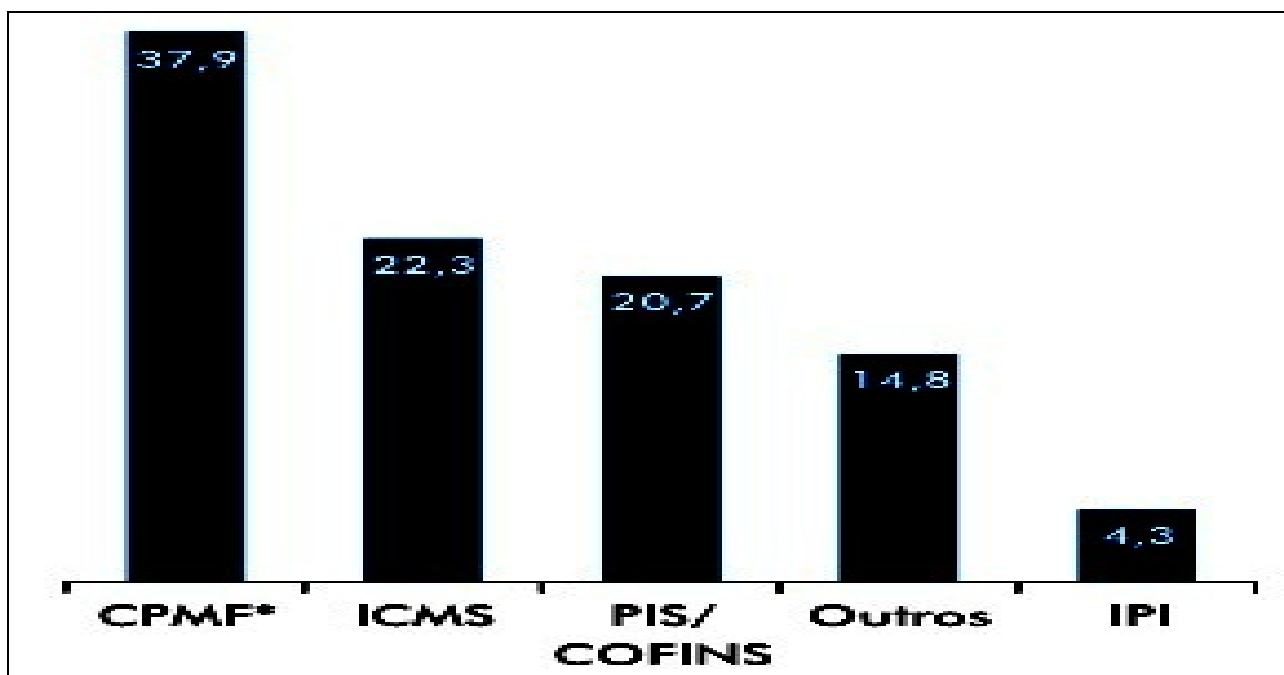


FIGURA 26 - TRIBUTOS QUE MAIS AFETA A COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES (%)
FONTE: CNI (2008)

*A CPMF foi extinta em dezembro de 2007.

- Logística de exportação

O relatório anual do Banco Mundial (2012) Doing Business, considera para o custo de logística o somatório do custo de taxas cobradas sobre um contêiner de 20 pés, em dólares dos EUA e todas as taxas associadas à conclusão dos procedimentos para exportar, incluindo os custos de documentos, taxas administrativas para desembarço aduaneiro e controle técnico, honorários de despachante aduaneiro, as despesas de manutenção do terminal e transporte terrestre, não incluindo custos relacionados com transporte marítimo. O custo de logística impacta diretamente na competitividade de exportações, visto que este custo varia entre 5 a 20 por cento do custo total da mercadoria.

Segundo o Doing Business (2012), o custo de logística no Brasil de US\$2.215 é o maior dentre os países analisados, sendo o menor valor o custo da Malásia, de US\$450.

A distância entre país consumidor e produtor impacta diretamente no custo logístico, e quanto mais próximo estiver o país produtor dos principais importadores, maior a competitividade deste. Verifica-se que neste quesito, países europeus possuem distâncias consideravelmente menores e conseqüentemente custos de transporte mais baixo para os quatro principais mercados importadores: Estados Unidos, Alemanha, França e Reino Unido.

- Produtividade

Os fatores intra-setoriais são fatores intrínsecos ao setor moveleiro que afetam diretamente à competitividade das exportações. Entre os mais importantes está a produtividade.

Existem várias técnicas para medir a produtividade de uma determinada atividade econômica. A restrição para escolher o método certo é a disponibilidade de informação estatística.

A produtividade do trabalho mede a relação entre a quantidade de trabalho incorporado no processo de produção e a produção obtida. Há duas maneiras para medi-la. O método mais comum é aquele que relaciona a quantidade de produto obtido com o número de horas-homem trabalhadas durante um período determinado, ou em uma unidade de produção, num setor ou em um país. A produtividade também pode ser medida pela

relação entre a quantidade produzida e o número de trabalhadores empregados. Este relacionamento permite avaliar o desempenho de uma unidade de produção em um período determinado (Productividad, 2012).

Para Denk (2001), o desempenho das empresas do pólo de São Bento do Sul tem melhorado muito nos últimos anos, porém os índices de produtividade continuam baixos se comparados com índices de países desenvolvidos. O valor médio alcançado pelas empresas pesquisadas por Denk (2001) no pólo é de 2.074 dólares/empregado/mês em 2001.

Segundo Lanzer et al (1997), a produtividade por trabalhador nas indústrias moveleiras do Brasil é 2.750 dólares/empregado/mês, enquanto nos EUA e Canadá o valor ultrapassa 12.500 dólares por mês.

A produtividade está diretamente relacionada ao grau tecnológico empregado em uma empresa. Em estudo realizado por Franzoni (2005), foi avaliado o atraso tecnológico das empresas de São Bento do Sul e segundo a percepção dos empresários, em relação ao que existe de mais moderno no mercado, o atraso tecnológico é de três anos, o que por sua vez indica uma posição competitiva neste fator, muito próxima das empresas dos principais países exportadores mundiais, como Itália e Alemanha.

Franzoni (2005) também identificou que os preços praticados pelo Brasil, em se tratando de móveis, são inferiores aos praticados por países como Itália, França, Bélgica, Reino Unido e Alemanha. Estes países praticam valores superiores ao dobro do valor praticado pelo Brasil. Visto que uma das formas de cálculo da produtividade é em faturamento por funcionário, os preços também estão impactando na produtividade. Identificou também que apenas 30% das vendas ocorrem diretamente ao varejo, sendo os outros 70% com intermediários, agentes e/ou distribuidores.

Outro fator que prejudica a produtividade, segundo o Peix Univille (2011), é a baixa utilização da capacidade produtiva. Nas empresas de São Bento do Sul, a utilização da capacidade produtiva em 2010 era de 80%, ocasionando uma ociosidade de 20%.

3. MATERIAIS E METODOLOGIA DE ESTUDO

Este capítulo apresenta uma abordagem geral dos materiais e métodos considerados no desenvolvimento deste estudo.

A metodologia considerou como base uma avaliação comparativa dos fatores que influenciam a competitividade nas exportações de móveis brasileira frente a de países com atuação relevante no mercado internacional de móveis. O método usado baseou-se em uma revisão de bibliografia detalhada e a triagem de países e fatores que afetam. Para comparação, formaram-se indicadores e um índice. Os fatores afetando a competitividade do Brasil serviram como base para a priorização das ações para melhoria da competitividade do pólo de São Bento do Sul e o fortalecimento das exportações do Brasil.

3.1 ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS

A primeira atividade realizada foi relacionada a uma coleta de informações e análise de dados relativos a evolução nos últimos anos do mercado nacional de móveis e do comércio internacional.

A análise considerou basicamente identificar as taxas de crescimento na comercialização de móveis no mercado nacional em comparação com o crescimento do comércio internacional para móveis. O objetivo é identificar uma tendência e perspectiva no intuito de definir a importância relativa destes dois mercados.

3.2 SELEÇÃO DE PAÍSES

A seleção dos países mais relevantes no comércio internacional de móveis, e a serem considerados neste estudo, foi com base em estatísticas da bibliografia, considerando-se dados do RADAR COMERCIAL – MDIC, 2011. A seleção considerou os

países exportadores de móveis, que exportaram em 2009 mais de US\$500 milhões. Este limite de valor foi considerado como suficiente para incluir um número significativo de países na análise.

3.3 FATORES AFETANDO A COMPETITIVIDADE

Para entender os fatores que afetam a competitividade revisaram-se literaturas de diversos autores e diversos países, bem como estudos de casos reais com situações similares às necessidades do presente estudo.

3.3.1 Fatores que afetam

Com base em informações de literatura buscou-se identificar os fatores mais relevantes e que possam estar afetando a competitividade das exportações de móveis. Uma base para a listagem dos fatores foi o estudo do IAIF do BID.

A listagem incluiu os fatores considerados como limitantes às exportações (entraves, barreiras, impedimentos, e outros), como também os fatores que podem afetar positivamente, como elementos motivadores e facilitadores das exportações.

3.3.2 Fatores selecionados com maior impacto

Para seleção dos fatores mais influentes foram revisados na bibliografia estudos de caso e outros estudos e informações de relevância que identifiquem por fontes confiáveis os fatores que impactam negativamente nas exportações nacionais de móveis. Na seleção foi considerado também aspectos relativos a representatividade, relevância e em especial disponibilidade da base de dados.

3.4 ESTRUTURA DO ÍNDICE

A sistemática para indicar quais foram os países com maior grau de competitividade nas exportações de móveis é baseada em um índice que considera como base o conceito adotado no desenvolvimento do IAIF do BID.

O IAIF considera três sub-índices: supra, inter e intra-setoriais. Estes sub-índices foram calculados com base em indicadores de cada fator pré-selecionado. O objetivo final foi o desenvolvimento do Índice de Competitividade nas Exportações de Móveis, denominado de ICEM.

3.4.1 Cálculo dos indicadores

Para o cálculo dos indicadores foi adotada a metodologia tradicional para a indexação e fórmulas para a normalização dos dados (BID, 2004). A normalização removeu unidades, convertendo todos os dados coletados para a mesma base, independentemente de medida. Isto permite a comparação entre indicadores de diferentes escalas, mantendo a importância relativa de medição original. A equação empregada para o cálculo está mostrada abaixo.

$$\text{Indicador} = \frac{(V_i - V_{\min})}{(V_{\max} - V_{\min})}$$

EQUAÇÃO 1 - FÓRMULA PARA INDEXAÇÃO DOS INDICADORES QUE COMPÕEM O ICEM

Onde;

- “Vi” é o valor correspondente a um determinado país em um determinado período,
- “Vmin” é o valor mínimo e
- “Vmáx” é o valor máximo encontrado entre todos os indivíduos analisados.

O resultado dessa normalização são valores entre 0 e 1. Para simplificar o processo de comparação entre os indicadores que compõem o ICEM, os dados foram indexados e convertidos para uma escala de 0 a 100, multiplicando-se assim por 100.

O conceito simplificado é de que quanto maior o valor normalizado, maior sua contribuição para o ICEM e maior competitividade.

3.4.2 Cálculo dos sub-índices

O resultado dos sub-índices supra, inter e intra-setoriais foram obtidos através do cálculo da média aritmética dos dados dos indicadores de cada sub-índice, expresso pela fórmula da EQUAÇÃO 2.

$$\text{Sub-índice} = \overline{X}_{\text{Indicadores Sub-índice}}$$

EQUAÇÃO 2 - FÓRMULA PARA CÁLCULO DOS SUB-ÍNDICES QUE COMPÕEM O ICEM

Desta forma, os resultados dos sub-índices foram expressos em uma escala de 0-100, mantendo a mesma escala dos seus indicadores.

3.5 CÁLCULO DO ÍNDICE DE COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS

Para a construção do ICEM foram agregados todos os indicadores selecionados em um único índice. No entanto, para conferir maior ênfase nos indicadores intra-setoriais, intrínsecos à atividade de produção de móveis, que têm correlação especial com o desempenho, foi aplicada uma ponderação para cada um dos sub-índices que compuseram o ICEM.

Com base nos estudos relacionados ao IAIF (BID, 2004) adotou-se, em função da importância dos sub-índices na competitividade para o sub-índice supra-setorial o peso “1”, para o sub-índice inter-setorial o peso “2” e para o sub-índice intra-setorial foi utilizado o peso “4”. A EQUAÇÃO 3 mostra o cálculo realizado para o Índice de Competitividade de Exportações de Móveis de cada país analisado.

$$\text{ICEM} = \left[\frac{1x(\bar{X}_{\text{IndicadoresSupra}}) + 2x(\bar{X}_{\text{IndicadoresInter}}) + 4x(\bar{X}_{\text{IndicadoresIntra}})}{7} \right]$$

EQUAÇÃO 3 - FÓRMULA PARA CÁLCULO DO ÍNDICE DE COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS

Aplicando a ponderação, alguns destes elementos passam a ter maior importância, uma vez que os seus valores são multiplicados por diferentes pesos. Os pesos utilizados foram também utilizados, como já mencionado pelo BID (2004), na formação do IAIF, indicador este que possui grande consistência, pois apresentou resultados que confirmam a realidade vivida pelos países avaliados.

O resultado do ICEM, bem como indicadores e sub-índices, são expressos em uma escala de 0-100.

3.6 ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DO PÓLO DE SÃO BENTO DO SUL

Para esta análise foram comparados os sub-índices e verificada a relevância de cada um e o potencial de crescimento que estes podem estar impactando no ICEM, sendo aqueles com maior potencial de crescimento os fatores, em princípio mais relevantes, e que mais estão impactando negativamente na competitividade do Brasil em termos de exportações de móveis.

O conceito básico é de que sendo o pólo de São Bento do Sul o maior exportador do Brasil (com cerca de 40%) a aplicação dos resultados, e as ações propostas deste estudo pode ser ampliada para cobrir a indústria brasileira de móveis. Assim, a priorização das propostas para melhoria da competitividade em participação do comércio internacional de móveis para o Brasil e em especial para o pólo de São Bento do Sul, foi baseada no comparativo dos indicadores e sub-índices. As propostas priorizadas foram aquelas que tiveram maior potencial de crescimento, impactando com maior relevância no ICEM.

3.7 AÇÕES RECOMENDADAS PARA MELHORAR A COMPETITIVIDADE

Para a implementação de ações que possam mudar o cenário atual e melhorar a competitividade da indústria de móveis no mercado internacional (ICEM) foi seguida uma metodologia similar à do PROMECIF (2005), ajustada à realidade do presente estudo.

Assim, identificaram-se os fatores que alterados, vão ter maior impacto no índice ICEM, bem como mediu-se o impacto. Foi buscado também um detalhamento dos fatores com base em diagrama causal. O objetivo foi analisar em detalhes os elementos que estão afetando o fator selecionado.

As ações propostas são pontuais e atuam sobre os elementos e fatores do diagrama causal detalhado, visando melhorar o ICEM. Foram seguidas três fases principais para aplicação do PRODIMOV (Programa de Desenvolvimento Industrial Moveleiro):

Fase I – Compromisso de mudança;

Fase II – Diagnóstico e definição da estratégia; e

Fase III – Execução, Monitoramento e Avaliação.

3.7.1 Fase I – Compromisso de mudança

A primeira fase para atuar e melhorar o ICEM foi a aceitação política de que é necessário mudar e a adoção de um processo de mudança por parte dos principais atores

diretamente e indiretamente envolvidos com a atividade (indústria de móveis, academia, governo, associações e outros). Nesta fase, é importante que os atores assumam o compromisso de introduzir mudanças. Esta fase considera em princípio três componentes: (i) promoção, (ii) identificação e (iii) comitê coordenador.

A etapa de promoção compreende a apresentação dos dados relacionados ao ICEM. É na realidade uma fase de promoção do estudo para motivar e envolver os atores. Os dados do estudo e o processo deverão ser apresentados e discutidos com os diretamente e indiretamente envolvidos com o setor moveleiro do pólo selecionado (atores).

A etapa de identificação é a de mensuração da motivação dos diferentes atores. Em princípio todos os atores deveriam estar envolvidos, no entanto o processo exige que sejam selecionados os que estarão efetivamente comprometidos com o processo de mudança e prontos a participar. Estes atores identificados farão parte de um comitê de coordenação, o qual será o orientador e o gestor do processo de mudança. As etapas envolvidas nesta primeira fase são mostradas de forma simplificada na FIGURA 27.



FIGURA 27 - DIAGRAMA DA FASE I - PROMOÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E COMITÊ COORDENADOR

3.7.2 Fase II – Diagnóstico e definição da estratégia

Esta segunda fase tem como objetivo a realização de um diagnóstico detalhado, o qual constitui-se basicamente em um detalhamento do presente estudo. Este diagnóstico é a base para definição da estratégia para melhorar a competitividade das exportações de móveis, incluindo a elaboração do plano de ação. Uma abordagem geral desta segunda fase é mostrada na FIGURA 28.

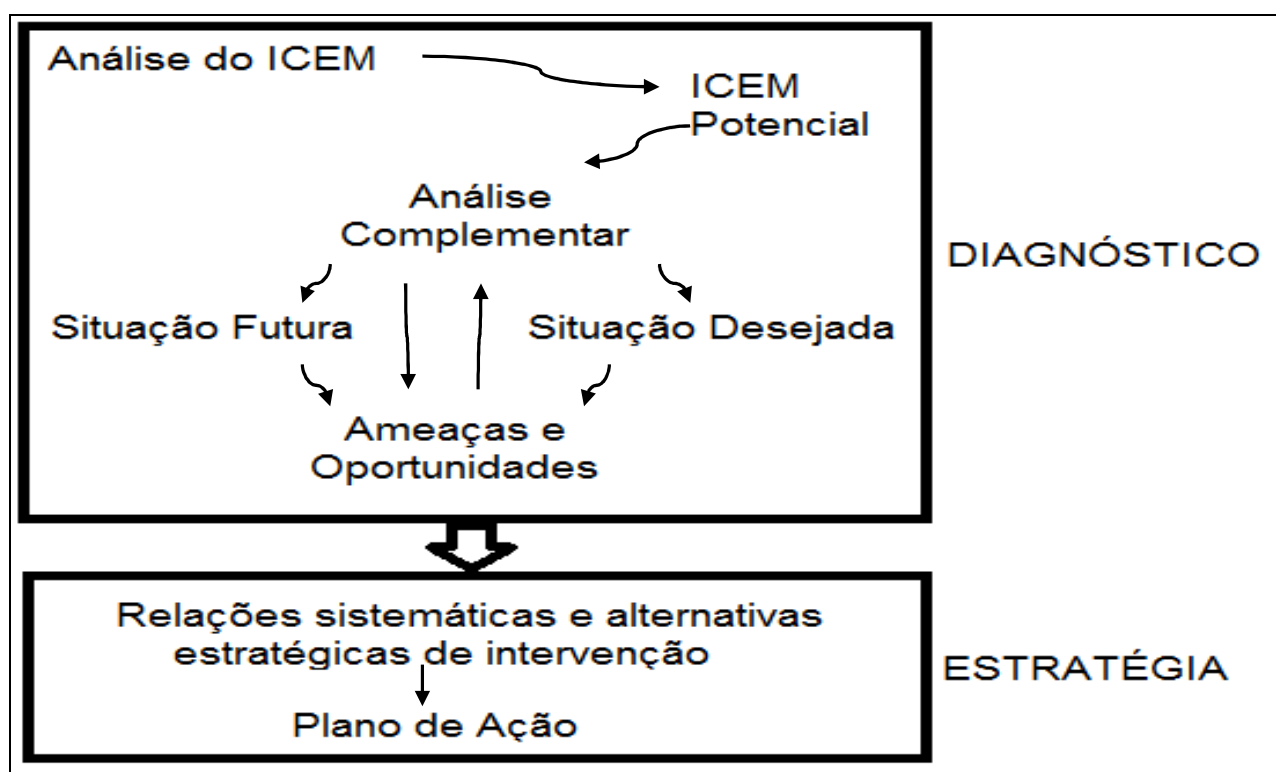


FIGURA 28 - DIAGRAMA DA FASE II - DIAGNÓSTICO E ESTRATÉGIA

Para o diagnóstico utilizaram-se dois tipos de análise: Análise do ICEM e Análise Complementar. A análise do ICEM considera os indicadores, sub-índices e ICEM, sendo selecionado o fator com maior impacto na melhora do ICEM. Complementarmente é feita a identificação das ameaças e oportunidades em função das situações futura e desejada, e

uma análise complementar considerando o diagrama causal do fator selecionado para ações.

A situação futura é a projeção de dois cenários distintos, e que ocorrerão com a intervenção de ações estratégicas e sem a intervenção. A situação desejada para o futuro é o resultado de processos de melhoria que buscam alcançar os interesses do setor moveleiro, ou seja a melhoria da competitividade.

O diagnóstico busca apoiar o esforço de identificação das ameaças e oportunidades. Com isto é possível determinar as alternativas de estratégia de intervenção para melhorar a competitividade de exportações de móveis. O conjunto de intervenções estratégicas forma a base para o plano de ação.

3.7.3 Fase III – Execução, Monitoramento e Avaliação

Uma vez aprovado o interesse e a vontade política dos atores na implantação das ações propostas, devem ser definidas as formas e fontes de financiamento das ações identificadas. Também são definidas as atividades de monitoramento dos projetos e avaliação geral do processo. O ciclo finaliza com a avaliação das estratégias e projetos e a aplicação das lições aprendidas em um novo ciclo do processo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentadas as informações coletadas, as análises realizadas e discutidos os resultados deste estudo.

4.1 IMPORTÂNCIA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL PARA INDÚSTRIA DE MÓVEIS NO BRASIL

Uma análise comparativa da evolução do mercado interno (Brasil) e comércio internacional de móveis é apresentada na FIGURA 29. As informações apresentadas são baseadas principalmente nas publicações CSIL (2011), Radar Comercial (2011) e ABIMÓVEL (1996). A série histórica indica que nos últimos 10 anos ambos mercados apresentaram taxas médias de crescimento positivas, e relativamente elevadas. No entanto, no período, o crescimento do comércio internacional (12,1% ao ano) foi muito superior ao observado no mercado doméstico (1,1% ao ano).

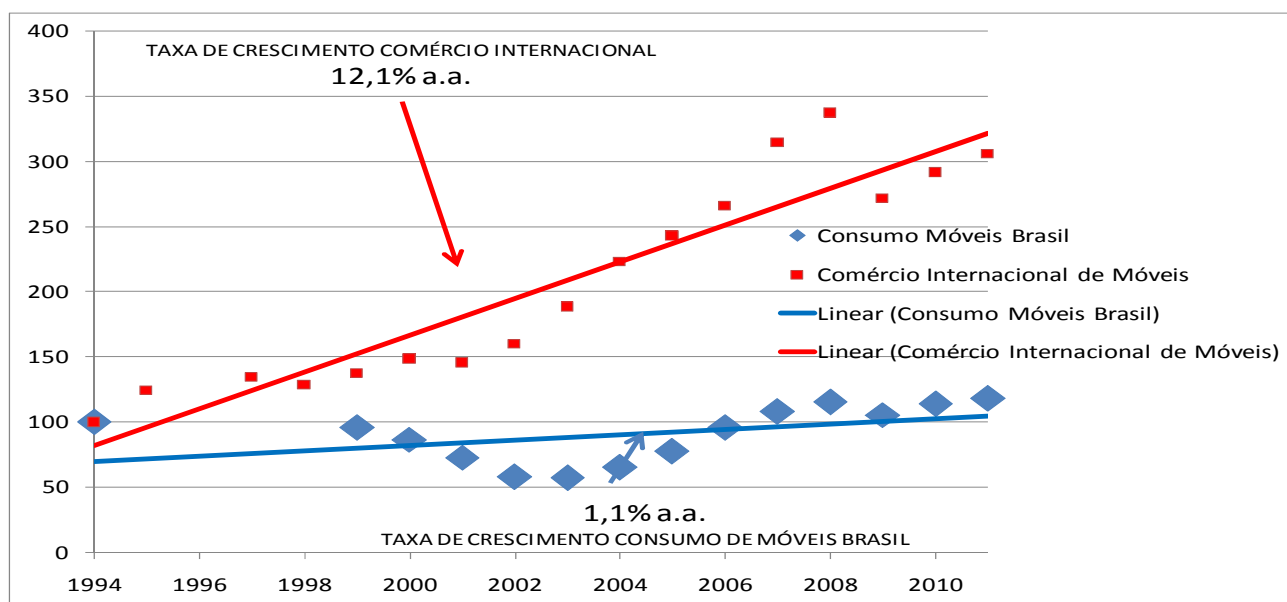


FIGURA 29 - EVOLUÇÃO DOS MERCADOS NACIONAL E COMÉRCIO INTERNACIONAL DE MÓVEIS
 FONTE: CSIL (2011); Radar Comercial (2011); ABIMÓVEL (1996) adaptados pelo autor
 *2011 Dados Projetados

A informação apresentada é uma tendência global incluindo praticamente todos os setores da economia. Ela indica que, como estratégia de longo prazo, o negócio moveleiro nacional não pode deixar de considerar o mercado internacional como uma opção importante. Portanto a estratégia adotada pela indústria moveleira do pólo moveleiro de São Bento do Sul (abandono do mercado internacional e foco no mercado nacional) não é a melhor estratégia.

Os dados do CSIL (2011) e MDIC Radar Comercial (2012) indicam que a participação brasileira no comércio internacional está diminuindo, e portanto este não é um problema específico do setor moveleiro de São Bento do Sul, mas sim um problema do setor moveleiro nacional. Em 2007 a participação do Brasil era de 1% do total comercializado no mundo e diminuiu gradualmente atingindo em 2010 participação inferior a 0,7%. O Brasil e as empresas moveleiras precisam participar do comércio internacional de móveis e para isto precisa-se ter competitividade maior que países relevantes neste mercado.

4.2 PAÍSES SELECIONADOS

Os países selecionados foram: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Coréia, Dinamarca, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Hungria, Índia, Indonésia, Itália, Japão, Lituânia, Malásia, México, Noruega, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Eslovaca, República Tcheca, Romênia, Suécia, Suíça, Tailândia, Taiwan, Turquia e Vietnã. Para estes 34 países representam mais de 90% do comércio mundial de móveis e portanto formam uma base sólida para o desenvolvimento do ICEM.

4.3 FATORES SELECIONADOS

Os fatores selecionados e que serviram de base para compor o ICEM são apresentados no diagrama causal apresentado na FIGURA 30. No total são mais de 60

fatores e que foram subdivididos em fatores intra-setoriais e fatores extra-setoriais (supra e inter-setoriais).

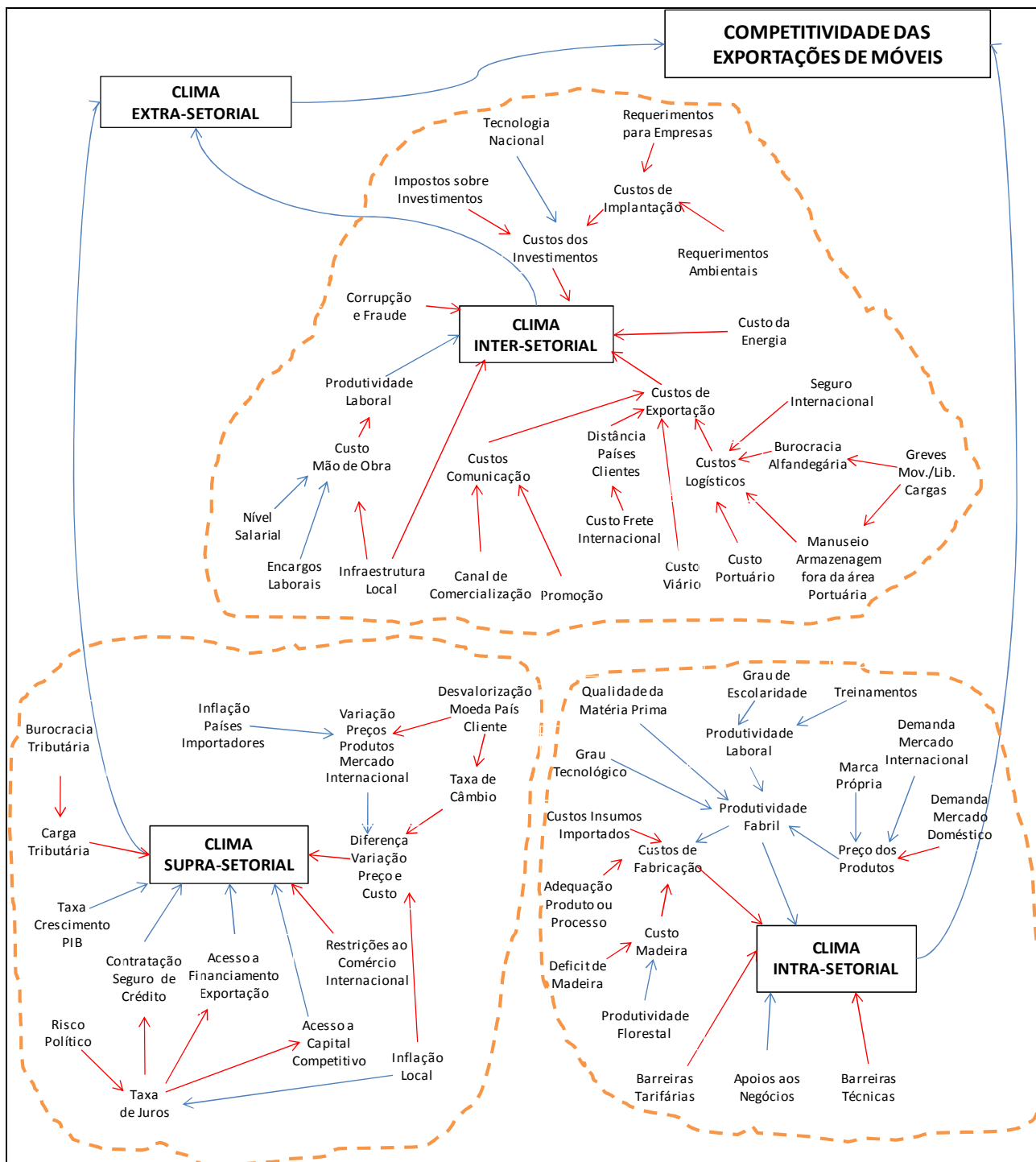


FIGURA 30 - FATORES QUE AFETAM A COMPETITIVIDADE NAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS
 FONTE: O autor (2012)

A análise inicial permitiu avaliar e identificar os principais fatores que afetam a competitividade de exportações de móveis. No entanto para fins de construção do ICEM foi ainda necessária uma análise da disponibilidade de base de dados na bibliografia. Uma síntese dos resultados da análise que levou à seleção dos fatores a serem considerados para a construção do ICEM é apresentada no QUADRO 3.

FATOR	SUB-ÍNDICE	INDICADOR	CONCEITO	FONTE
Inflação	SUPRA	Inflação Preços ao Consumidor dos Países em porcentagem anual calculada para o período de 2001 até 2011	Havendo inflação dos custos de produção superior à inflação dos preços de venda há a perda de competitividade	Cia World Factbook
Taxa de Câmbio	SUPRA	Valorização da Moeda Local em porcentagem anual calculada para o período de 2002 até 2011	Quanto maior a valorização da moeda do país maior será a inflação dos custos das matérias primas, insumos e consumos	Banco Central do Brasil - BCB
Carga Tributária	SUPRA	Carga Tributária sobre o lucro bruto antes dos impostos	Carga Tributária total sobre a porcentagem do lucro antes de todos os impostos	Banco Mundial
Custo Logístico	INTER	Valor em dólar do custo para exportar um contêiner de 20 pés com todas as taxas associadas à conclusão dos procedimentos	Quanto maior o custo do contêiner menor competitividade nas exportações	Banco Mundial
Distância Países Importadores	INTER	Média de distância mínima entre o centro geométrico do país produtor até os centros geométricos dos quatro principais países importadores de móveis	Quanto maior o custo do contêiner menor competitividade nas exportações	Levantamentos de distâncias entre países com GoogleEarth
Custo Mão de Obra	INTER	Salário mínimo em dólares estadunidenses	Quanto maior o salário mínimo menor a competitividade, visto que a indústria moveleira é pouco automatizada	International Labour Office - ILO
Produtividade	INTRA	Produção em dólares mensal por funcionário por país	Quanto maior produtividade maior competitividade	Produção: CSIL; Número de Operários: Fontes Diversas
Custo da Matéria Prima Madeira	INTRA	Valor praticado no metro cúbico nas importações de madeiras serradas, tanto coníferas quanto folhosas FOB	Quanto maior o custo da madeira menor competitividade	MDIC Radar Comercial

QUADRO 3 - FATORES SELECIONADOS QUE COMPÕEM O ÍNDICE DE COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS

Como observado para o ICEM, na fase final, foram selecionados três indicadores supra-setoriais, três indicadores inter-setoriais e dois intra-setoriais, os quais estão

relacionados diretamente a 36 fatores (7 supra; 15 inter e 14 intra), representando mais da metade de todos os 60 fatores inicialmente analisados.

4.4 - INDICADORES, SUB-ÍNDICES E ICEM

4.4.1 Indicadores

- Supra-setoriais

Os indicadores supra setoriais selecionados foram: Inflação; Taxa de Câmbio e Carga Tributária.

O indicador para o fator inflação é considerado em porcentagem de inflação de preços ao consumidor acumulada entre os anos de 2001 a 2011 para os países selecionados. A TABELA 6 mostra os valores utilizados, bem como o valor indexado para cada país estudado. A fonte dos dados deste indicador foi a *Cia World Factbook*, anos de 2001 a 2011, dados estes que foram somados e o acumulado do período usado na indexação. Vide dados base no ANEXO 1.

TABELA 6 - DADOS DO FATOR "INFLAÇÃO" E INDEXAÇÃO

	PAÍS	INFLAÇÃO ACUMULADA % (2001 a 2011)	INDEXADO
1	Japão	-2,4	100
2	Suíça	9,1	94
3	Taiwan	12	92
4	Alemanha	17,9	89
5	Suécia	17,7	89
6	França	19,2	88
7	Áustria	21,6	87
8	Canadá	21,7	87
9	Holanda	21,9	87
10	Noruega	21,2	87
11	Bélgica	23,7	86
12	Dinamarca	23,7	86
13	Itália	24	86
14	China	26,1	85
15	Estados Unidos	25,9	85
16	República Tcheca	24,35	85

Continua...

TABELA 6 - DADOS DO FATOR "INFLAÇÃO" E INDEXAÇÃO

	PAÍS	INFLAÇÃO ACUMULADA % (2001 a 2011)	INDEXADO
17	Malásia	26,4	84
18	Portugal	26,2	84
19	Reino Unido	28,2	83
20	Espanha	31,4	82
21	Tailândia	30,6	82
22	Polônia	32,3	81
23	Coréia	34,7	80
24	Lituânia	34,2	80
25	Eslovênia	43,1	75
26	República Eslovaca	48	73
27	México	50,6	71
28	Hungria	57,9	67
29	Índia	72,6	59
30	Brasil	74,2	58
31	Indonésia	91,6	49
32	Vietnã	99,6	45
33	Romênia	128,1	29
34	Turquia	181,6	0
	Média Geral	41,15	76,33
	Maior	181,60	100,00
	Menor	-2,40	0,00

Fonte: O autor (2012) com base em dados da CiaWorld Factbook (2012)

Em geral pode ser considerado que quanto menor a inflação, mais estável é a economia, e portanto mais competitivo é o país no comércio internacional. Entre os países analisados o Japão, por possuir deflação, (inflação negativa), é o país mais competitivo, enquanto a Turquia e a Romênia possuem inflação acumulada superior a 100%, foram menos competitivos.

Na realidade o Japão acumulou nestes 11 anos deflação. Este provavelmente tenha sido um dos fatores que promoveu que o Japão tivesse aumentado sua participação nas exportações mundiais em mais de 42% entre os anos de 2007 e 2009. No indicador Inflação o Brasil teve no período um valor acumulado de 74,2%, e classificou-se na 30ª posição (58 pontos).

O indicador para o fator taxa de câmbio é considerado como a variação da moeda local em relação ao dólar, calculado em porcentagem anual entre os anos de 2002 e 2011. A TABELA 7 mostra os valores utilizados, bem como o valor indexado para cada país estudado. Vide dados base no ANEXO 2.

TABELA 7 - DADOS DO FATOR "TAXA DE CÂMBIO" E INDEXAÇÃO

	PAÍS	(%/ano)	INDEXADO
1	República Eslovaca	-10,57	100
2	Eslovênia	-10,60	100
3	Holanda	-2,87	64
4	Espanha	-2,87	64
5	Alemanha	-2,87	64
6	Itália	-2,87	64
7	França	-2,87	64
8	Áustria	-2,87	64
9	Portugal	-2,87	64
10	Bélgica	-2,87	64
11	Vietnã	-2,48	62
12	México	-2,10	61
13	Indonésia	-0,46	53
14	Estados Unidos	0,00	51
15	Reino Unido	0,06	51
16	Índia	0,43	49
17	Coréia	0,59	48
18	Turquia	0,92 (-)	47
19	Taiwan	1,40	44
20	Romênia	1,60	43
21	Malásia	2,60	39
22	Hungria	3,36	35
23	China	3,37	35
24	Suécia	4,10	32
25	Noruega	4,51	30
26	Dinamarca	4,98	28
27	Tailândia	4,92	28
28	Japão	5,27	27
29	Polônia	5,43	26
30	Lituânia	5,31	26
31	Canadá	6,16	22
32	Suíça	6,80	19
33	Brasil	7,52	16
34	República Tcheca	11,00	0
	Média Geral	0,92	47
	Maior	11,00	100
	Menor	-10,60	0

Fonte: O autor (2012) com base a dados do Banco Central do Brasil (2011)

(-) Dado médio

Considera-se que quanto menor a valorização da moeda, mais competitivo é o país no comércio internacional. Neste caso a República Tcheca foi menos competitiva, por possuir alta valorização da moeda, e a República Eslovaca e Eslovênia tiveram ganhos de competitividade com as maiores desvalorizações das moedas locais. No indicador taxa de câmbio o Brasil teve uma valorização da moeda de 7,52% no período, e classificou-se na

33ª posição, com 16 pontos. A valorização da moeda local, o Real, entre 2001 e 2010, foi a segunda maior valorização dentre os países estudados.

O indicador para o fator carga tributária é baseado no percentual da carga tributária que incide sobre o lucro bruto, tomando como base o ano de 2010. A TABELA 8 mostra os valores utilizados, bem como o valor indexado para cada país estudado. A informação foi baseada no Banco Mundial (2012). Vide dados base no ANEXO 3.

TABELA 8 - DADOS DO FATOR "CARGA TRIBUTÁRIA" E INDEXAÇÃO			
	PAÍS	CARGA TRIBUTÁRIA (%)	INDEXADO
1	Dinamarca	27,5	100
2	Canadá	28,8	97
3	Coréia	29,7	95
4	Suíça	30,1	94
5	Malásia	34,0	84
6	Indonésia	34,5	83
7	Eslovênia	34,7	82
8	Taiwan	35,6	80
9	Reino Unido	37,3	76
10	Tailândia	37,5	76
11	Espanha	38,7	73
12	Vietnã	40,1	69
13	Holanda	40,5	68
14	Turquia	41,1	67
15	Noruega	41,6	66
16	Polônia	43,6	61
17	Portugal	43,3	61
18	Lituânia	43,9	60
19	Romênia	44,4	59
20	Estados Unidos	46,7	53
21	Alemanha	46,7	53
22	República Eslovaca	48,8	48
23	Japão	49,1	47
24	República Tcheca	49,1	47
25	Hungria	52,4	39
26	México	52,7	39
27	Suécia	52,8	38
28	Áustria	53,1	38
29	Bélgica	57,3	27
30	Índia	61,8	16
31	China	63,5	12
32	França	65,7	7
33	Brasil	67,1	3
34	Itália	68,5	0
	Média Geral	45,4	56
	Maior	68,50	100,00
	Menor	27,50	0,00

Fonte: O autor (2012) com base em dados do Banco Mundial (2012)

Quanto menor a carga tributária, em princípio mais competitivo é o país. Desta forma a Dinamarca, por possuir menor carga tributária entre os países incluídos na análise, é mais competitiva. A Itália e o Brasil são os países menos competitivos.

Este indicador foi onde o Brasil teve a pior pontuação dentre os supra-setoriais e provavelmente seja um dos fatores supra-setoriais que mais estejam afetando negativamente a competitividade no comércio internacional.

Um aspecto importante é o fato de que, diferentemente dos outros indicadores supra-setoriais analisados, a carga tributária é uma variável que pode ser ajustada pelos governos dos países.

- Indicadores inter-setoriais

Com base na sua relevância e na contribuição para a competitividade os indicadores inter-setoriais considerados para a construção do ICEM foram: custo de logística; distância aos países consumidores e custo da mão de obra.

O indicador para o fator custo logística inclui os custos relacionados a logística da exportação, entre eles os custos de documentos, taxas administrativas para desembaraço aduaneiro e controle técnico, honorários de despachante aduaneiro e despesas de manutenção do terminal. A TABELA 9 mostra os valores utilizados, bem como o valor indexado para cada país estudado. A informação é obtida no estudo do Banco Mundial - *Doing Business* (2012). Vide dados base no ANEXO 4.

TABELA 9 - DADOS DO FATOR "CUSTO LOGÍSTICA" E INDEXAÇÃO

	PAÍS	CUSTO CONTÊINER (US\$/CTN)	INDEXADO
1	Malásia	450	100
2	China	500	97
3	Vietnã	580	93
4	Tailândia	625	90
5	Indonésia	644	89
6	Taiwan	655	88
7	Coréia	680	87
8	Portugal	685	87
9	Suécia	697	86
10	Eslovênia	710	85
11	Dinamarca	744	83
12	Noruega	830	78
13	Japão	880	76

Continua...

TABELA 9 - DADOS DO FATOR "CUSTO LOGÍSTICA" E INDEXAÇÃO

	PAÍS	CUSTO CONTÊNER (US\$/CTN)	INDEXADO
14	Lituânia	870	76
15	Alemanha	872	76
16	Holanda	895	75
17	Reino Unido	950	72
18	Turquia	990	69
19	Hungria	1015	68
20	Estados Unidos	1050	66
21	Polônia	1050	66
22	República Tcheca	1060	65
23	França	1078	64
24	Índia	1095	63
25	Áustria	1180	59
26	Espanha	1221	56
27	Itália	1245	55
28	Bélgica	1429	45
29	México	1450	43
30	Romênia	1485	41
31	Suíça	1537	38
32	República Eslovaca	1560	37
33	Canadá	1610	34
34	Brasil	2215	0
	Média Geral	1016	68
	Maior	2215,00	100,00
	Menor	450,00	0,00

Fonte: O autor (2012) com base em dados do Banco Mundial (2012)

Os países do oriente, incluindo a Malásia, China, Vietnã, Tailândia, Indonésia, Taiwan e Coréia, obtiveram os melhores indicadores de custo logística, com os menores valores de custo para exportar um contêiner de 20 pés. Considerando este indicador estes países são mais eficientes e possuem, portanto, uma vantagem comparativa nas exportações de móveis.

No indicador custo logística o Brasil classificou-se na última posição, possuindo o maior custo para exportar um contêiner de 20 pés dentre os países estudados. Este indicador teve a pior pontuação dentre os inter-setoriais.

O custo contêiner é um fator que pode ser melhorado, havendo a necessidade de investimentos em infra-estrutura portuária para melhorar a eficiência, da infraestrutura de transporte interno e novos modais de transporte, bem como reduzindo a burocracia e os custos para desembaraço aduaneiro, que podem reduzir os custos de transação.

O indicador para o fator distância aos países consumidores considera como base as distâncias entre países exportadores de móveis e os quatro maiores países importadores,

Estados Unidos, Alemanha, França e Reino Unido (responsáveis por mais de 40% das importações mundiais de móveis), com base em dados do Google Earth, adotando-se uma média aritmética. Vide dados base no ANEXO 5.

A TABELA 10 mostra os valores utilizados, bem como o valor indexado para cada país estudado. Considera-se o princípio que quanto mais próximo estiver o país dos principais mercados consumidores, mais competitivo é o mesmo.

TABELA 10 - DADOS DO FATOR "DISTÂNCIA AOS PAÍSES CONSUMIDORES" E INDEXAÇÃO

	PAÍS	DISTÂNCIA (KM)	INDEXADO
1	Holanda	2250	100
2	Reino Unido	2250	100
3	Bélgica	2250	100
4	França	2250	99
5	Alemanha	2500	98
6	Suíça	2500	97
7	Dinamarca	2500	97
8	República Tcheca	2750	95
9	Áustria	2750	94
10	Espanha	3000	93
11	Eslovênia	3000	93
12	República Eslovaca	3000	92
13	Polônia	3000	92
14	Noruega	3000	92
15	Suécia	3000	92
16	Itália	3000	92
17	Hungria	3250	91
18	Portugal	3000	91
19	Lituânia	3250	90
20	Romênia	3500	87
21	Turquia	4750	75
22	Canadá	5000	72
23	Estados Unidos	5750	66
24	México	7250	49
25	Brasil	8250	39
26	Índia	8750	36
27	China	9000	33
28	Coréia	9250	29
29	Japão	9500	27
30	Taiwan	10250	20
31	Tailândia	10250	20
32	Vietnã	10500	18
33	Malásia	11250	9
34	Indonésia	12250	0
	Média Geral	21	70
	Maior	48,80	100,00
	Menor	8,80	0,00

Fonte: O autor (2012) com base em levantamento realizados no Google Maps (2012)

Os países europeus obtiveram os melhores indicadores de distância aos países consumidores, pois tiveram as menores distâncias médias calculadas. Isto se deve principalmente ao fato de que três países importadores estarem localizados na Europa (Alemanha, França e Reino Unido). No indicador distância aos países consumidores o Brasil classificou-se na 25ª posição, possuindo a distância média de 8.250 quilômetros.

O indicador para o fator custo da mão de obra é baseado no valor do salário mínimo dos países estudados. A TABELA 11 mostra os valores utilizados, bem como o valor indexado para cada país estudado. Vide dados base no ANEXO 6.

TABELA 11 - DADOS DO FATOR "CUSTO DA MÃO DE OBRA" E INDEXAÇÃO

	PAÍS	SALÁRIO MÍNIMO (US\$/MÊS)	INDEXADO
1	Vietnã	85	100
2	Malásia	109	99
3	Índia	121	98
4	Indonésia	148	97
5	México	170	96
6	China	173	95
7	Brasil	286	90
8	Tailândia	295	89
9	Romênia	320	88
10	Lituânia	428	82
11	República Eslovaca	485	79
12	Hungria	498	78
13	República Tcheca	526	77
14	Turquia	609	73
15	Polônia	628	72
16	Portugal	618	72
17	Coréia	797	63
18	Eslovênia	855	60
19	Espanha	911	57
20	Japão	944	55
21	Taiwan	994	53
22	Áustria	1164	44
23	Estados Unidos	1257	39
24	Suíça	1292	37
25	Canadá	1325	35
26	França	1443	29
27	Itália	1477	27
28	Bélgica	1492	27
29	Reino Unido	1507	26
30	Suécia	1522	25
31	Holanda	1606	21

Continua...

TABELA 11 - DADOS DO FATOR "CUSTO DA MÃO DE OBRA" E INDEXAÇÃO

	PAÍS	SALÁRIO MÍNIMO (US\$/MÊS)	INDEXADO
32	Alemanha	1644	19
33	Noruega	1855	8
34	Dinamarca	2000	0
	Média Geral	870	59
	Maior	2000,00	100,00
	Menor	85,00	0,00

Fonte: O autor (2012) com base em dados do ILO (2011)

(-) Dado médio

Vietnã, Malásia, Índia e Indonésia possuem os menores salários mínimos, e portanto foram, no relativo a este indicador os países mais competitivos. Por outro lado os países da Europa (Dinamarca, Noruega Alemanha e outros) foram os que tiveram os maiores salários mínimos, e portanto os menos competitivos.

No indicador custo da mão de obra o Brasil classificou-se na 7ª posição, com 90 pontos, sinalizando que há pouco a melhorar neste fator. O Brasil tem salários relativamente baixos comparados aos países desenvolvidos, favorecendo a competitividade das empresas moveleiras instaladas no país.

- Indicadores intra-setoriais

Entre os indicadores intra setoriais selecionados foram os considerados como mais relevantes, ou seja que podem em principio causar maior impacto na competitividade do móvel no mercado internacional. Os indicadores intra setoriais selecionados para este sub-índice foram: produtividade e custo da matéria prima.

A produtividade foi calculada tomando como base a produção dos países estudados e a respectiva mão de obra responsável por esta produção. Ela representa portanto o valor de produção por funcionário de cada país, transformado em um valor mensal. Vide dados base, fonte de dados, ano e produtividade nos ANEXOS 7, 8 e 9.

A TABELA 12 apresenta informações do fator produtividade para cada país estudado, considerando-se o valor de produção em função no número de operários da indústria moveleira dos países.

TABELA 12 - DADOS DO FATOR "PRODUTIVIDADE " E INDEXAÇÃO

	PAÍS	PRODUTIVIDADE (US\$/MÊS/FUNCIONÁRIO)	INDEXADO
1	Suécia, 2006	15809	100
2	Dinamarca, 2006	12348	77
3	Itália, 2008	10622	65
4	Japão, 2001	10267	62
5	Bélgica, 2006	10180	62
6	Alemanha, 2006	9959	60
7	Estados Unidos, 2004	8858	53
8	Coréia, 2009	8435	50
9	Holanda, 2006	8367	50
10	Noruega, 2002	7723	45
11	Eslovênia, 2006	7597	44
12	Canadá, 2004	7582	44
13	França, 2006	7547	44
14	Reino Unido, 2006	7415	43
15	Áustria, 2006	7181	41
16	Taiwan	5850 (-)	32
17	Suíça	5850 (-)	32
18	Polônia, 2009	4514	23
19	Hungria, 2006	4507	23
20	Malásia, 2008	4327	22
21	Turquia, 2009	3745	18
22	Lituânia, 2009	3701	18
23	República Eslovaca, 2006	3658	18
24	Espanha, 2009	3532	17
25	República Tcheca, 2006	3232	15
26	Índia, 2009	3033	13
27	Portugal, 2006	2810	12
28	China, 2009	1813	5
29	Brasil, 2009	1764	5
30	Tailândia, 2006	1526	3
31	México, 2000	1484	3
32	Romênia, 2006	1425	2
33	Indonésia, 2001	1161	1
34	Vietnã, 2005	1065	0
	Média Geral	5850	32
	Maior	15809	100,00
	Menor	1065	0,00

Fonte: O autor (2012)

(-) Dado médio

A Suécia, Dinamarca, Itália, Japão e Bélgica, apresentaram as maiores produtividades, superiores a US\$10.000,00 mensais por funcionário. Por outro lado países como China, Brasil, Tailândia, México, Romênia, Indonésia e Vietnã apresentaram as menores produtividades, inferiores aos US\$2.000,00 por funcionário mensal.

O Brasil classificou-se em 29º colocado, com US\$1.764,00, estando muito abaixo da produtividade de países tradicionais na produção de móveis como Estados Unidos, Itália e Alemanha. A pontuação indexada foi 5, sinalizando que há muito para o Brasil melhorar neste indicador intra-setorial.

Para o fator custo da matéria prima foi considerado como referência os preços médios em dólar praticados nos respectivos países para madeira serrada, tanto de coníferas e folhosas. Considerou-se como base a Nomenclatura Comum do Mercosul, NCM440710 e NCM440799 do ano base 2010 do MDIC Radar Comercial (2012). A TABELA 13 apresenta os valores utilizados para cálculo da média de preços da matéria prima madeira.

TABELA 13 - MÉDIA GERAL E PREÇOS PRATICADOS PARA MATÉRIA PRIMA MADEIRA (US\$/M3)

PAÍS	MÉDIA GERAL (US\$/M3)	MADEIRA SERRADA (US\$/M3)	
		Coníferas	Outras
Alemanha	467,43	263,80	671,06
Áustria	404,88	252,82	556,94
Bélgica	319,55	253,76	385,33
Brasil (exportação)	369,48	228,87	510,08
Canadá	163,20	225,91 (-)	100,48
China	265,27	194,68	335,86
Coréia (2009)	519,54	303,40	735,67
Dinamarca	467,42	263,80	671,04
Eslovênia	313,19	217,79	408,59
Espanha	358,13	225,91 (-)	490,35 (-)
Estados Unidos	211,08	147,10	275,05
França	176,45	174,75	178,15
Holanda	426,41	256,11	596,71
Hungria	467,43	263,80	671,05
Índia	464,33	263,81	664,85
Indonésia	467,47	263,80	671,14
Itália	324,72	237,99	411,44
Japão	558,36	266,91	849,81
Lituânia	194,74	225,91 (-)	334,76
Malásia	141,47	225,91 (-)	236,81
México	231,44	225,91 (-)	236,96
Noruega	452,73	362,97	542,48
Polônia	467,45	263,80	671,10
Portugal	607,29	409,51	805,06
Reino Unido	182,01	229,22	134,79
Rep. Eslovaca	358,13	225,91 (-)	490,35 (-)
República Tcheca	103,23	61,82	144,63
Romênia	463,64	290,63	636,65
Suécia	443,93	263,80	624,05
Suíça	833,17	440,49	1.225,84

Continua...

TABELA 13 - MÉDIA GERAL E PREÇOS PRATICADOS PARA MATÉRIA PRIMA MADEIRA (US\$/M3)

PAÍS	MÉDIA GERAL (US\$/M3)	MADEIRA SERRADA (US\$/M3)	
		Coníferas	Outras
Tailândia	66,80	56,21	77,38
Taiwan (2005)	245,93	198,47	293,39
Turquia	273,73	160,12	387,34
Vietnã (2007)	464,27	281,95	646,59

Fonte: MDIC Radar Comercial (2012) ano base 2010 adaptado pelo autor

(-) Dados não disponíveis, considerado o valor médio; (2009) Dados disponíveis para ano base 2009; (2008) Dados disponíveis para ano base 2008; (2007) Dados disponíveis para ano base 2007; (2005) Dados disponíveis para ano base 2005; (exportação) Dados de exportação

Para os valores não encontrados foram utilizados dados médios da categoria. A

TABELA 14 mostra os valores finais relativos ao fator custo de matéria prima para os diversos países.

TABELA 14 - DADOS DO FATOR "CUSTO DA MATÉRIA PRIMA MADEIRA" E INDEXAÇÃO

PAÍS		PREÇO MÉDIO DA MATÉRIA PRIMA MADEIRA SERRADA (US\$/M3)	INDEXADO
1	Tailândia	66,80	100
2	República Tcheca	103,23	95
3	Malásia	141,47	90
4	Canadá	163,20	87
5	França	176,45	86
6	Reino Unido	182,01	85
7	Lituânia	194,74	83
8	Estados Unidos	211,08	81
9	México	231,44	79
10	Taiwan	245,93	77
11	China	265,27	74
12	Turquia	273,73	73
13	Eslovênia	313,19	68
14	Bélgica	319,55	67
15	Itália	324,72	66
16	Espanha	260,22	62
17	República Eslovaca	358,13	62
18	Brasil	369,48	61
19	Áustria	404,88	56
20	Holanda	426,41	53
21	Suécia	443,93	51
22	Noruega	452,73	50
23	Alemanha	467,43	48
24	Dinamarca	467,42	48
25	Hungria	467,43	48
26	Índia	464,33	48
27	Indonésia	467,47	48

Continua...

TABELA 14 - DADOS DO FATOR "CUSTO DA MATÉRIA PRIMA MADEIRA" E INDEXAÇÃO

PAÍS		PREÇO MÉDIO DA MATÉRIA PRIMA MADEIRA SERRADA (US\$/M3)	INDEXADO
28	Polônia	467,45	48
29	Romênia	463,64	48
30	Vietnã	464,27	48
31	Coréia	519,54	41
32	Japão	558,36	36
33	Portugal	607,29	29
34	Suíça	833,17	0
Média Geral		332	61
Maior		663,83	100,00
Menor		124,13	0,00

Fonte: O autor (2012)

(-) Dado médio

O Brasil classificou-se em uma posição intermediária (18º colocado), possuindo um valor de matéria prima madeira de US\$369/m3. A pontuação indexada do Brasil foi 61.

4.4.2 Síntese dos Sub-Índices

Com base na média aritmética dos dados correspondentes aos fatores que compuseram cada sub-índice obteve-se o resultado dos sub-índices supra, inter e intra-setoriais. Os resultados são apresentados na TABELA 15.

TABELA 15 - CLASSIFICAÇÕES SUPRA, INTER E INTRA SETORIAIS PARA OS PAÍSES ESTUDADOS

Nº	CLASSIFICAÇÃO SUPRA		CLASSIFICAÇÃO INTER		CLASSIFICAÇÃO INTRA	
	País	Pontuação	País	Pontuação	País	Pontuação
1	Eslovênia	86	Portugal	83	Suécia	75
2	Coréia	74	Lituânia	83	Estados Unidos	67
3	Rep. Eslovaca	74	Eslovênia	79	Canadá	66
4	Holanda	73	Hungria	79	Itália	66
5	Espanha	73	República Tcheca	79	França	65
6	Taiwan	72	Polônia	77	Bélgica	64
7	Dinamarca	71	China	75	Reino Unido	64
8	Portugal	70	Turquia	72	Dinamarca	62
9	Reino Unido	70	Romênia	72	Malásia	56
10	Malásia	69	Vietnã	70	Eslovênia	56
11	Suíça	69	Rep. Eslovaca	69	República Tcheca	55
12	Alemanha	69	Malásia	69	Taiwan	55

Continua...

TABELA 15 - CLASSIFICAÇÕES SUPRA, INTER E INTRA SETORIAIS PARA OS PAÍSES ESTUDADOS

Nº	CLASSIFICAÇÃO SUPRA		CLASSIFICAÇÃO INTER		CLASSIFICAÇÃO INTRA	
	País	Pontuação	País	Pontuação	País	Pontuação
13	Canadá	69	Espanha	69	Alemanha	54
14	Áustria	63	Suécia	68	Tailândia	52
15	Estados Unidos	63	Tailândia	66	Holanda	51
16	Tailândia	62	Reino Unido	66	Lituânia	51
17	Indonésia	62	Índia	66	Japão	49
18	Noruega	61	Áustria	66	Áustria	49
19	Bélgica	59	Holanda	65	Noruega	47
20	Vietnã	59	Alemanha	64	Turquia	46
21	Japão	58	França	64	Coréia	45
22	México	57	México	63	México	41
23	Polônia	56	Indonésia	62	Rep. Eslovaca	40
24	Lituânia	55	Dinamarca	60	China	40
25	Suécia	53	Coréia	60	Espanha	39
26	França	53	Noruega	59	Polônia	36
27	Itália	50	Itália	58	Hungria	36
28	Hungria	47	Suíça	57	Brasil	33
29	Rep. Tcheca	44	Bélgica	57	Índia	31
30	China	44	Estados Unidos	57	Romênia	25
31	Romênia	44	Taiwan	54	Indonésia	24
32	Índia	41	Japão	53	Vietnã	24
33	Turquia	38	Canadá	47	Portugal	21
34	Brasil	26	Brasil	43	Suíça	16

Fonte: O autor (2012)

Os resultados indicam que entre os países analisados o Brasil classifica-se em última posição para o sub-índice supra setorial e inter setorial, dentre os países avaliados. No sub-índice intra-setorial o Brasil encontra-se na 28ª posição, ficando a frente apenas de Índia, Romênia, Indonésia, Vietnã, Portugal e Suíça.

Isto indica que o país é pouco competitivo no comércio internacional de móveis, o que já é de conhecimento do setor moveleiro. No entanto o resultado também indica que o Brasil tem um grande potencial de crescimento nos três sub-índices, principalmente para os sub-índices supra e intra-setoriais, onde, respectivamente, o país obteve 26 e 33 pontos.

O potencial de crescimento no sub-índice inter é menor já que atingiu 43 pontos, mas mesmo assim é significativa. A análise de cada sub-índice separadamente é fundamental para a proposição de ações para a melhoria da competitividade das exportações. Esta análise é apresentada mais adiante neste estudo.

4.4.3 Índice de competitividade nas exportações de móveis - ICEM

A construção do Índice de Competitividade de Exportações de Móveis - ICEM considera a agregação de todos os sub-índices em um único índice. Para tal, foram ponderados os sub-índices como já apresentado no capítulo Materiais e Métodos.

O resultado final obtido para o ICEM para os países analisados, com base na pontuação atual em ordem decrescente, é apresentado na TABELA 16.

TABELA 16 - CLASSIFICAÇÃO DO ICEM E POTENCIAL DE CRESCIMENTO DOS PAÍSES

	PAÍS	ICEM	
		Pontuação	Potencial de Crescimento (%)
1	Suécia	70	43%
2	Eslovênia	67	49%
3	Reino Unido	65	54%
4	Estados Unidos	64	56%
5	França	63	59%
6	Dinamarca	63	59%
7	Malásia	62	61%
8	Bélgica	62	61%
9	Itália	61	64%
10	Canadá	61	64%
11	Lituânia	61	64%
12	República Tcheca	60	67%
13	Alemanha	59	69%
14	Holanda	58	72%
15	Tailândia	57	75%
16	Taiwan	57	75%
17	Áustria	56	79%
18	Coréia	54	85%
19	República Eslovaca	53	89%
20	Noruega	53	89%
21	Espanha	52	92%
22	Turquia	52	92%
23	Japão	51	96%
24	China	50	100%
25	Polônia	50	100%
26	Hungria	50	100%
27	México	49	104%
28	Portugal	46	117%
29	Índia	42	138%
30	Vietnã	42	138%
31	Romênia	41	144%
32	Indonésia	40	150%
33	Suíça	36	178%
34	Brasil	35	186%

Fonte: O autor (2012)

Dentre os dez primeiros colocados no ICEM 2012, destacaram-se sete países, sendo eles a Itália, Estados Unidos, Canadá, França, Bélgica, Suécia e Malásia, os quais situam-se entre os 10 maiores exportadores mundiais. Este fato indica, em princípio, que a metodologia adotada para a construção do índice - ICEM, como forma de medir a competitividade foi consistente, pois estes países se encontram entre os maiores exportadores.

A única distorção é o caso da China, que sendo o maior exportador mundial de móveis está na 24ª posição. Para avaliar o motivo desta distorção é necessária uma avaliação aprofundada do ICEM China.

Entre os últimos classificados estão o Brasil, Suíça e Indonésia, países que tiveram pontuação inferior aos 40 pontos. Estes países diminuíram significativamente a participação no comércio internacional de móveis nos últimos anos, apresentando, respectivamente, diminuição nos valores exportados entre 2007 e 2009 de 27,8%, 39,8% e 35,1%. Novamente estes aspectos evidenciam a consistência do ICEM e habilitam com segurança a priorização de ações.

Considerando o ICEM como medição da competitividade dos países no comércio internacional de móveis a posição do Brasil é de último colocado, com 35 pontos. O potencial de crescimento do ICEM para o Brasil é de 186%. Para melhoria deste índice (melhoria da competitividade) é importante a estruturação de um programa com um processo de acompanhamento e ajustes, visando a melhoria contínua. O princípio é buscar a melhoria de um dos indicadores de cada vez e sempre que o fator selecionado for melhorado, haverá outro fator que deverá ser considerado para atuar.

A proposta de ações para melhoria da competitividade, como já mencionado, deve ser baseada na vontade política (de todos os envolvidos) por promover mudanças e deve incluir o gerenciamento destes indicadores periodicamente, visando atuar sobre fatores que possuam maior potencial de crescimento.

4.5 FATORES PRIORITÁRIOS PARA AÇÕES

Dentro do processo de melhoria da competitividade é inicialmente necessário identificar os indicadores que revelam as prioridades de ação. O princípio básico é considerar como prioridade os indicadores/ fatores com o maior potencial de melhoria e de maior impacto no ICEM.

A FIGURA 32 apresenta graficamente um resumo dos fatores analisados e a pontuação atribuída, bem como a pontuação para cada sub-índice e para o ICEM do Brasil. É também apresentado o potencial diferencial (potencial de melhoria).

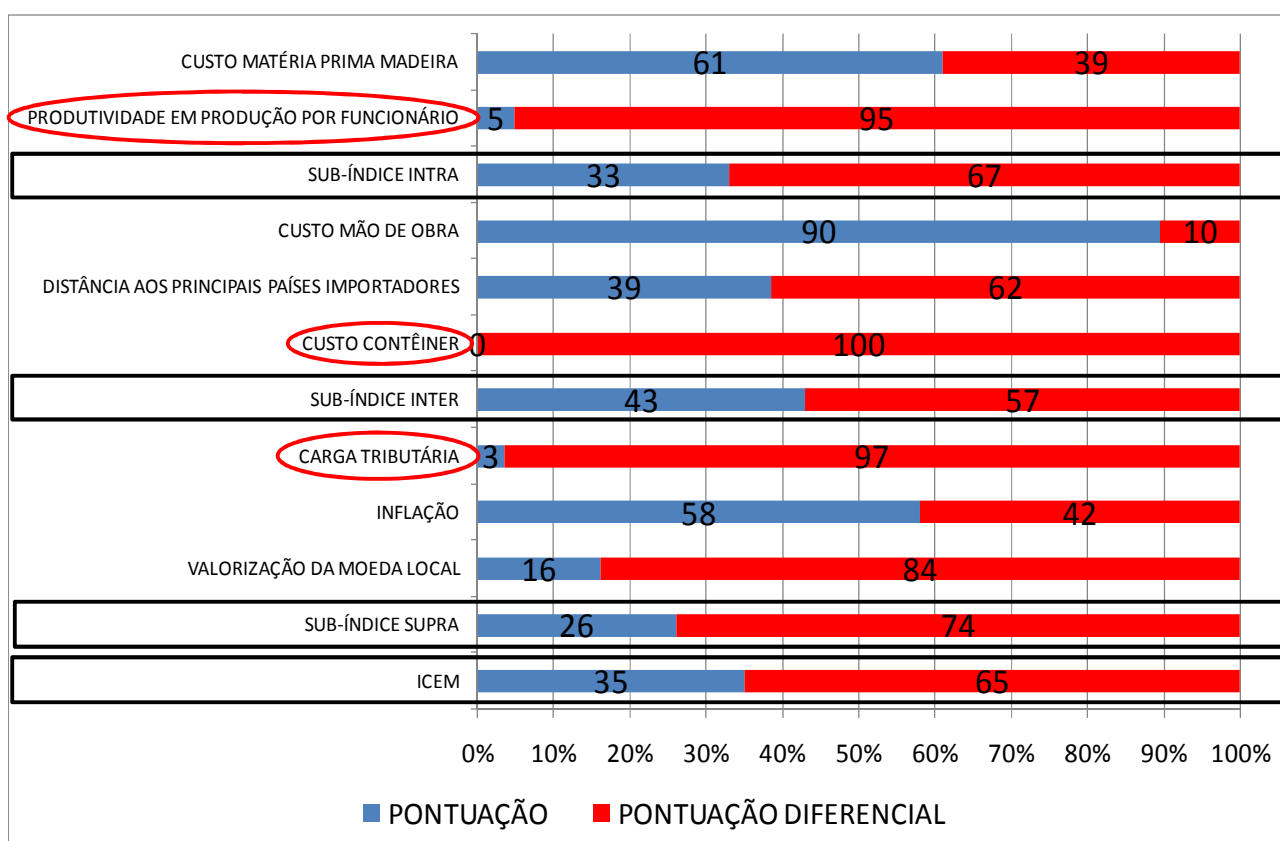


FIGURA 32 – PONTUAÇÃO E PONTUAÇÃO DIFERENCIAL DOS INDICADORES, SUB-ÍNDICES E ICEM DO BRASIL

FONTE: O autor (2012)

A pontuação diferencial é a diferença entre a pontuação obtida e o máximo possível de ser alcançado. Quanto maior pontuação diferencial maior o potencial de

melhoria de um indicador. Os dados apresentados indicam que os maiores potenciais de melhoria estão relacionados ao fator custo de logística (contêiner), com pontuação diferencial de 100; ao fator carga tributária, com pontuação diferencial de 97; e ao fator produtividade, com pontuação diferencial de 95.

Como os valores de pontuação diferencial tem um impacto diferenciado no ICEM, devido a ponderação dos sub-índices apresenta-se na FIGURA 33 os valores indexados dos fatores relacionados aos sub-índices.

Com base na ponderação ocorre uma mudança na importância de cada fator e no impacto causado no ICEM. O sub-índice intra-setorial é, por exemplo, quatro vezes mais importante na composição do ICEM que o sub-índice supra-setorial e duas vezes mais que o inter-setorial.

A ponderação indica que dos 100 pontos máximos do ICEM, 57 pontos (correspondendo a 4/7) foram intra-setoriais, 28 pontos (correspondendo a 2/7) são inter-setoriais e apenas 15 pontos (correspondendo a 1/7) foram supra-setoriais.

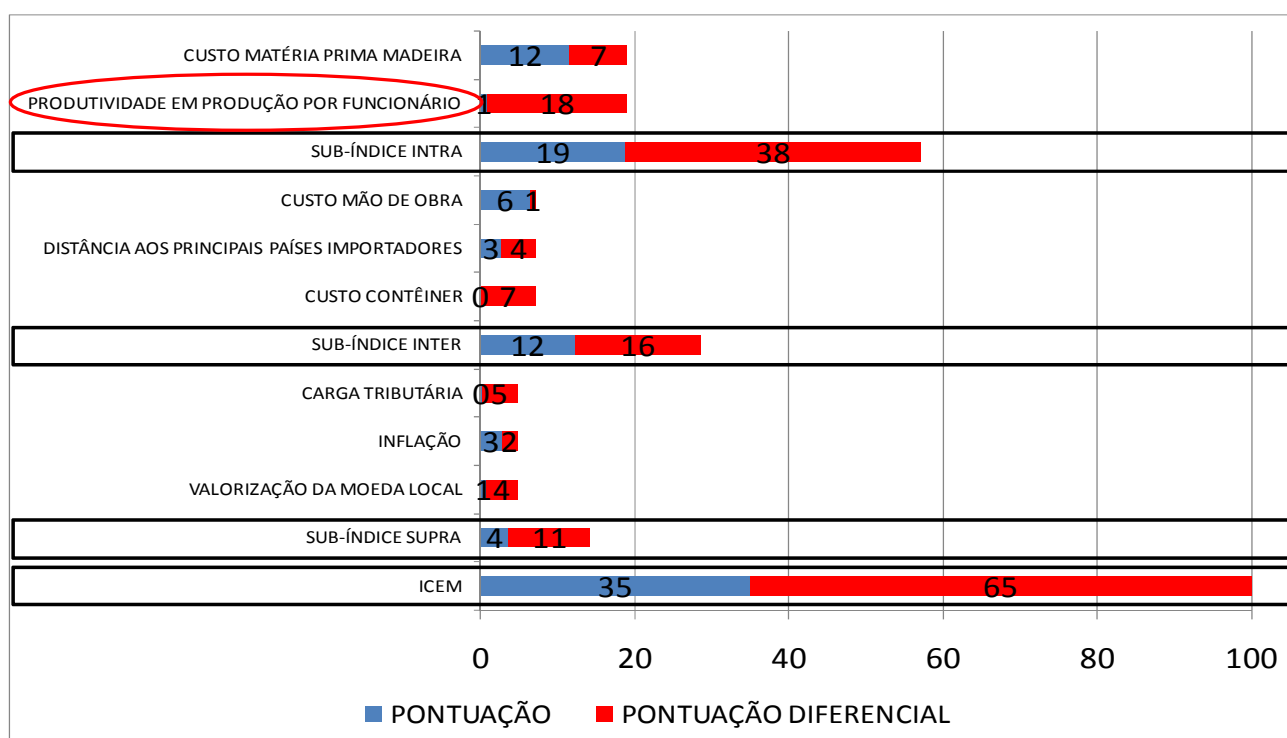


FIGURA 33 – FATORES, SUB-ÍNDICES E SUA INTERFERÊNCIA PONDERADA NO ICEM BRASIL
 FONTE: O autor (2012)

A análise do ICEM Brasil com base na ponderação dos fatores indica que a perda de competitividade no comércio internacional de móveis está fortemente associado ao fator produtividade. Este fator possui a maior pontuação diferencial ponderada (18 pontos), e por isto tem o maior potencial de melhoria. Outros fatores relevantes em termos de pontuação diferencial (potencial de melhoria do ICEM) são o fator custo da matéria prima, e o fator custo do container.

O fator taxa de câmbio (valorização da moeda), considerado como o fator mais importante afetando a competitividade do móvel brasileiro no comércio mundial, não está entre os fatores prioritários. A alteração deste fator tem pequena possibilidade de melhoria na competitividade no comércio mundial de móveis, pois a pontuação diferencial ponderada é de apenas 4.

Na TABELA 17 são listados os fatores prioritários para um programa de ações, e que tem o maior potencial para melhoria do ICEM Brasil. Na realidade as ações de maior sucesso são as vinculadas a fatores intra e inter-setoriais. As ações sobre os fatores supra-setoriais são mais complexas pois dependem de políticas nacionais e de outros aspectos sobre os quais a capacidade de interferência do setor moveleiro é menor.

TABELA 17 - CLASSIFICAÇÃO POTENCIAL POR FATOR DE AUMENTO DA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS

CLASSIFICAÇÃO	SUB-INDICE	FATOR	PONTUAÇÃO DIFERENCIAL
1	INTRA	Produtividade	18
2	INTRA	Custo da Matéria Prima Madeira	7
3	INTER	Custo Logística	7
4	SUPRA	Carga Tributária	5
5	SUPRA	Valorização da Moeda (Câmbio)	4

Fonte: O autor (2012)

Interferências para alterar os fatores intra-setoriais (produtividade e custo da matéria prima), são mais fáceis de viabilizar. Estes fatores dependem de ações diretas do setor industrial moveleiro e interferências através de programas internos ou em cooperação com a academia, fornecedores e outras instituições são mais facilmente implementadas. Portanto como as ações dependem de uma atuação direta do setor moveleiro, tem maiores chances de serem resolvidas. Isto não acontece por exemplo em ações sobre fatores afetando os sub índices supra setoriais.

4.6 PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL MOVELEIRO – PRODIMOV

Vista a oportunidade de melhoria evidenciada no ICEM Brasil, recomenda-se a implantação de um programa de desenvolvimento para o setor denominado de Programa de Desenvolvimento Industrial Moveleiro- PRODIMOV.

O PRODIMOV pode ser uma ferramenta útil e efetiva para ajudar o setor moveleiro do pólo de São Bento do Sul, e do Brasil como um todo, a melhorar a competitividade para as exportações. O princípio é selecionar os fatores mais relevantes afetando o ICEM e atuar sobre eles, com base em projetos dedicados, visando melhorar a competitividade do setor moveleiro brasileiro no mercado internacional.

É um processo cíclico e sistemático, que contempla a confirmação do interesse de tomar as medidas prioritárias para realizar os ajustes necessários; a elaboração de um diagnóstico e definição de estratégias; e a execução, monitoramento e avaliação do processo.

Ações estratégicas para mitigar os fatores que mais prejudicam a competitividade da atuação no comércio internacional de móveis do Brasil são apresentadas na sequencia.

4.6.1 Fase I – Compromisso de mudança

O objetivo desta primeira fase é obter um forte comprometimento dos atores que diretamente ou indiretamente deverão estar envolvidos no processo de mudanças necessárias para o aumento da competitividade do setor moveleiro e uma estruturação do modelo de implementação do processo de mudança.

Deve-se buscar a mobilização dos diversos atores incluindo o setor privado, o setor público, a academia, associações de trabalhadores e outros interessados na mudança. Esta fase pode ser dividida em três etapas: (i) promoção, (ii) identificação e (iii) comitê coordenador.

- Promoção

A etapa de promoção constitui-se na divulgação do conceito do ICEM e nos resultados do estudo. Estes aspectos deverão ser apresentados aos atores interessados na melhoria da competitividade e da performance no comércio internacional do setor moveleiro do pólo de São Bento do Sul.

A promoção tem como o objetivo principal angariar apoio político à implantação de um processo de mudança. A intenção é a sensibilização e a mobilização dos diversos atores para a implementação de ações coordenadas visando o bem comum.

O processo de promoção tem ainda como objetivo, além do apoio político, a identificação e busca de apoio financeiro para a implementação das ações requeridas. Uma das entidades que poderá ser considerada para o apoio financeiro é a Agência Brasileira de Promoção das Exportações e Investimentos – APEX, mas existem ainda outras opções.

- Identificação

O estudo inicial identificou as ações básicas para a melhoria da competitividade do setor moveleiro no mercado internacional, no entanto antes de iniciar o processo de mudança é importante uma revisão e detalhamento do estudo.

A metodologia básica é a mesma adotada neste trabalho, no entanto os diversos fatores poderão ser novamente revisados e novas fontes de informação consideradas.

Discussões poderão ainda ser realizadas com os diversos atores envolvidos no processo, e com outras entidades, inclusive com potenciais financiadores.

- Comitê Coordenador

Como última etapa desta fase está a criação de um Comitê Coordenador o qual terá como função principal a gestão estratégica da implantação das ações relacionadas ao processo de mudança. O Comitê Coordenador deverá envolver o maior número de atores possível, no entanto deverá ter uma estrutura que não comprometa a sua eficiência.

Mais especificamente o Comitê Coordenador (CC) do PRODIMOV será o principal responsável pela coordenação e implantação das fases II e III. Entre as funções que deverá assumir o CC, destacam-se:

- Coordenar as atividades administrativas;
- Opinar e dar recomendações no processo de implementação;
- Selecionar e propor a contratação da empresa de consultoria ou outra organização que realizará as tarefas de Diagnóstico e do Plano de Ação do PRODIMOV (fase II);
- Coordenar as ações dos envolvidos na definição do Plano de Ação;
- Aprovar aos executores as várias ações do plano de ações;
- Monitorar a execução;
- Avaliar o cumprimento de prazos e qualidade dos produtos contratados;
- Avaliar o avanço do trabalho executado;
- Defender os interesses do setor moveleiro local;
- Realizar atividades de auto monitoramento e avaliação do desempenho na coordenação do PRODIMOV, e adotar medidas corretivas.

No caso do pólo de São Bento do Sul o CC poderá ser formado pelos seguintes atores: Representantes da indústria; Representantes dos governos locais (Prefeitura Municipal de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre); Associação Comercial e Industrial; Sindicatos das Indústrias envolvidas; Universidades da Região; Senai; representantes do trabalhadores e outros.

4.6.2 Fase II – Definição da estratégia

Nesta fase será feita a definição da estratégia e definidas as ações para melhorar a competitividade das exportações de móveis, baseado no diagnóstico detalhado.

Para o diagnóstico utilizaram-se dois tipos de análise: Análise do ICEM e Análise Complementar. A análise do ICEM considera os indicadores, sub-índices e ICEM, sendo selecionado o fator com maior impacto na melhora do ICEM. O objetivo é a identificação das ameaças e oportunidades em função das situações futura e desejada, simultaneamente a uma análise complementar, onde detalhou-se o diagrama causal do fator selecionado para ações.

- Análise do ICEM

A análise do ICEM identificou em princípio como fator prioritário para ação a produtividade, possuindo um potencial de melhora de 18 pontos, o que pode fornecer ao ICEM Brasil um aumento de 50%, passando de 35 para 53 pontos. Se esta melhoria fosse plenamente possível o Brasil passaria, por exemplo a estar classificando-se entre os 20 primeiros países do ICEM geral e em primeiro classificado no sub-índice intra-setorial, com 80 pontos.

- Análise complementar

Visto que a produtividade foi medida em produção por funcionário e por sua vez, a produção foi medida em valores monetários (US\$), existe a possibilidade de atuação em duas variáveis principais, o preço dos produtos e a quantidade produzida com a mesma quantidade de funcionários.

Estes fatores podem ser por exemplo desagregados em sub-fatores, os quais poderão ser considerados no processo de mudança. Entre os sub-fatores estão: produtividade laboral; aproveitamento da matéria prima; grau tecnológico e ociosidade de produção.

Para atuação no relativo ao fator produtividade apresenta-se um detalhamento no diagrama causal da FIGURA 34. Os fatores/ sub-fatores apresentados são os que podem ter o maior impacto na produtividade e devem ser considerados na estratégia do processo de mudança.

Na sequência é apresentada uma abordagem geral, com base em informações de literatura, sobre os principais sub-fatores afetando a produtividade e a competitividade da indústria de móveis de São Bento do Sul.

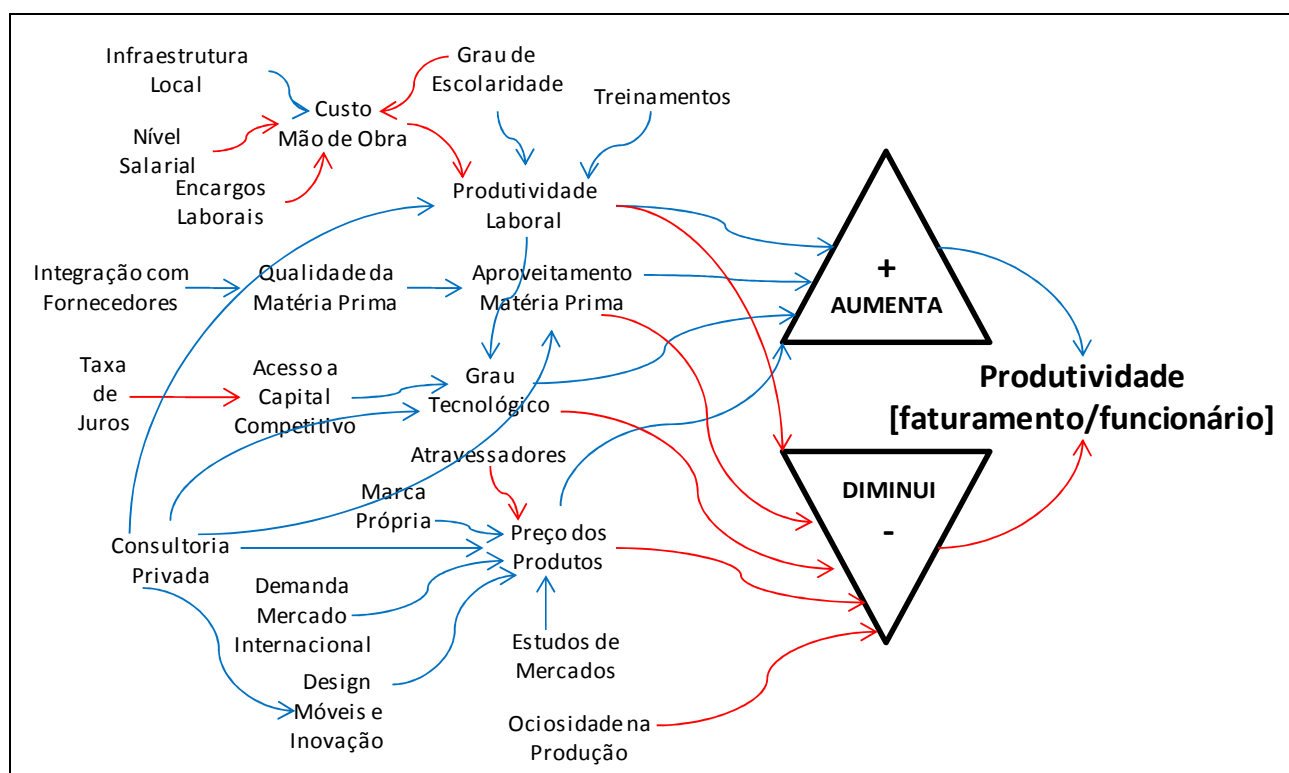


FIGURA 34 - DIAGRAMA CAUSAL DO FATOR PRODUTIVIDADE
Fonte: O autor (2012)

O atraso tecnológico nas indústrias do pólo de São Bento do Sul é mencionado com ser de apenas três anos, o que indicaria em princípio uma demanda menor em tecnologia (Franzoni, 2005). Segundo o Peix Univille (2012) as indústrias do pólo possuem um bom grau de mecanização, porém com baixa automação, indicando a necessidade de

aumento do grau tecnológico em termos de automação. Estes estudos e afirmações necessitam ser melhor avaliados e isto deve fazer parte de um diagnóstico mais detalhado.

Para operação de equipamentos com alto grau tecnológico, há a necessidade de mão de obra qualificada, com elevado grau de escolaridade. Na realidade o grau de escolaridade dos operários da indústria moveleira do pólo de São Bento do Sul é baixo, sendo que 65% dos operários não possuem 2º grau (Denk, 2001 e Peix Univille, 2011). Este é outro fator que necessita ser melhor avaliado.

No estudo realizado pelo Peix Univille (2011), por exemplo, foram identificadas que 90% da carência de mão de obra das indústrias moveleiras do pólo são na área de gestão. Esta é também uma constatação que deve ser reavaliada.

Outro sub fator considerado na competitividade é o preço. Os preços praticados pela indústria moveleira do Brasil são inferiores aos praticados pela indústria moveleira dos países que dominam o comércio internacional, como Itália, França, Bélgica, Reino Unido e Alemanha. Estes países praticam valores superiores ao dobro do valor praticado pelo Brasil (Franzoni, 2005).

Existe ainda o fato que apenas 30% das vendas ocorrem diretamente ao varejo, sendo os outros 70% das vendas feitas através de intermediários, agentes e/ou distribuidores (Franzoni, 2005). Esta é também uma constatação que deve ser reavaliada.

Outro aspecto importante é a ociosidade da indústria de móveis que segundo o Peix Univille (2011) atinge até 20% na produção das indústrias moveleiras de São Bento do Sul.

- Estratégias

A estratégia sugerida pode considerar a contratação de empresa de consultoria, ou outra entidade com objetivo similar, para realizar a implantação de ações para levar adiante o processo de mudança. O envolvimento de organização externa pode considerar desde a busca de financiamentos, a execução das atividades e até o monitoramento do avanço do PRODIMOV. A estratégia deverá considerar em um primeiro momento as ações necessária para aumentar a produtividade laboral, e isto inclui a melhoria do grau de escolaridade e o grau de instrução técnica relativa à área de atuação. Enfocar treinamentos em gestão

empresarial parece ser outra linha fundamental. Para aumentar os preços praticados nas vendas dos móveis é necessário realizar estudos de mercado e definir novas estratégias. Isto inclui inovações em design para lançamento de produtos e o fortalecimento da marca própria. Deverá ainda ser considerado na estratégia aumentar a mecanização e investir em automação industrial das empresas. Uma das alternativas é promover a transferência de tecnologias praticadas em países com alta produtividade em móveis (Suécia, Dinamarca, Itália, Japão, Bélgica e Estados Unidos). O processo deverá também envolver ações para diminuir a ociosidade de produção e eliminação de gargalos.

- Plano de ação

O plano de ação deverá ser desenhado em alinhamento com a estratégia que vier a ser adotada, com base em projetos direcionados a melhoria dos indicadores mais relevantes, ou seja os com maior potencial de ganhos para o ICEM.

Em princípio o este plano deverá buscar o desenvolvimento de atividades alinhadas, com o objetivo maior que é o de melhoria do ICEM, que é a medição da competitividade da indústria moveleira de São Bento do Sul no mercado internacional. Este plano de ação deverá considerar diversos aspectos, e o envolvimento de diversos atores de forma coordenada. Entre os aspectos a serem considerados mencionam-se:

- a) Criação de ambiente favorável aos estudos pelos funcionários e proprietários, dentro da empresa;
- b) Parcerias com entidades/ consultorias especializadas existentes para melhoria da qualificação da mão de obra e adoção de novas tecnologias avançadas.
- c) Contratações de colaboradores com maior qualificação;
- d) Desenvolver e implementar programas de treinamento na área de gestão;
- e) Buscar profissionais para atuar na gestão das empresas;
- f) Aprofundar estudos de mercado com foco em produtos e preços, e criar maior proximidade com os clientes;
- g) Fortalecimento da força da estrutura de vendas da empresa;
- h) Buscar o lançamento contínuo de produtos com *design* inovador;

- i) Participação conjunta e de forma ativa em programas de promoção de produtos no exterior;
- j) Criação de estruturas de apoio ao comércio internacional de móveis em mercados relevantes;

4.6.3 Fase III – Execução, Monitoramento e Avaliação

As atividades de execução, como já mencionado, deverão envolver as empresas moveleiras e organizações/entidades/empresas especializadas nos diferentes temas (capacitação, tecnologia, mercados e outros temas). Estas organizações/ entidades/ empresas serão as responsáveis pela condução dos trabalhos, que serão detalhados em projetos específicos

Também deverão ser definidas as atividades de monitoramento dos projetos e avaliação geral do processo, e neste caso o Comitê Coordenador tem um papel fundamental.

O ciclo finaliza com a avaliação dos resultado dos projetos e do avanço do processo frente as estratégias definidas. Esta avaliação poderá indicar a necessidade de revisão/ ajustes da estratégia ou da continuidade do processo.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As análises realizadas neste estudo tem como base as informações e dados da indústria de móveis do polo de São Bento do Sul, no entanto as conclusões e recomendações, no seu conjunto, se aplicam à competitividade da indústria brasileira de móveis no comércio internacional. Com base resultados do estudados, as conclusões mais relevantes são as seguintes:

- Nos últimos anos a taxa de crescimento do comércio mundial tem sido superior ao crescimento dos mercados nacionais. A perspectiva é de que esta tendência continue nos próximos anos, e portanto a indústria de móveis deve buscar formas de ajustar suas operações para se manter, pelo menos parcialmente, ativa no mercado internacional;
- O Índice de Competitividade nas Exportações de Móveis – ICEM, criado neste estudo, é uma ferramenta importante para:
 - Avaliar a competitividade do país nos mercados internacionais de móveis frente aos principais competidores;
 - Avaliar as alterações da competitividade ao longo do tempo;
 - Identificar os fatores mais relevantes afetando a competitividade;
 - Facilitar a implantação de um processo visando ganhos de competitividade.
- A indústria brasileira de móveis não é competitiva no mercado internacional e os principais fatores identificados como responsáveis pela baixa competitividade são:
 - Produtividade e custo da matéria prima (Fatores Intra-setoriais)
 - Logística (Fator Inter-setorial)
- O fator Câmbio (Fator Supra-setorial) também tem afetado a competitividade no mercado internacional da indústria de móveis, no entanto o seu efeito é menos importante que os fatores Intra e Inter setoriais acima mencionados.

Este estudo identificou os principais fatores afetando a competitividade da indústria de móveis de São Bento do Sul no mercado internacional e definiu algumas ações

prioritárias para a implementação de um programa de melhorias. Para reverter o quadro atual de baixa competitividade da indústria de móveis brasileira, assegurar o crescimento sustentado do setor e a continuidade na geração de benefícios sociais é recomendado a adoção de um processo estruturado que considere os seguintes aspectos básicos:

- Adoção e o comprometimento de atores relevantes ao setor moveleiro, no apoio à implementação de um Programa de Desenvolvimento Industrial Moveleiro-PRODIMOV. Entre os atores relevantes menciona-se a indústria de móveis, o governo, a academia, empregados do setor, agências de desenvolvimento e financiamento, e outros.
- Revisão e aprofundamento deste estudo visando detalhar e definir as ações prioritárias;
- Criação de um Comitê Coordenador, envolvendo os principais atores interessados no desenvolvimento do setor moveleiro, para apoiar na definição de ações e busca de financiamento, orientar, monitorar e propor, se necessário, ajustes ao PRODIMOV;

As ações prioritárias do PRODIMOV, deverão ser definidas com base na sua capacidade de alterar o ICEM, considerando um ou dois fatores a cada ciclo de atividades. O princípio é de que as ações com maior capacidade de alterar o ICEM serão as que terão maior impacto na competitividade da indústria de móveis no mercado internacional.

As ações a implementar deverão estar inseridas em projetos tecnicamente estruturados, aprovados pelo Comitê Coordenador, e tendo especialmente recursos financeiros já alocados. O envolvimento de instituições/ organizações/ empresas especializadas é fundamental para que a implementação tenha sucesso.

O Comitê Coordenador deverá avaliar os progressos dos trabalhos, mensurar os avanços no ganho de competitividade e propor se for o caso, novas ações, atuando no mesmo fator ou em novo fator considerado relevante. Trata-se de um processo cíclico e de longo prazo, e que deve ter um comprometimento forte de todos os atores interessados na sustentabilidade da indústria de móveis.

REFERÊNCIAS

ABIMÓVEL (Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário) . Panorama da indústria brasileira de móveis. São Paulo: ABIMÓVEL, 1996. 13p.

ABIMÓVEL. Disponível em: www.abimovel.com.br. Acessado em: Fevereiro 2012.

ARIP. **A Indústria de Móveis 2007**. Disponível em: <http://www.arip.co.th/businessnews.php?id=411540>. Acessado em: Janeiro 2012.

ASSOCIATION OF THE AUSTRIAN WOOD INDUSTRY. Disponível em: <http://portal.wko.at/wk/startseite.wk>. Acessado em: Janeiro 2012.

BANCO MUNDIAL. **Doing business no Brasil 2006**. Disponível em: http://www.doingbusiness.org/Documents/doing_business_in_brazil_portuguese.pdf. Acessado em Novembro 2011.

BANCO MUNDIAL. **Doing business 2012**. The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank. Washington. 212p.

BAUERSCHMIDT, A. **Common factors underlying barriers to export: studies in the US paper industry**. Journal of International Business Studies, v. 16, n. 3, pp. 111-22, Fall 1985.

BID - Banco Interamericano Do Desenvolvimento. **Estudio sobre inversión directa en negocios forestales sostenibles: Índice de Atracción a la Inversión Forestal**. Proyecto ATN/NP-8323-RS, Curitiba, Brasil. Disponível em: http://www.iadb.org/homeid/iaif_completo.pdf. 2004.

BID - Banco Interamericano De Desenvolvimento. Setor de infra-estrutura e meio ambiente divisão de meio ambiente, desenvolvimento rural e administração de riscos por desastres. **Melhorando a atração do investimento florestal a nível subnacional**. Projeto RS-T1351. Produto 2. Informe sobre aspectos conceituais, metodologia do IAIF-SN (geral) e metodologia para cálculo do IAIF-BR (Estados brasileiros). 2008.

BID – Banco Interamericano Do Desenvolvimento. **Índice de Atracción a la Inversión Forestal (IAIF)**. Estudio sobre inversión directa en negocios forestales sostenibles – Proyecto ATN/NP-8323-RS. Curitiba, Brasil. 2005.

BILKEY, W. J. **An attempted integration of the literature on the export behavior of firms**. Journal of International Business Studies, Washington, v. 7, n. 1, pp. 33-46, 1978.

CNI – Confederação Nacional da Indústria. **Pesquisa: Os problemas da empresa exportadora brasileira**. Brasília, 2008. 132p.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Bookman, 7a. ed., 2003.

COUTINHO, L. **Manual de Exportação de Móveis**. Brasília : Sebrae, 1998. 168 p.

CSIL. Centre of Industrial Studies. **World Furniture Market Outlook 2011**. 2011. 121p.

DENK, A. **Dinâmica Competitiva do Cluster Moveleiro da Região de São Bento do Sul-SC**. São Bento do Sul - SC, 2001. 180p.

EUROSTAT. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/eurostat/home/>. Acessado em: Janeiro 2012.

FEDERLEGNO ARREDO. Federation of Furniture Manufacturers. Milão. Disponível em: www.federlegno.it. Acessado em: Janeiro 2012.

FMI - Fundo Monetário Internacional. **Lista do PIB per capita por país, 2007**.

FRANZONI, J. A. **Formulação de estratégias de marketing internacional**. Curitiba, 2005. 124p.

GABINETE DO PRIMEIRO MINISTRO DE SINGAPURA. <http://www.pmo.gov.sg/content/pmosite/home.html>

GEHALT. Disponível em: <http://www.gehalt.de/branche/Moebelindustrie>. Acessado em: Janeiro 2012.

GIC - German Industry and Commerce Vietnam. **The Vietnamese Furniture Industry 2006**. Hanoi, 2006. Disponível em: http://www.vietnam.ahk.de/fileadmin/ahk_vietnam/Dokumente/Reiserichtlinie.pdf. Acessado em Janeiro 2012.

GLOBAL WOOD. **Employment and wages in the canadian furniture industry**. News Release. Set. 2005. Disponível em: <http://www.globalwood.org/market1/AKTRIN-WAGES-CANADA.htm> Acessado em: 22/12/2011.

GORINI, A. P. **Panorama do Setor Moveleiro no Brasil, com Ênfase na Competitividade Externa a partir do Desenvolvimento da Cadeia Industrial de Produtos de Madeira**. Rio de Janeiro : BNDES, 1998. Disponível em: <http://abimovel.org.br>. Acesso em: Fevereiro 2012.

GOTO MANANGER. **Móveis: matérias-primas e a tecnologia é a chave para o crescimento**. Disponível em: <http://www.gotomanager.com/news/printnews.aspx?id=7254>. Acessado em: Janeiro 2012.

GRIFFITHS, B. **Inflação, o preço da prosperidade.** Tradução de Alexandra Fares; São Paulo; Editora Pioneira, 1981

ILO. International Labour Office. **Global Wage Report 2010/2011. Wage policies in time of crisis.** Disponível em: <http://www.ilo.org> . Acesso em 03 dez. 2011. Geneva. 139p.

INDEX MUNDI. Disponível em: http://www.indexmundi.com/germany/inflation_rate_consumer_prices.html. Acessado em Novembro 2011.

INDIA FURNITURE INDUSTRY. **The furniture industry in India is considered as a "non organized" sector, with handicraft production accounts for about 85% of the furniture production in India.** Disponível em: <http://www.economywatch.com/business-and-economy/furniture-industry.html> Acessado em: 15/12/2011.

INFLATION RATE, Disponível em: <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/rankorder/2092rank.html> CIA factbook. Acessado em Março 2010.

ITTO. International Tropical Timber Organization. **Tropical Timber Market Report. 1 - 15th.** June 2004.

ITTO. International Tropical Timber Organization. **International Wooden Furniture Markets.** Geneva, 2004. 265p.

LATIN AMERICAN MARKETS. Disponível em: <http://www.latinamerican-markets.com/mexico---industria-mueblera>. Acessado em: Janeiro 2012.

LANZER, E., CASAROTTO FILHO, N., CUNHA, C. et al. **Análise da Competitividade Sistêmica do Setor de Móveis em Santa Catarina.** Convênio BRDE/FUNCITEC/FEESC/UFSC. Florianópolis : BRDE,1998.

Lei nº 10.888, de 24.06.2004. Alteração salarial 2004.

MEI W. C., **Singapore the most business-friendly economy in the world: World Bank.** Singapore News, Channel NewsAsia, 2006-09-06.

MEIQI, X. **The Demand & Supply of Wooden Material for Chinese Furniture Industry 2010.** Disponível em: http://forest-trends.org/documents/files/doc_1124.pdf. Acessado em: Janeiro 2012.

MITYC – Ministerio de Industria, Turismo y Comercio. **El Observatorio Industrial del Sector de la Madera subraya la recuperación de las exportaciones en 2010.** Madrid - Espanha, 2010. 3p.

NIBR. Rapport 2004:8. Disponível em: <http://observo.net/vs2010/Publikasjoner/Vedlegg.pdf>. Acessado em Janeiro 2012.

O GLOBO. **Caderno “Economia”**. pág. 27 (ref. inflação no período 1998-2006). 03.08.2006.

OECD. **Census Of Commerce In 2004. Results by Kind of Business**. Tokyo, 2004. Disponível em: www.oecdtky2.org/excel/source_excel/nas06.xls. Acessado em: Janeiro 2012.

PEIEX UNIVILLE. **Relatório Final Projeto Extensão Industrial Exportadora 2011. Detalhes do Projeto Executivo, Estatísticas das Empresas Atendidas, Avaliação do Desempenho, Capacitações Realizadas e Resultados Obtidos**. São Bento do Sul, 2011. 127p.

PORTER, M., 2002. **Building the Microeconomic Foundations of Prosperity**. Disponível em: http://www.weforum.org/pdf/gcr/GCR_2002_2003/GCR_MICI.pdf Acessado em 13/09/2011.

PRODUCTIVIDAD. **Metodología de cálculo de indicadores de productividad laboral en la industria manufacturera**. Disponível em: http://www.productividad.org.mx/pdf/Metodologia_Manufactura.pdf. Acessado em: Janeiro 2012.

PROFESINIO MOKYMO METODIKOS CENTRAS. **Medienos sektoriaus studija 2008. Darbuotoiu ir ju kvalifikacijos kaitos prognoziu tyrimo ataskaita**. Lituânia, 2008. 64p.

PROMECIF. **Processo de Melhoria do Clima de Negócios para Investimentos no Setor Florestal**. Curitiba, 2005. 155p.

RAMESH, S. **Singapore's economy grows 7.5% in 2007: PM Lee**. Channel NewsAsia.

RAMÓN, J.M.B., Campos, J.N. **El sector de mueble en la comunidad valenciana**. Valencia, 2001. Disponível em: http://portales.gva.es/c_economia/web/rveh/pdfs/n7/sectores7.pdf. Acessado em: Janeiro 2012.

RATNASINGAM, J., BENNET, M.C. **Health and safety issues of the Malaysian furniture sector**. IFRG Report No. 17, Singapore, 2009.

REVISTA DA MADEIRA. **A indústria moveleira no contexto internacional**. 1999. V.7 (40). p.29-32.

ROCHA A. **Economia e Finanças Empresariais (EFE) Macroeconomia (Parte 2)**. Revisão Agosto, 2010. São Paulo.

ROCHA, A. **O setor têxtil e o Mercosul: estratégias de internacionalização e gestão**. In: XXI Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ENANPAD), 1997.

RUIZ F.M., JUNIOR F. H. **Exportações Brasileiras de Micro e Pequenas Empresas (Mpe)**. Workshop em Internacionalização de Empresas. São Paulo. 2004.

SCOTT, A. **The Changing Global Geography of Low-Technology, Labor-Intensive Industry: Clothing, Footwear, and Furniture**. *World Development*. Vol. 34, No. 9, pp. 1517-1536. 2006.

SERVIÇO DE ESTATÍSTICA NACIONAL DA CORÉIA. Disponível em: <http://www.furnituretoday.co.kr/news/quickViewArticleView.html?idxno=1406> Acessado em: Janeiro 2012.

TOMASELLI, I e HIRAKURI, S . **A Influência da Crise Econômica e Financeira Global no Setor Florestal do Brasil**. INFORMATIVO STCP, No. 15, pg 5-11, 2011.

TOMASELLI I., NASCIMENTO J. R.. **Como medir y mejorar el clima para inversiones en negocios forestales sostenibles. Series de estudios económicos y sectoriales**. Región II. Banco Interamericano do Desenvolvimento. 58p. 2005.

TOMASELLI I. **Os Preços de Toras de Pinus no Brasil e o Impacto na Competitividade da Indústria**. Revista Referência, Junho de 2012.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL - **Corruption Perceptions Index 2006**. Disponível em: www.transparency.org. Acessado em Dezembro 2011.

TUIK. **Türkiye İstatistik Kurumu**. Disponível em: www.tuik.gov.tr. Acessado em: Janeiro 2012.

UNDP. 2011. **Human Development Report 2004**. Washington, USA. Disponible en: <http://hdr.undp.org> . Acesso em 03 dez. 2011.

US CENSUS BUREAU. **Annual Survey of Manufactures 2004**. Disponível em: http://factfinder.census.gov/servlet/IBQTable?_bm=y&-ds_name=AM0431AS102. Acessado em: Janeiro 2012.

USA INFLATION DATA, Disponível em: http://inflationdata.com/inflation/inflation_rate/historicalinflation.aspx. Acessado em: Novembro 2011.

YEW L. K. **From Third World To First: The Singapore Story: 1965–2000**. New York: Harper Collins. 2000.

WIKTORSKI, T. **Polish Furniture Outlook 2011**. Kietlin, Polônia, 2011. 68p.

ANEXO 1 – DADOS UTILIZADOS PARA O FATOR INFLAÇÃO

TABELA 18 – VALORES SELECIONADOS PARA O FATOR INFLAÇÃO POR ANO E ACUMULADO ENTRE 2001 e 2011 (%)

PAÍS	2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	ACUM.
Alemanha	2,20	1,10	0,30	2,70	2,30	1,70	2,00	1,60	1,10	1,30	1,60	17,90
Áustria	3,30	1,70	0,40	3,20	2,20	1,60	2,30	1,80	1,40	1,80	1,90	21,60
Bélgica	3,10	2,30	0,00	4,50	1,80	2,10	2,80	1,90	1,60	1,70	1,90	23,70
Brasil	6,90	4,90	4,90	5,70	3,60	3,00	6,90	7,60	14,70	8,30	7,70	74,20
Canadá	2,80	1,80	0,30	1,20	2,10	2,00	2,20	1,90	2,80	2,20	2,40	21,70
China	5,40	3,20	-0,70	5,90	4,80	1,50	1,80	4,10	1,20	-0,80	-0,30	26,10
Coréia do Sul	4,20	3,00	2,80	4,70	2,50	2,20	2,80	3,60	3,60	2,80	2,50	34,70
Dinamarca	2,80	2,60	1,30	3,40	1,70	1,80	1,80	1,40	2,10	2,30	2,50	23,70
Eslovênia	1,90	1,80	0,90	5,70	3,60	2,40	2,50	3,30	5,60	7,40	8,00	43,10
Espanha	3,10	2,00	-0,30	4,10	2,80	3,50	3,40	3,20	3,00	3,00	3,60	31,40
Est. Unidos	3,00	1,60	-0,30	3,80	2,90	2,50	3,20	2,50	2,30	1,60	2,80	25,90
França	2,00	1,70	0,10	2,80	1,50	1,50	1,70	2,30	2,10	1,80	1,70	19,20
Holanda	2,30	1,30	1,20	2,50	1,60	1,40	1,70	1,40	2,10	3,40	3,00	21,90
Hungria	3,70	4,90	4,20	6,10	8,00	3,70	3,60	7,00	4,70	5,30	6,70	57,90
Índia	6,80	12,00	10,90	8,30	6,40	5,30	4,20	4,20	3,80	5,40	5,30	72,60
Indonésia	5,70	5,10	4,80	9,90	6,30	13,20	10,50	6,10	6,60	11,90	11,50	91,60
Itália	2,30	1,60	0,80	3,40	1,80	2,30	2,00	2,30	2,70	2,40	2,40	24,00
Japão	0,40	-0,70	-1,40	1,40	0,10	0,30	-0,30	-0,1	-0,30	-0,90	-0,90	-2,40
Lituânia	4,00	0,90	4,50	10,90	5,70	3,80	2,70	1,10	-1,20	0,80	1,00	34,20
Malásia	3,30	1,70	0,60	5,40	2,80	3,80	3,00	1,30	1,10	1,90	1,50	26,40
México	3,50	4,20	3,60	5,10	4,00	3,40	4,00	5,40	4,50	6,40	6,50	50,60
Noruega	1,40	2,50	2,10	3,80	0,80	2,30	1,60	1,00	2,50	1,90	1,30	21,20
Polônia	4,00	2,60	3,50	4,20	2,50	1,30	2,20	3,40	0,70	1,90	6,00	32,30
Portugal	3,20	1,40	-0,80	2,60	2,40	2,50	2,30	2,10	3,30	3,70	3,50	26,20
Reino Unido	4,50	3,30	2,20	3,60	2,30	3,00	2,10	1,40	1,40	2,10	2,30	28,20
Rep. Eslovaca	4,00	1,00	1,60	4,60	2,80	4,40	2,70	7,50	8,60	3,30	7,50	48,00
Rep. Tcheca	1,90	1,50	1,00	6,30	2,90	2,70	1,90	3,20	0,10	0,60	2,25	24,35
Romênia	6,10	6,10	5,60	7,80	4,80	6,80	9,00	9,60	15,30	22,50	34,50	128,10
Suécia	2,50	1,30	-0,30	3,50	2,20	1,40	0,50	0,70	1,90	2,20	1,80	17,70
Suíça	0,40	0,70	-0,50	2,40	0,70	1,20	1,20	0,90	0,60	0,50	1,00	9,10
Tailândia	4,10	3,30	-0,90	5,50	2,20	5,10	4,50	2,80	1,80	0,60	1,60	30,60
Taiwan	1,60	1,00	-0,90	3,50	1,80	1,00	2,30	1,70	-0,30	-0,20	0,50	12,00
Turquia	7,80	8,60	6,30	10,40	8,70	9,80	8,20	9,30	25,30	45,20	42,00	181,60
Vietnã	18,90	9,00	7,00	24,40	8,30	7,50	8,30	9,50	3,10	3,90	-0,30	99,60

Fonte: Cia World Factbook (2011)

ANEXO 2 – DADOS UTILIZADOS PARA O FATOR TAXA DE CÂMBIO

TABELA 19 – VALORES SELECIONADOS PARA O FATOR TAXA DE CÂMBIO (%)

PAÍS	VALORIZAÇÃO DA MOEDA (2002-2011 MÉDIA % ANUAL)
Alemanha	-2,87
Áustria	-2,87
Bélgica	-2,87
Brasil	7,52
Canadá	6,16
China	3,37
Coréia	0,59
Dinamarca	4,98
Eslovênia	-10,60
Espanha	-2,87
Estados Unidos	0,00
França	-2,87
Holanda	-2,87
Hungria	3,36
Índia	0,43
Indonésia	-0,46
Itália	-2,87
Japão	5,27
Lituânia	5,31
Malásia	2,60
México	-2,10
Noruega	4,51
Polônia	5,43
Portugal	-2,87
Reino Unido	0,06
República Eslovaca	-10,57
República Tcheca	11,00
Romênia	1,60
Suécia	4,10
Suíça	6,80
Tailândia	4,92
Taiwan	1,40
Vietnã	-2,48

Fonte: Banco Central do Brasil (2011)

ANEXO 3 – DADOS UTILIZADOS PARA O FATOR CARGA TRIBUTÁRIA

TABELA 20 – VALORES UTILIZADOS PARA O CÁLCULO DO INDICADOR CARGA TRIBUTÁRIA (%/LUCRO)

PAÍS	CARGA TRIBUTÁRIA SOBRE O LUCRO (%)
Alemanha	46,7
Áustria	53,1
Bélgica	57,3
Brasil	67,1
Canadá	28,8
China	63,5
Coréia	29,7
Dinamarca	27,5
Eslovênia	34,7
Espanha	38,7
Estados Unidos	46,7
França	65,7
Holanda	40,5
Hungria	52,4
Índia	61,8
Indonésia	34,5
Itália	68,5
Japão	49,1
Lituânia	43,9
Malásia	34,0
México	52,7
Noruega	41,6
Polônia	43,6
Portugal	43,3
Reino Unido	37,3
República Eslovaca	48,8
República Tcheca	49,1
Romênia	44,4
Suécia	52,8
Suíça	30,1
Tailândia	37,5
Taiwan	35,6
Turquia	41,1
Vietnã	40,1

Fonte: Banco Mundial (2012)

ANEXO 4 – DADOS UTILIZADOS PARA O FATOR CUSTO LOGÍSTICO

TABELA 21 – VALORES UTILIZADOS PARA O CÁLCULO DO INDICADOR CUSTO LOGÍSTICO (US\$)

PAÍS	CUSTO LOGÍSTICO (US\$)
Alemanha	872
Áustria	1180
Bélgica	1429
Brasil	2215
Canadá	1610
China	500
Coréia	680
Dinamarca	744
Eslovênia	710
Espanha	1221
Estados Unidos	1050
França	1078
Holanda	895
Hungria	1015
Índia	1095
Indonésia	644
Itália	1245
Japão	880
Lituânia	870
Malásia	450
México	1450
Noruega	830
Polônia	1050
Portugal	685
Reino Unido	950
República Eslovaca	1560
República Tcheca	1060
Romênia	1485
Suécia	697
Suíça	1537
Tailândia	625
Taiwan	655
Turquia	990
Vietnã	580

Fonte: Banco Mundial (2012)

ANEXO 5 – DADOS UTILIZADOS PARA O FATOR DISTÂNCIA ENTRE PAÍSES

TABELA 22 – VALORES DE DISTÂNCIA MÉDIA UTILIZADOS PARA O INDICADOR DISTÂNCIA PAÍSES (MIL KM)

PAÍS	DISTÂNCIA MÉDIA (KM)
Alemanha	2500
Áustria	2750
Bélgica	2250
Brasil	8250
Canadá	5000
China	9000
Coréia	9250
Dinamarca	2500
Eslovênia	3000
Espanha	3000
Estados Unidos	5750
França	2250
Holanda	2250
Hungria	3250
Índia	8750
Indonésia	12250
Itália	3000
Japão	9500
Lituânia	3250
Malásia	11250
México	7250
Noruega	3000
Polônia	3000
Portugal	3000
Reino Unido	2250
República Eslovaca	3000
República Tcheca	2750
Romênia	3500
Suécia	3000
Suíça	2500
Tailândia	10250
Taiwan	10250
Turquia	4750
Vietnã	10500

Fonte: Google Earth (2012) adaptado pelo autor.

ANEXO 6 – DADOS UTILIZADOS PARA O FATOR CUSTO DA MÃO DE OBRA

TABELA 23 - SALÁRIOS MÍNIMOS DOS PAÍSES (US\$)

PAÍS	SALÁRIO MÍNIMO (US\$)
Áustria	1164
Bélgica	1492
Brasil	286
Canadá	1325
China	173
Coréia	797
Dinamarca	2000
Eslovênia	855
Espanha	911
Estados Unidos	1257
França	1443
Holanda	1606
Hungria	498
Índia	121
Indonésia	148
Japão	944
Lituânia	428
Malásia	109
México	170
Polônia	628
Portugal	618
Reino Unido	1507
República Eslovaca	485
República Tcheca	526
Romênia	320
Suíça	1292
Tailândia	295
Taiwan	994
Turquia	609
Vietnã	85

Fonte: ILO (2011)

ANEXO 7 – FONTE E ANO BASE DOS DADOS UTILIZADOS PARA A QUANTIDADE DE OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA DOS PAÍSES ESTUDADOS

PAÍS	ANO BASE	FONTE
Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Eslovênia, França, Holanda, Hungria, Portugal, Reino Unido, República Eslovaca, República Tcheca, Romênia, Suécia	2006	EUROSTAT, 2012
Brasil	2009	RAIS, 2010
Canadá, 2004	2004	GLOBAL WOOD, 2005
China, 2009	2009	MEIQI, 2010
Coréia, 2009	2009	SERVIÇO DE ESTATÍSTICA NACIONAL DA CORÉIA, 2012
Espanha, 2009	2009	MITYC, 2010
Estados Unidos, 2004	2004	US CENSUS BUREAU, 2004
Índia, 2009	2009	INDIA FURNITURE INDUSTRY, 2011
Indonésia, 2001	2001	SCOTT, 2006
Itália, 2008	2008	FEDERLEGNO ARREDO, 2012
Japão, 2001	2001	SCOTT, 2006
Lituânia, 2009	2009	PROFESINIO MOKYMO METODIKOS CENTRAS, 2008
Malásia, 2008	2008	RATNASINGAM, 2009
México, 2000	2000	LATIN AMERICAN MARKETS, 2012
Noruega, 2002	2002	NIBBR, 2004
Polônia, 2009	2009	WIKTORSKI, 2011
Tailândia, 2006	2006	ARIP, 2007
Turquia, 2009	2009	TUIK, 2012
Vietnã, 2005	2005	GIC, 2006

QUADRO 4 - FONTE E ANO BASE DOS DADOS DE OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA MOVELEIRA UTILIZADOS NA ELABORAÇÃO DO INDICADOR PRODUTIVIDADE

ANEXO 8 – DADOS UTILIZADOS PARA O FATOR PRODUTIVIDADE

TABELA 24 - NÚMERO DE OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DOS PAÍSES

PAÍS	NÚMERO DE OPERÁRIOS	FONTE
Alemanha, 2006	171.000	EUROSTAT, 2012
Áustria, 2006	36.000	EUROSTAT, 2012
Bélgica, 2006	19.000	EUROSTAT, 2012
Brasil, 2009	239.688	RAIS, 2010
Canadá, 2004	102.429	GLOBAL WOOD, 2005
China, 2009	5.000.000	MEIQI, 2010
Coréia, 2009	48.459	SERVIÇO DE ESTATÍSTICA NACIONAL DA CORÉIA, 2012
Dinamarca, 2006	22.000	EUROSTAT, 2012
Eslovênia, 2006	12.000	EUROSTAT, 2012
Espanha, 2009	169.000	MITYC, 2010
Estados Unidos, 2004	555.881	US CENSUS BUREAU, 2004
França, 2006	105.000	EUROSTAT, 2012
Holanda, 2006	30.000	EUROSTAT, 2012
Hungria, 2006	24.000	EUROSTAT, 2012
Índia, 2009	300.000	INDIA FURNITURE INDUSTRY, 2011
Indonésia, 2001	177.800	SCOTT, 2006
Itália, 2008	230.694	FEDERLEGNO ARREDO, 2012
Japão, 2001	114.000	SCOTT, 2006
Lituânia, 2009	24.000	PROFESINIO MOKYMO METODIKOS CENTRAS, 2008
Malásia, 2008	68.000	RATNASINGAM, 2009
México, 2000	150.000	LATIN AMERICAN MARKETS, 2012
Noruega, 2002	9.442	NIBBR, 2004
Polônia, 2009	154.300	WIKTORSKI, 2011
Portugal, 2006	49.000	EUROSTAT, 2012
Reino Unido, 2006	117.000	EUROSTAT, 2012
República Eslovaca, 2006	19.000	EUROSTAT, 2012
República Tcheca, 2006	64.000	EUROSTAT, 2012
Romênia, 2006	98.000	EUROSTAT, 2012
Suécia, 2006	17.000	EUROSTAT, 2012
Tailândia, 2006	122.086	ARIP, 2007
Turquia, 2009	92.567	TUIK, 2012
Vietnã, 2005	200.000	GIC, 2006

Fonte: Diversas

TABELA 25 - PRODUÇÃO DE MÓVEIS DOS PAÍSES (MILHÕES US\$)

PAÍS	PRODUÇÃO DE MÓVEIS (000.000US\$)
Alemanha, 2006	20436
Áustria, 2006	3102
Bélgica, 2006	2321
Brasil, 2009	5073
Canadá, 2004	9320
China, 2009	108753
Coréia, 2009	4905
Dinamarca, 2006	3260
Eslovênia, 2006	1094
Espanha, 2009	7163
Estados Unidos, 2004	59091
França, 2006	9509
Holanda, 2006	3012
Hungria, 2006	1298
Índia, 2009	10920
Indonésia, 2001	2477
Itália, 2008	29406
Japão, 2001	14045
Lituânia, 2009	1066
Malásia, 2008	3531
México, 2000	2671
Noruega, 2002	875
Polônia, 2009	8359
Portugal, 2006	1652
Reino Unido, 2006	10411
República Eslovaca, 2006	834
República Tcheca, 2006	2482
Romênia, 2006	1676
Suécia, 2006	3225
Suíça, 2006	1056
Tailândia, 2006	2235
Taiwan, 2006	2558
Turquia, 2009	4160
Vietnã, 2005	2556

Fonte: CSIL (2011)

ANEXO 9 – DADOS UTILIZADOS PARA O FATOR PRODUTIVIDADE

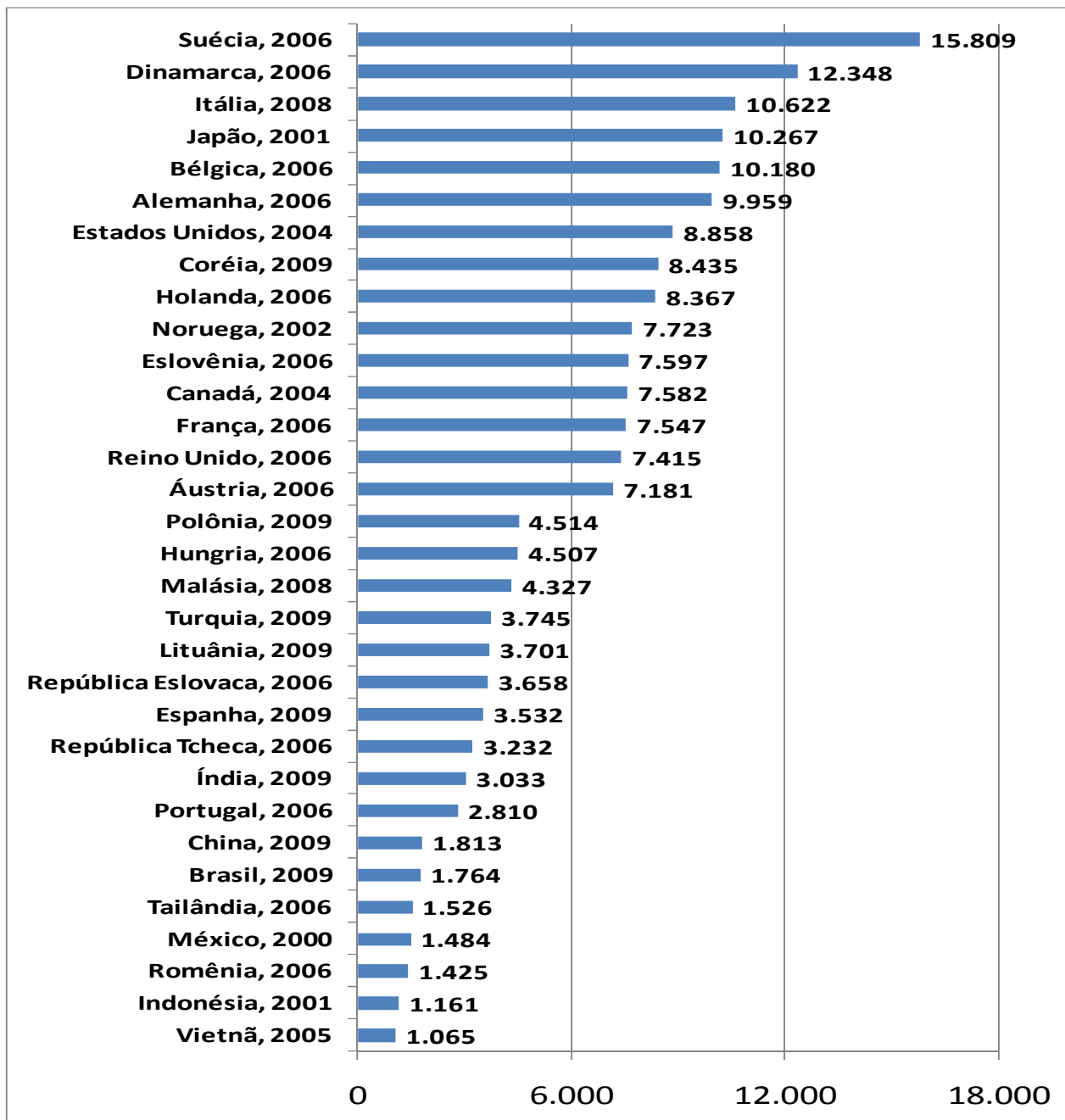


FIGURA 35 – PRODUTIVIDADE POR PAÍS (US\$)

FONTE: O autor (2012)

(-) Dado médio

ANEXO 10 – DADOS UTILIZADOS PARA O FATOR PREÇO DA MATÉRIA PRIMA

TABELA 26 - PREÇOS DE MADEIRA SERRADA (US\$/M³)

PAÍS	MADEIRA SERRADA (US\$/M ³)	
	Madeira de coníferas, serrada, cortada em folhas ou desenrolada, de espessura > 6 mm	Outras madeiras, serradas, cortadas em folhas ou desenroladas, de espessura > 6 mm
Alemanha	263,80	671,06
Áustria	252,82	556,94
Bélgica	253,76	385,33
Brasil (exportação)	228,87	510,08
Canadá	-	100,48
China	194,68	335,86
Coréia (2009)	303,40	735,67
Dinamarca	263,80	671,04
Eslovênia	217,79	408,59
Espanha	-	-
Estados Unidos	147,10	275,05
França	174,75	178,15
Holanda	256,11	596,71
Hungria	263,80	671,05
Índia	263,81	664,85
Indonésia	263,80	671,14
Itália	237,99	411,44
Japão	266,91	849,81
Lituânia	54,72	334,76
Malásia	46,13	236,81
México	-	236,96
Noruega	362,97	542,48
Polônia	263,80	671,10
Portugal	409,51	805,06
Reino Unido	229,22	134,79
Rep. Eslovaca (2008)	-	-
República Tcheca	61,82	144,63
Romênia	290,63	636,65
Suécia	263,80	624,05
Suíça	440,49	1.225,84
Tailândia	56,21	77,38
Taiwan (2005)	198,47	293,39
Turquia	160,12	387,34
Vietnã (2007)	281,95	646,59

Fonte: MDIC Radar Comercial (2012) ano base 2010 adaptado pelo autor.

(2009) Dado encontrado ano base 2009

(2008) Dado encontrado ano base 2008

(2007) Dado encontrado ano base 2007

(2005) Dado encontrado ano base 2005

(exportação) Dados de exportação